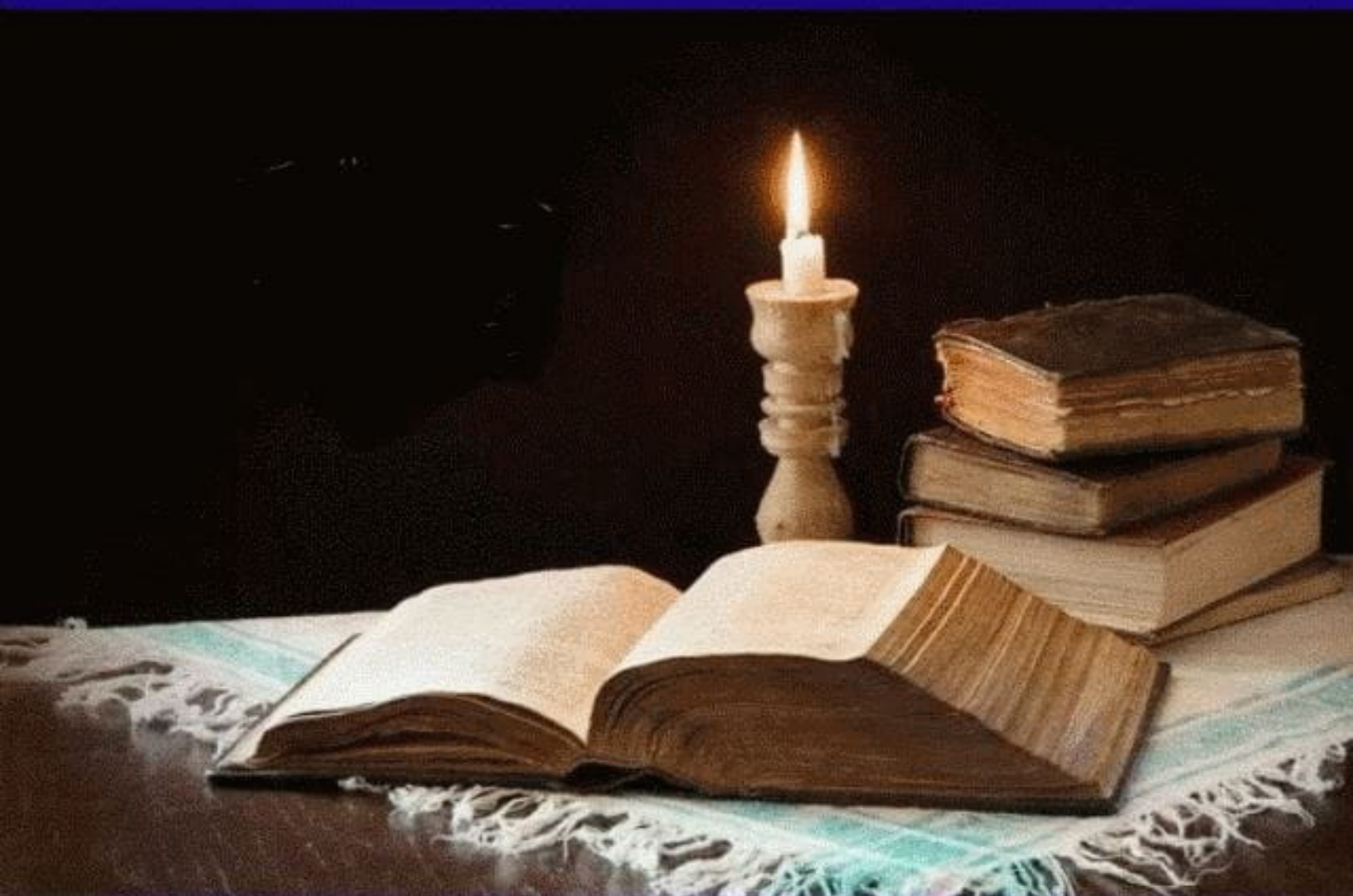


*MEDITAÇÕES*  
*TEMPO COMUM*  
*(Semanas VIII a XIV)*



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES  
TEMPO COMUM  
(SEMANAS VIII a XIV)**

**FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM**

[opusdei.org/pt-pt](http://opusdei.org/pt-pt)

## **Meditações Tempo Comum**

1. VIII domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
2. Segunda-feira da VIII semana do Tempo Comum
3. Terça-feira da VIII semana do Tempo Comum
4. Quarta-feira da VIII semana do Tempo Comum
5. Quinta-feira da VIII semana do Tempo Comum
6. Sexta-feira da VIII semana do Tempo Comum
7. Sábado da VIII semana do Tempo Comum
8. Segunda-feira da IX semana do Tempo Comum
9. Terça-feira da IX semana do Tempo Comum
10. Quarta-feira da IX semana do Tempo Comum
11. Quinta-feira da IX semana do Tempo Comum
12. Sexta-feira da IX semana do Tempo Comum
13. Sábado da IX semana do Tempo Comum
14. X domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
15. Segunda-feira da X semana do Tempo Comum
16. Terça-feira da X semana do Tempo Comum
17. Quarta-feira da X semana do Tempo Comum
18. Quinta-feira da X semana do Tempo Comum
19. Sexta-feira da X semana do Tempo Comum
20. Sábado da X semana do Tempo Comum
21. XI domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

22. XI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
23. Segunda-feira da XI semana do Tempo Comum
24. Terça-feira da XI semana do Tempo Comum
25. Quarta-feira da XI semana do Tempo Comum
26. Quinta-feira da XI semana do Tempo Comum
27. Sexta-feira da XI semana do Tempo Comum
28. Sábado da XI semana do Tempo Comum
29. XII domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
30. XII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
31. Segunda-feira da XII semana do Tempo Comum
32. Terça-feira da XII semana do Tempo Comum
33. Quarta-feira da XII semana do Tempo Comum
34. Sexta-feira da XII semana do Tempo Comum
35. Sábado da XII semana do Tempo Comum
36. XIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
37. Segunda-feira da XIII semana do Tempo Comum
38. Terça-feira da XIII semana do Tempo Comum
39. Quarta-feira da XIII semana do Tempo Comum
40. Quinta-feira da XIII semana do Tempo Comum
41. Sexta-feira da XIII semana do Tempo Comum
42. Sábado da XIII semana do Tempo Comum
43. XIV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
44. Segunda-feira da XIV semana do Tempo Comum

45. Terça-feira da XIV semana do Tempo Comum
46. Quarta-feira da XIV semana do Tempo Comum
47. Quinta-feira da XIV semana do Tempo Comum
48. Sexta-feira da XIV semana do Tempo Comum
49. Sábado da XIV semana do Tempo Comum

## VIII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no VIII domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: importância da formação para o apostolado; olhar primeiro para os próprios defeitos; purificar o nosso coração para dar bons frutos.*

### Sumário

- Importância da formação para o apostolado.
- Olhar primeiro para os próprios defeitos.
- Purificar o nosso coração para dar bons frutos.

---

«PODERÁ UM CEGO guiar outro cego? – interroga-se Jesus, de modo retórico, na sua pregação –. Não cairão os dois nalguma cova?» (Lc 6, 39). Se recordamos que o Senhor tinha dito também que o olho é a lâmpada do corpo (cf. Mt 6, 22), este ensinamento adquire uma relevância importante para a nossa tarefa apostólica.

A um cego não serve receber orientação de outro cego, mesmo que este tivesse uma intenção generosa; os olhos fechados precisam de ter por perto uns olhos sábios que vejam o caminho com clareza. E essa ciência imprescindível para guiar outros não se alcança por geração espontânea: o Espírito Santo, com a sua assistência, conta também com a nossa própria preparação para levar a cabo a missão. Um olhar de fé que nos permite “guiar” com sabedoria outras pessoas adquire-se com uma formação adequada. Assim o expressava o profeta Isaías: «*discite benefacere*» (Is 1, 17), aprendei a fazer o bem; «é inútil que uma doutrina seja maravilhosa e salvadora, se não existirem homens capacitados que a levem à prática»<sup>[1]</sup>.

A formação pessoal não se improvisa, requer tempo e dedicação. Necessitamos de manter vivo o desejo de conhecer melhor a nossa fé. Esta atitude aberta e jovem só se mantém no tempo com humildade de coração. Nunca somos completamente “mestres”, porque continuamos sempre a ser

“discípulos”. Um bom mestre é aquele que nunca deixa de aprender, o melhor guia é aquele que melhor se deixa guiar. Muitos daqueles «guias cegos» (Mt 23, 16), portanto, são aqueles que, desconhecendo os seus próprios limites, pensam que ninguém lhes pode ensinar algo de novo. No final da sua vida, S. Josemaria explicava-o dizendo: «Nós nunca dizemos basta. A nossa formação não termina nunca: tudo o que recebestes até agora é fundamento para o que virá depois»<sup>[2]</sup>. Sobretudo, nunca podemos dar por acabada a ação progressiva do Espírito Santo na nossa alma, que procura identificá-la com o modo de ser de Cristo.

---

NUMA SEGUNDA parábola o Senhor volta a utilizar a metáfora dos olhos. Nesta ocasião, o olho está irritado por um corpo estranho que incomoda a visão. «Porque vês o argueiro que o teu irmão tem na vista e não reparas na trave que está na tua?» (Lc 6, 41-42). Jesus sublinha a necessidade da purificação pessoal para ver com clareza, em primeiro lugar, o nosso próprio coração, e depois poder ver os outros. Não é difícil cair neste perigo de justificar uma imperfeição própria – a trave –, ao mesmo tempo que dirigimos toda a nossa atenção e condenamos um defeito alheio, talvez insignificante – o argueiro –. «Parece, na verdade, que o conhecimento de si mesmo é o mais difícil de todos – afirma S. Basílio –. Nem o olho que vê as coisas exteriores se vê a si mesmo; e o nosso próprio entendimento, pronto para julgar o pecado de outro, é lento para perceber os seus próprios defeitos»<sup>[3]</sup>.

Cristo indica a ordem adequada para ter uma visão real das coisas: «Tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás para tirar o argueiro da vista do teu irmão» (Lc 6, 43). Como evitar cair em juízos sobre os defeitos alheios? Sto. Agostinho oferece uma solução simples e começa por nos fazer a pergunta: «Nunca caímos nesta falta? Curámo-nos dela? Mesmo que nunca a tivéssemos cometido, lembremo-nos que somos humanos e que podíamos ter caído nela»<sup>[4]</sup>. O Senhor sugere-nos que, antes de julgar os outros, olhemos para o nosso interior, reconhecendo as nossas fragilidades e deixando nas mãos de Deus a delicada tarefa de julgar. «O primeiro passo: pede ao Senhor a graça de uma conversão (...). Quantas coisas podemos dizer de nós mesmos? E então poupemos os comentários sobre o próximo e

façamos comentários sobre nós. Assim daremos deveras «o primeiro passo por este caminho da magnanimidade»<sup>[5]</sup>.

---

UMA TERCEIRA parábola breve que encontramos no Evangelho diz assim: «Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto. Cada árvore conhece-se pelo seu fruto: não se colhem figos dos espinheiros, nem se apanham uvas das sarças» (cf. Lc 6, 43-44). No âmbito do seu ensinamento sobre a pureza de intenção, o Senhor assegura que todas as nossas obras têm a sua raiz no coração. Da mesma maneira que os frutos nos dão a conhecer a árvore donde procedem, também as obras revelam o fundo da alma. «O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem; e o homem mau, da sua maldade, tira o mal» (cf. Lc 6, 45). Para lá das manifestações externas, o que é realmente determinante são as disposições interiores. O valor das nossas ações determina-se no coração, que, como lhe chama o Catecismo da Igreja, «é o lugar da decisão» e «da verdade»<sup>[6]</sup>.

«Os defeitos do homem aparecem nas suas palavras, (...) A palavra manifesta o que vai no coração» (Sir 27, 4-6), diz a Sagrada Escritura. E Jesus acrescenta: «A boca fala da abundância do coração» (Lc 6, 45). É algo que se verifica com a nossa experiência. Basta prestar atenção aos temas de uma conversa para perceber aquilo que se tem dentro, o que preocupa ou enche de alegria. Por isso, ao refletir sobre as nossas conversas podemos descobrir egoísmos, ressentimentos ou invejas que não nos aliviam o coração.

Santa Maria guardava no seu interior as palavras e os gestos do seu Filho; por isso, dos seus lábios só surgiam conversas de consolo para os que a rodeavam. Ela pode ajudar-nos a, seguindo os ensinamentos de Jesus, formar-nos melhor e não julgar os outros, alegrando-nos com os dons que Deus lhes concedeu.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cartas* 11, n. 19.



[2] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 18/06/1972.

[3] S. Basílio, *Catena aurea*, Comentário a Lc 6, 39-42.

[4] Sto. Agostinho, *Explicação do Sermão da Montanha*, 19.

[5] Francisco, Meditação matutina de 11/09/2015.

[6] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2563.

## Segunda-feira da VIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da VIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: os mandamentos são o caminho para a felicidade; em Cristo, Deus sai ao nosso encontro; podemos aceitar ou não o convide de Jesus.*

### Sumário

- Os mandamentos são o caminho para a felicidade.
- Em Cristo, Deus sai ao nosso encontro.
- Podemos aceitar ou não o convide de Jesus.

---

«Bom Mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?» (Mc 10, 17). Assim começa a conversa entre Jesus e um jovem que vem ter com Ele. Esta pergunta fundamental que o jovem faz a Jesus de joelhos, é a mesma que «foi dirigida ao longo dos séculos a Cristo por inúmeras gerações de homens e mulheres, jovens e anciãos (...) É a interrogação fundamental de todo o cristão»<sup>[1]</sup> e de todo o ser humano. O que este jovem anseia é aquilo que todos nós desejamos: ser felizes na terra e depois no Céu.

Conhecemos a resposta de Cristo: «Tu sabes os mandamentos» (Mc 10, 19). Primeiro, Jesus confirma-lhe que deve estar atento aos ecos da lei que Deus inscreveu no seu coração e que revelou ao seu povo. O Senhor «com delicado tato pedagógico, responde conduzindo o jovem quase pela mão, passo a passo, em direção à verdade plena»<sup>[2]</sup>. O remédio para a sede de sentido que albergava o seu coração é preciso: vive de acordo com os mandamentos, fá-los vida da tua vida.

Os mandamentos são o caminho para a felicidade que Deus planeou para os seus filhos. Embora alguns deles venham formulados com o advérbio "não", que serve para estabelecer facilmente os limites do bem e do mal, os mandamentos são um "sim" a Deus, ao Seu amor. São também

um "sim" às outras pessoas, porque o amor ao próximo vem de um coração que está disposto a entregar-se. São, por fim, um "sim" a nós próprios. Mais do que uma meta, são «a *primeira etapa necessária no caminho para a liberdade*»<sup>[3]</sup>. Com os mandamentos, Deus quer educar na verdadeira liberdade: «Nosso Senhor convida-nos e anima-nos a escolher o bem, porque nos ama profundamente»<sup>[4]</sup>.

---

O JOVEM ouviu atentamente Jesus e respondeu-lhe com entusiasmo: «Mestre, tudo isso tenho eu cumprido desde a juventude». Naquele momento, sublinha o evangelista, «Jesus olhou para ele com simpatia» (Mc 10, 20-21). Naquele sereno olhar de Cristo refletia-se o brilho do amor de Deus pelos homens; neste olhar «está contido quase como um resumo e síntese de toda a Boa Nova»<sup>[5]</sup>.

A felicidade autêntica nasce quando descobrimos que Deus nos procura e vem ao nosso encontro. Deus «na sua misericórdia imensa, supera o abismo da diferença infinita entre Ele e nós, vem ao nosso encontro. Para realizar esta comunicação com o homem, Deus faz-se homem: para Ele não é suficiente falar connosco mediante a lei e os profetas, mas torna-se presente na pessoa do seu Filho, a Palavra feita carne. Jesus é o grande “construtor de pontes”, que constrói em si mesmo a grande ponte da comunhão plena com o Pai»<sup>[6]</sup>.

«Falta-te uma coisa – continuou Jesus a dizer ao jovem –: vai vender o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me» (Mc 10, 21). O Senhor «não pretende impor-se»<sup>[7]</sup>, convida-o, simplesmente. O Senhor não se cansa de olhar para nós e espera pacientemente a nossa resposta. «Quero que sejais felizes – dizia S. Josemaria numa reunião familiar –, e peço-o a Nosso Senhor com toda a minha alma. Mas se quereis ser felizes, tendes de estar dispostos a seguir o Senhor, colocando os pés onde Ele os colocou»<sup>[8]</sup>.

---

NAQUELE MOMENTO, lamentavelmente, o jovem rico não aceitou o convite de Jesus. Encheu-se de tristeza e virou as costas para regressar à sua rotina habitual. Os evangelistas são unânimes no seu diagnóstico da causa

da rejeição: o jovem «era muito rico» (Mc 10, 22; cf. Mt 19, 22 e Lc 18, 23). O apego às coisas que possuía impediram-no de dar o passo de amor para com Jesus. Não teve a soltura suficiente para se desprender delas e adquirir um bem muito maior. «O Evangelho conta que *abiit tristis*, que se retirou entristecido. Por isso, alguma vez lhe chamei a *ave triste* – pregava S. Josemaria –: perdeu a alegria, porque se negou a entregar a liberdade a Deus»<sup>[9]</sup>.

Uma nuvem de desânimo paira agora sobre a atmosfera de alegria que tinha sido criada. «Só nós, homens (...), nos unimos ao Criador pelo exercício da nossa liberdade, podendo prestar ou negar a Nosso Senhor a glória que lhe corresponde como Autor de tudo o que existe. Essa possibilidade é a principal componente do claro-escuro da liberdade humana»<sup>[10]</sup>. Os santos, por seu lado, deixaram-se mover pelo Espírito Santo e a sua liberdade foi assim ampliada; não se deixando atar pelas coisas da terra, tornaram-se leves para se moverem ao passo de Deus.

Seguir Jesus supõe imitar o seu estilo de vida simples. A pobreza «acompanhou Cristo na cruz, com Cristo foi sepultada, com Cristo ressuscitou, com Cristo ascendeu ao céu; as almas que se apaixonam por ela recebem, mesmo nesta vida, leveza para voar para o céu»<sup>[11]</sup>. Maria, ao ser cheia de graça, era também cheia de liberdade. A Ela podemos pedir que não nos deixemos levar por outros bens que não são o bem maior: seguir de perto o seu filho Jesus.

---

## NOTAS

[1] S. João Paulo II, Homilia 12/10/1997.

[2] S. João Paulo II, *Veritatis Splendor*, n. 8.

[3] *Ibid.*, n. 13.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 24.

[5] S. João Paulo II, Carta aos Jovens, 31/03/1985, n. 7.

[6] Francisco, *Angelus*, 06/09/2015.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 24.

[8] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 26/05/1974.

[9] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 24.

[10] *Ibid.*

[11] S. Francisco de Assis, *Fioretti*, n. 13.

## Terça-feira da VIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da VIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus apela ao desprendimento; deixar “tudo” inclui também aspetos interiores; Deus não se deixa vencer em generosidade.*

### Sumário

- Jesus apela ao desprendimento.
- Deixar “tudo” inclui também aspetos interiores.
- Deus não se deixa vencer em generosidade.

---

O DESENLACE do encontro com o jovem rico talvez tenha deixado tocado o ânimo dos apóstolos. O comportamento do jovem dá ocasião a Jesus de expor o valor do desprendimento. Cristo precisa de discípulos leves de bagagem, para serem movidos pelo Espírito Santo, discípulos com o coração disposto a deixar-se preencher por Ele; porque, como diz Santa Teresa de Calcutá, «nem sequer Deus pode colocar algo num coração que já está cheio»<sup>[1]</sup>. A missão apostólica exige uma preciosa liberdade de coração.

«Em verdade vos digo – começou Jesus a dizer – que quem deixar casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, juntamente com perseguições, e, no tempo futuro, a vida eterna» (Mc 10, 29-30). Os apóstolos ficaram pensativos ao ouvir o Mestre. Viram durante o tempo que estiveram com Ele o que significa a pobreza do Senhor, que não tem sequer um lugar «onde reclinar a cabeça» (Mt 8, 20). São testemunhas de que Jesus Cristo «sendo rico se fez pobre» (2 Cor 8, 9).

«Jesus é rico de confiança ilimitada em Deus Pai, confiando-Se a Ele em todo o momento, procurando sempre e apenas a sua vontade e a sua

glória. É rico como o é uma criança que se sente amada e ama os seus pais, não duvidando um momento sequer do seu amor e da sua ternura (...). Foi dito que a única verdadeira tristeza é não ser santos; poder-se-ia dizer também que só há uma verdadeira miséria: é não viver como filhos de Deus e irmãos de Cristo»<sup>[2]</sup>.

---

«O SANTO é justamente aquele homem, aquela mulher que, respondendo com alegria e com generosidade à chamada de Cristo, deixa tudo para O seguir»<sup>[3]</sup>. Podíamos pensar que para Pedro e para vários dos apóstolos, aquele "tudo" a que renunciaram não eram demasiadas coisas: um barco velho, uma casa simples, e pouco mais. No entanto, comenta S. Gregório Magno, «aquele que abandonou tudo deixou muito, mesmo que seja pouco»<sup>[4]</sup>. Além disso, fizeram-no prontamente. Não se sentaram a calcular os *prós* e os *contras*, porque não era o importante.

Mas na realidade deixar “tudo” pressupõe principalmente reorientar o mais interior, os próprios sentimentos, a vontade, as decisões sobre o futuro, os planos e ideias. É isso que conta verdadeiramente, o que constitui a verdadeira leveza para caminhar com Deus; e foi isso que fizeram aqueles primeiros discípulos. «Porque não deixou tudo quem ainda está preso, mesmo que apenas a si mesmo. Mais ainda, é inútil ter deixado tudo exceto a si mesmo, porque não há fardo mais pesado para o homem do que o seu próprio eu»<sup>[5]</sup>.

Deixar tudo pressupõe aceitar o convite de Jesus para nos enchermos cada vez mais da sua vida divina. «A chamada de Deus, o carácter batismal e a graça fazem com que cada cristão possa e deva encarnar plenamente a fé. Cada cristão deve ser *alter Christus, ipse Christus*, presente entre os homens»<sup>[6]</sup>. Esse abandono não é uma negação das nossas características pessoais ou dos nossos bons anseios: é, antes, encher-nos de Deus, permitir que Ele toque com o seu Evangelho cada aspeto da nossa vida.

---

O PRÉMIO que Cristo promete à entrega dos apóstolos – cem vezes mais e a vida eterna – excede absolutamente o que eles podiam imaginar. Assim o anunciara o Livro da Sabedoria: «O Senhor deu aos santos o

prémio dos seus trabalhos e conduziu-os por um caminho cheio de prodígios; de dia, ela serviu-lhes de sombra e, de noite, de astro flamejante» (Sb 10, 17).

«Este “cêntuplo” é composto pelos bens antes possuídos e depois deixados, mas que se encontram multiplicados ao infinito. Privando-nos dos bens, recebemos o benefício do verdadeiro bem; libertamo-nos da escravidão dos bens e adquirimos a liberdade do serviço por amor; renunciámos à posse e alcançamos a alegria do dom. Aquilo que Jesus dizia: “Há maior felicidade em dar do que em receber” (cf. At 20, 35) (...). Somente acolhendo o amor do Senhor com gratidão humilde poderemos libertar-nos da sedução dos ídolos e da cegueira das nossas ilusões. O dinheiro, o prazer e o sucesso deslumbram, mas depois dececionam: prometem a vida mas causam a morte. O Senhor pede-nos que nos desapeguemos destas falsas riquezas para entrar na vida verdadeira, na vida plena, autêntica, luminosa»<sup>[7]</sup>.

«Se nós formos um bocadinho generosos – dizia S. Josemaria –, é sempre o Senhor a vencer: dá-nos muito mais do que o que nós lhe damos. Ficamos sempre a ganhar: é uma carta que se pode jogar bem»<sup>[8]</sup>. E recorria à intercessão de Santa Maria: «Peço à Mãe de Deus que nos saiba sorrir, que nos queira sorrir, e sorrir-nos-á. E, além disso, multiplicará na terra a vossa generosidade com mil por um. Não só cem por um: mil por um!»<sup>[9]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Sta. Teresa de Calcutá, *Não há amor maior*, Ed. Livros do Brasil, Lisboa 2003.

[2] Francisco, Mensagem para a Quaresma de 2014, 26/12/2014.

[3] Bento XVI, Homilia, 15/10/006.

[4] S. Gregório Magno, Homilia 5 sobre o Evangelho.

[5] S. Pedro Damiano, Sermão 9.



[6] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 58.

[7] Francisco, *Angelus*, 11/10/2015.

[8] S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 13/04/1974.

[9] S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 19/11/1972.

## Quarta-feira da VIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da VIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o sentido da dor; beber o cálice do Senhor; o orgulho de servir.*

### Sumário

- O sentido da dor.
- Beber o cálice do Senhor.
- O orgulho de servir.

---

PROVAVELMENTE um dos episódios mais desconcertantes para os Apóstolos foi o anúncio da Paixão por Jesus. Não entendiam porque é que o Mestre, que realizava grandes milagres e atraía as pessoas, dizia de si mesmo que seria entregue aos sumos sacerdotes, açoitado e condenado à morte (cf. Mc 10, 32-45). Talvez alguns considerassem isso um absurdo: «Porque antecipa Jesus algo tão terrível? Se sabe que isto vai acontecer, porque não faz alguma coisa para evitar esse trágico fim?». Estas perguntas também nós as fazemos quando sentimos o toque da dor, seja física, espiritual ou uma mistura de ambas. Efetivamente, muitas vezes não compreendemos porque Deus permite que aconteçam desgraças no mundo e na nossa própria vida. E podemos pensar, como os Apóstolos, que o lógico seria que o Senhor fizesse todo o possível para que não acontecessem.

Não existe uma resposta que possa satisfazer plenamente estas perguntas: o sentido da dor permanecerá sempre, em larga medida, um mistério. No entanto, podemos dirigir o nosso olhar para a Paixão, como aprendemos dos santos. Talvez tivesse sido mais lógico que Deus, para nos redimir do pecado, tivesse feito uma demonstração de força para acabar com as injustiças e o mal. Contudo, fê-lo através do *fracasso* da cruz: «Permite que o mal se desencadeie sobre Ele e assume-o sobre si para o derrotar»<sup>[1]</sup>. E quando tudo parecia perdido, quando já tinham decorrido três dias da sua morte, Deus intervém e ressuscita o seu Filho. A semente da

salvação enraíza-se segundo os tempos e os modos da providência. «Jesus, que quis passar por este caminho, chama-nos a segui-lo na sua vereda de humilhação. Quando, em certos momentos da vida, não encontramos saída para as nossas dificuldades, quando precipitamos na escuridão mais densa, é o momento da nossa humilhação e despojamento total, a hora em que experimentamos que somos frágeis e pecadores. É precisamente então, naquele momento, que não devemos disfarçar a nossa derrota, mas abrir-nos confiantes à esperança em Deus, como fez Jesus»<sup>[2]</sup>.

---

O ANÚNCIO da Paixão contrasta com os desejos dos Apóstolos. Jesus fala de dor e de derrota. Em contrapartida, Tiago e João aproximam-se dele e dizem-lhe: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda» (Mc 10, 35). Contudo, o Senhor não lhes censura essas aspirações. E mais, pode ser compreensível imaginar que inclusive sentiu uma certa satisfação, porque de algum modo os dois irmãos tinham entendido que não existe maior ambição do que a de passar toda a vida junto d'Ele. Mas, ao mesmo tempo, responde-lhes: «Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu bebo e receber o batismo com que Eu sou batizado?» (Mc 10, 38). Jesus tem paciência e dialoga com os Apóstolos para que vão entendendo cada vez melhor a vida que os espera ao seguir o Seu caminho. Nem tudo vai ser tão simples como naqueles momentos. Diante dos constantes milagres e do entusiasmo das pessoas, talvez possam pensar que nada de mal lhes poderia acontecer. Por isso, o Senhor corrige a abordagem dos discípulos: num mundo marcado pelo pecado e pela influência das forças do diabo, não há glória sem cruz.

Tiago e João respondem sem duvidar à pergunta de Cristo: «Podemos» (Mc 10, 39). Provavelmente não estavam totalmente conscientes do que acabavam de dizer. Como um apaixonado, sentir-se-iam capazes de realizar as loucuras que fossem necessárias de forma a alcançar o amor que dava sentido às suas vidas. E Jesus, com efeito, reconhece que assim será: «Bebereis o cálice que Eu bebo e sereis batizados com o batismo com que Eu sou batizado» (Mc 10, 39). Apesar de em alguns momentos os Apóstolos não serem fiéis e inclusive cederem às ciladas do maligno, no fim acabarão por beber esse cálice e darão a sua vida pelo Evangelho. Apesar de a escuridão ter a sua *hora* na existência humana, o Senhor vence

a morte e é Senhor da história. «Não é presunção afirmar *possumus!* – dizia S. Josemaria –. Jesus Cristo ensina-nos este caminho divino e pede-nos que o empreendamos porque Ele o tornou humano e acessível à nossa fraqueza. Por isso se rebaixou tanto»<sup>[3]</sup>. Jesus não só nos dá exemplo, como nos acompanha sempre e nos dá a sua graça para que, como os Apóstolos, possamos beber o cálice que nos leva a aceder às fontes da glória.

---

OS OUTROS Apóstolos indignaram-se perante a pergunta de Tiago e João. Talvez alguns os tenham criticado por se preocuparem em procurar a glória quando Jesus tinha acabado de anunciar a sua condenação à morte. Mas é possível que outros sentissem outro tipo de indignação, a de sentir que os outros eram melhores, por talvez também ambicionarem um lugar próximo do Mestre na glória, e esses dois se estarem a antecipar. Jesus, conhecendo estes pensamentos, reuniu todos e disse-lhes: «Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos» (Mc 10, 44).

O Senhor rompeu assim os esquemas dos apóstolos. A grandeza não é dada pelo poder ou pelo reconhecimento, mas pelo desejo de servir e pela sua efetiva realização. O critério pelo qual alguém é grande aos olhos de Deus não é a sua capacidade de influenciar ou de dominar, mas o amor com o qual trata os outros e que se concretiza no serviço. Esta é a lógica que faz da nossa existência um sinal da beleza e da alegria de viver junto de Jesus: empregar os talentos que Ele nos deu para fazer felizes os que nos rodeiam. Portanto, podemos pensar: em que medida aquilo que realizo é expressão – na motivação ou no modo de o fazer – de um gesto de caridade, de serviço?

D. Álvaro del Portillo recordava numa ocasião um aspeto da vida de S. Josemaria: «Quantas vezes ouvi o Padre dizer: “O meu orgulho é servir!”. Este orgulho de servir os outros – alma sacerdotal – incutiu-no-lo o Padre de mil modos diferentes: com a sua pregação constante e com inumeráveis factos concretos, grandes e pequenos; como o de não se deixar ajudar nas coisas de cada dia, repetindo as palavras de Jesus: “*Non veni ministrari, sed ministrare*” (não vim para ser servido, mas para servir); ou de mandar gravar ou escrever, em lápides ou em telas: “Para servir, servir”»<sup>[4]</sup>. A Virgem Maria também teve esse orgulho em servir – «Eis a serva do

Senhor» – que a levou a ser feliz e a conquistar o próprio Deus: «O meu espírito se alegra em Deus meu Salvador: porque pôs os olhos na humildade da sua serva» (Lc 1, 47-48).

---

## NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 16/04/2014.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 15.

[4] Bto. Álvaro del Portillo, *Instrução* maio de 1935 / 14 de setembro de 1950, nota 14.

## Quinta-feira da VIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da VIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: um cego à beira do caminho; a cura do coração; uma atitude, fruto da fé.*

### Sumário

- Um cego à beira do caminho.
- A cura do coração.
- Uma atitude, fruto da fé.

---

AO PARTIR de Jericó, Jesus, rodeado pelos seus discípulos e por uma grande multidão, um cego chamado Bartimeu, encontra-se «sentado à beira do caminho, a pedir esmola» (Mc 10, 46). Habitado talvez a um ambiente mais tranquilo, Bartimeu fica curioso com a agitação do lugar. Não vê nada, mas podemos imaginar o que ouve: o tumulto da multidão que se aproxima, os passos na areia, as queixas dos que lhe dizem que desocupe o caminho e muitos outros pormenores que, devido à sua cegueira, aprendeu a perceber pelo ouvido. Embora se sinta limitado, mantém-se atento à realidade: o seu coração é sensível e não pára de procurar. Quando descobre que a causa do tumulto é Jesus de Nazaré, não hesita em começar a gritar: «Jesus, Filho de David, tem misericórdia de mim!» (Mc 10, 47). Reage com um grito que não é apenas um pedido de misericórdia, mas também uma confissão: ouviu “Jesus de Nazaré”, mas proclama-o como “Filho de David”, antecipando as aclamações do povo quando o Senhor entrar em Jerusalém. Isto mostra que os seus sentidos internos estavam de algum modo preparados para reconhecer o Mestre.

As palavras de Bartimeu, porém, não foram bem recebidas pelos presentes: «Muitos repreendiam-no para o fazer calar» (Mc 10, 48). Não sabemos por que motivo as pessoas não queriam que ele falasse. Talvez pensassem que aquele cego só queria uma esmola, ou que o Mestre não tinha tempo a perder com alguém como ele. Apesar de todas as censuras,

Bartimeu não se deixa levar pelo ambiente. Sabia que o Messias esperado estava a passar diante dele e não podia deixar escapar esta oportunidade. «Não te dá vontade de gritar, a ti, que também estás parado na berma do caminho, desse caminho da vida, que é tão curta, a ti, a quem faltam luzes, a ti, que precisas de mais graça para decidires buscar a santidade? Não sentes a urgência de clamar: “Filho de David, tem misericórdia de mim”? Que bela jaculatória para repetires com frequência!»<sup>[1]</sup>.

---

A REAÇÃO de Jesus deve ter surpreendido os que O acompanhavam: parou e mandou-o chamar. Acaba de ouvir uma súplica cheia de fé e quer falar com aquele homem, aproximar-se dele, ouvi-lo, saber o que ele quer. Todos os seus sentidos se dirigem para Bartimeu. Quando as pessoas que o rodeavam tentaram silenciar o cego, o Senhor respondeu chamando-o. Não o incomoda que lhe peçamos ajuda, porque ele veio precisamente para nos salvar, para curar os nossos sentidos com os Seus.

Entretanto, Bartimeu, que não tinha cessado de gritar, ouve palavras que revigoram a sua esperança: «Coragem, levanta-te, que Ele chama-te» (Mc 10, 49). A sua insistência já deu o seu primeiro fruto, e não foi a cura da sua cegueira. «Um tremor apodera-se do seu coração, porque ele se apercebe de que é olhado pela Luz, por aquela luz quente que nos convida a não ficarmos fechados na nossa cegueira escura. A presença próxima de Jesus permite sentir que, longe dele, falta qualquer coisa de importante. Ele faz-nos sentir necessitados de salvação, e este é o início da cura do coração»<sup>[2]</sup>.

Quando ouviu que o Mestre o chamava, Bartimeu agiu com decisão: «Atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus» (Mc 10, 50). Aquela capa não era apenas o que o cego possuía: era a sua *casa*, o lugar onde se deitaria para passar a noite ou o refúgio para se proteger do mau tempo. Contudo, perante essa chamada do Senhor, soube reconhecer o que verdadeiramente importa. «Não te esqueças – comentava S. Josemaria – de que, para chegar até Cristo, é preciso o sacrifício. Deitar fora tudo o que estorva»<sup>[3]</sup>. Embora pareça que Bartimeu estava a cometer uma loucura, ao renunciar ao pouco que tinha, no fundo estava a fazer o que era mais sensato: aproximar-se d'Aquele que lhe pode devolver a *capa* da sua humanidade, que ficara rasgada pela cegueira. Na pessoa de Jesus,

Bartimeu encontra a sua nova casa, o seu novo refúgio que vai sarar a sua humanidade ferida. Pela graça dos sacramentos, o próprio Jesus renova esse oferecimento. Nessa mediação da Igreja, voltamos a ouvir estas palavras: «Coragem, levanta-te, que Ele chama-te» (Mc 10, 49).

---

LOGO QUE Bartimeu se encontra cara a cara com Jesus, o Mestre pergunta-lhe: «Que queres que te faça?» (Mc 10, 51). A fé do cego podia ter vacilado em vários momentos da sua vida e talvez ainda fosse débil, sem o saber bem. «É evidente o que quero, podia ter pensado. Se este homem é o Messias, devia saber...». Mas Bartimeu não cria esses problemas e responde simplesmente: «Mestre, que eu veja» (Mc 10, 51).

Cristo escuta o pedido do cego e não o recusa. Tinha desejado acolher a sua debilidade, mas parece que desejava com mais intensidade receber esse ato de fé na sua capacidade para o curar e reconhecer Quem era. «Disse-lhe então: “Vai, a tua fé te salvou”. E imediatamente recuperou a vista» (Mc 10, 52). Com estas palavras, Jesus interpreta com autoridade a atitude de Bartimeu e proporciona um ensinamento aos que contemplam a cena. A perseverança de Bartimeu na oração – mesmo perante a rejeição dos outros –, bem como a sua prontidão para obedecer à chamada e o seu desprendimento de tudo o que possui não eram consequência de um carácter irreflexivo, de ambições pessoais ou de ânsias de protagonismo, mas sim da sua fé. Uma fé que se teria ido enraizando pouco a pouco no seu coração depois de ter ouvido falar de Jesus. Quem sabe se já teria gritado por dentro para clamar pela sua cura. Em todo o caso, a fé que o moveu a pedir com insistência e a superar as dificuldades, depois de ser reforçada pela ação de Cristo, leva-o também a transformar-se em discípulo: «E seguia Jesus pelo caminho» (Mc 10, 52), conclui o relato.

O Evangelho não torna a falar desta personagem. Podemos supor que já não estaria à beira do caminho a pedir esmola, mas que iria ao encontro das pessoas para lhes contar o que tinha significado na sua vida esse encontro com Jesus. Se antes não conseguia calar-se ao saber que o Messias estava perto, que faria depois de ter sido chamado e curado pelo Mestre? A Virgem Maria ajudar-nos-á a aproximar-nos do seu Filho com a fé de Bartimeu para lhe pedirmos luz e força para O seguir pelo caminho.

---



---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 195.

[2] Francisco, Homilia, 04/03/2016.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 196.

## Sexta-feira da VIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da VIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: desejos de santidade; ser morada de Deus; o salto da fé.*

### Sumário

- Desejos de santidade.
- Ser morada de Deus.
- O salto da fé.

---

DEPOIS de uma noite em Betânia, Jesus dirigia-se a Jerusalém junto com os seus discípulos. Quando estavam a caminho, S. Mateus conta que o Senhor começou a sentir fome. S. Josemaria agradecia este pormenor incluído pelo evangelista, pois ajudava-o a amar e a contemplar a Humanidade do Senhor: «A mim comove-me sempre Cristo – particularmente quando vejo que é Homem verdadeiro e perfeito, sendo também perfeito Deus – que nos ensina a aproveitar até a nossa indigência e as nossas debilidades naturais e pessoais, a fim de nos oferecermos integralmente – tal como somos – ao Pai, que aceita gostosamente esse holocausto»<sup>[1]</sup>.

No entanto, o Senhor não pôde saciar naquele momento a fome que tinha. «Vendo ao longe uma figueira que tinha folhas, foi lá ver se encontrava nela algum fruto. Aproximando-se, nada encontrou senão folhas, porque não era tempo de figos. Então disse à figueira: “Nunca mais alguém coma fruto de ti”» (Mc 11, 13-14). Os Apóstolos provavelmente surpreenderam-se ao ouvir estas palavras. Para eles era evidente que, naquela época, a figueira não poderia dar fruto. «Porque a amaldiçoa deste modo? – perguntar-se-iam. O gesto de Jesus não é simplesmente uma repreensão à árvore por não saciar a sua fome. A figueira simboliza o povo de Israel. Deus aproximou-se dela com desejos de encontrar frutos de santidade e de boas obras, mas parece que não encontrou senão práticas

exteriores, um conjunto de folhas que não dão qualquer fruto. «Deus ajuda-nos a não cair numa religiosidade egoísta e de empresa. A figueira representa a esterilidade, uma vida estéril, incapaz de produzir alguma coisa. Isto é, uma vida que não dá frutos, incapaz de fazer o bem. Vive para si, tranquilo, egoísta, não quer problemas. E Jesus amaldiçoa a figueira, porque é estéril, porque não fez o que devia para dar fruto»<sup>[2]</sup>. Neste tempo de oração podemos perguntar-nos: posso oferecer ao Senhor frutos de correspondência ao seu amor paciente, perseverante e magnânimo?

---

QUANDO Jesus chegou a Jerusalém, dirigiu-se ao Templo. Ao ver que estava repleto de compradores e vendedores que negociavam, começou a derrubar «as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam as pombas. E não consentia que ninguém transportasse nenhum objeto pelo templo; e os ensinava, dizendo: “Porventura não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração por todas as gentes? Mas vós fizestes dela um covil de ladrões”» (Mc 11, 15-17).

O Templo judaico era o lugar onde Deus habitava. Por isso, a reação de Jesus é tão contundente: quer defender a casa do seu Pai da insensibilidade dos presentes. Fá-lo sofrer que um lugar chamado a fomentar o encontro entre Deus e o seu povo se tenha tornado um local de comércio. Deste modo, leva a cabo uma purificação do Templo, que ultrapassa a expulsão dos mercadores. Jesus veio para defender esse espaço de intimidade com Deus, deseja tornar visível a proximidade do Pai.

Então, o Senhor compara o Templo de Jerusalém com o seu próprio Corpo, revelando assim a verdade mais profunda sobre si mesmo: a Encarnação, ou seja., que Ele é o Verbo de Deus que fixou a sua morada entre nós. Em cada cristão, portanto, Deus encontrará um novo Templo pela participação na vida de Cristo: «Se alguém Me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada» (Jo 14, 23). O pecado, pelo contrário, converte um lugar tão sagrado como a nossa alma num espaço para os negócios mundanos. Nos sacramentos e na oração, Jesus pode vir novamente em nossa ajuda, para arrancar o que no mais íntimo parece inamovível e se nos torna difícil de purificar.

---

NO DIA seguinte, Jesus e os Apóstolos voltaram a passar por aquela árvore que não tinha dado fruto. Ao ver que tinha secado completamente, Pedro comentou: «Olha, Mestre, como se secou a figueira que amaldiçoaste». Talvez o Senhor se tenha apercebido de um certo espanto dos discípulos ao presenciar como se tinham cumprido as suas palavras, daí que respondesse: «Tende fé em Deus. Em verdade vos digo que todo aquele que disser a este monte: “Tira-te daí e lança-te no mar”, e não hesitar no seu coração, mas tiver fé de que tu o que disse será feito, assim acontecerá» (Mc 11, 22-23).

O Senhor está a preparar os seus discípulos para a missão de que os incumbirá quando Ele já não estiver: difundir o Evangelho por todo o mundo. Humanamente, trata-se de uma tarefa difícil de imaginar e de levar a cabo: num primeiro momento, podia dar-lhes vertigens. Mas Jesus assegura que, se tiverem fé e confiarem no amor de Deus, Ele próprio os impelirá muito para além mesmo dos cálculos mais magnânimos que poderiam ter feito. E se, nalguns momentos, as coisas não fossem como esperavam, nos seus corações podia bater sempre a mesma certeza: Deus nunca os abandonará.

Efetivamente, viver de fé tem o seu quê de *risco*, pois supõe um salto, confiar um pouco menos nas próprias certezas para abraçar as seguranças que Deus nos proporciona e que superam o que pudermos imaginar. «A fé, é, pois, encontrar um tu que me sustenta e que na impossibilidade de realizar um movimento humano, dá a promessa de um amor indestrutível que não só solicita a eternidade, mas a concede»<sup>[3]</sup>. A Virgem Maria deu esse *salto* com o seu «*fiat*» às palavras do anjo. A sua vida adquiriu então um horizonte inimaginável: com a sua fé, aquela menina de Nazaré iria tornar-se a Mãe de Deus e de todos os homens.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 50.

[2] Francisco, Homilia, 29/05/2015.

[3] Joseph Ratzinger, *Introdução ao cristianismo*.

## Sábado da VIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da VIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a autoridade de Jesus; uma confiança que supera os medos; largar a máscara.*

### Sumário

- A autoridade de Jesus.
- Uma confiança que supera os medos.
- Largar a máscara.

---

ENQUANTO Jesus passeava no Templo, algumas autoridades judaicas aproximaram-se dele e perguntaram-lhe: «Com que autoridade fazes Tu estas coisas, ou quem Te deu autoridade para as fazer?» (Mc 11, 28). De facto, muitos O viram expulsar demónios, multiplicar os pães e ressuscitar mortos só com a Sua palavra. E não apenas isso: também se aperceberam de que os Seus ensinamentos são capazes de reunir multidões e de sintonizar com as pessoas. Portanto, querem saber com que poder realiza Ele tais prodígios.

A autoridade de Jesus não é principalmente humana, mas sim divina: foi o Seu Pai, Deus, que O ungiu. Por isso Ele rejeita sempre qualquer tentativa de O proclamarem como um rei terreno, embora tudo Lhe pertença. Quando faz milagres e ensina, não procura o êxito nem o louvor: fá-lo simplesmente pelo desejo de partilhar a amizade divina com cada pessoa, procurando assim cumprir a vontade do Seu Pai. E esta é, de certo modo, a chave da Sua autoridade.

O estilo do Senhor contrasta com o dos escribas e doutores da Lei. Ensinavam precisamente da cátedra, e não se interessavam pelo povo. Impunham deveres insuportáveis, contudo, não os assumiam. «Mas o ensinamento de Jesus provoca a admiração, o movimento do coração, porque o que dá autoridade é precisamente a proximidade, e Jesus tinha

autoridade, pois se aproximava das pessoas, por isso *entendia* os seus problemas, as suas dores, os seus pecados»<sup>[1]</sup>. Os fariseus tinham perdido a autoridade porque se tinham afastado de Deus e dos outros. Podemos pedir ao Senhor que saibamos cultivar esta dupla proximidade com Ele e com as pessoas, para que também Deus nos possa ungir com a Sua autoridade, que se manifesta na capacidade de partilhar o que há de mais precioso, que é a amizade divina.

---

A AUTORIDADE de Jesus não segue uma lógica humana de poder. Ele não se impõe, não se faz respeitar através de demonstrações de força, mas conquista pela delicadeza do Seu amor. Especialmente para os mais próximos, como os Apóstolos, o Senhor não é só alguém que faz milagres surpreendentes e grandes discursos: é um Mestre que os ama com todo o coração. Eles eram testemunhas do afeto que lhes manifestava dia após dia, sob a forma de pequenos detalhes, do tempo que passava com eles e, quando necessário, de correções feitas com carinho. Não foi em vão que lhes disse, antes de subir ao céu: «A vós chamei-vos amigos» (Jo 15, 15).

Foi esta confiança, confirmada pelo envio do Espírito Santo no Pentecostes, que fez destes homens as colunas da Igreja. Jesus estabeleceu com eles uma relação que foi crescendo, até lhes abrir de par em par o Seu coração. É claro que conhecia os limites e os defeitos de cada um, mas a confiança que neles depositou fá-los descobrir as suas potencialidades, talvez latentes, pelas suas inseguranças ou pelo medo do fracasso. O facto de saberem que Cristo os tinha escolhido, que os conhecia melhor do que ninguém e que, apesar de tudo, queria confiar neles impeliu-os a avançarem na sua aventura por todo o mundo, para anunciarem o Evangelho de Jesus.

«Deus serve-se muitas vezes de uma amizade autêntica para levar a cabo a Sua obra salvadora»<sup>[2]</sup>, afirma o prelado do Opus Dei. Quando existe um clima de confiança, não há medo de que alguém veja as nossas fraquezas e lutas ou conheça as nossas esperanças e projetos: quem nos ama ajuda-nos a evitar que as nossas limitações se tornem barreiras. Para construirmos esta relação, é necessário não ficarmos sozinhos, dentro dos limites da nossa existência, mas compreendermos que vale a pena ir ao encontro de alguém que nos pode ajudar com a sua amizade. Confiança

chama confiança, e até mesmo o risco de ser ferido por outra pessoa não é comparável ao ganho que significa aprender a amar e a deixar-se amar, pois Deus assegura-nos a Sua presença através da amizade cristã.

---

JESUS deu o primeiro passo para conquistar o coração dos Apóstolos. E eles responderam abrindo-lhes o coração de par em par, partilhando com Ele tudo o que tinham dentro de si. Esta relação do Senhor com os Seus discípulos inspirou S. Josemaria a escrever este ponto de *Caminho*: «Escreveste-me: “Orar é falar com Deus. Mas de quê?”. De quê?! D’Ele e de ti: alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas, e ações de graças e pedidos, e Amor e desagravo. Em duas palavras: conhecê-l’O e conhecer-te – ganhar intimidade!»<sup>[3]</sup>.

Ao convivermos com uma pessoa amiga, vamo-nos mostrando tal como somos. Mesmo que no início nos possamos refugiar atrás de máscaras, elas tenderão a desaparecer se a amizade for autêntica e for construída sobre a confiança, a partir da verdade de cada um. Algo de semelhante acontece com Jesus: oferece-nos uma amizade única e sincera e, ao mesmo tempo, conta com a nossa liberdade para O deixarmos entrar no mais íntimo e precioso da nossa alma. Assim, pouco a pouco, com a oração e a nossa relação com Ele, podemos mostrar-Lhe cada aspeto da nossa vida, tanto os que manifestam os nossos desejos mais nobres, como os mais complexos e obscuros, que às vezes ameaçam destruir a nossa esperança. Jesus responde sempre à nossa confiança iluminando essa realidade com um olhar cheio de otimismo, que nos leva a dar o melhor de nós mesmos.

As mães são especialistas em conhecer os seus filhos com admirável certeza e profundidade. Parece que para elas não há máscaras que dissimulem a maneira de ser ou o estado de espírito dos filhos. Com a sua sabedoria, transformam o seu olhar em palavras que animam, que oferecem um caminho a seguir, que restituem a confiança, com suavidade e ternura. Maria, a nossa Mãe do Céu, conhece os nossos medos e as nossas esperanças. Como fez em Caná, indica-nos o caminho para o seu Filho, para que Lhe possamos abrir de par em par o nosso coração.

---



## NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 09/01/2018.

[2] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 01/11/2019, n. 5.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 91.

## Segunda-feira da IX semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da IX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a parábola dos vinhateiros; o poder do serviço; Deus confia sempre em nós.*

### Sumário

07/03/2022

- A parábola dos vinhateiros.
- O poder do serviço.
- Deus confia sempre em nós.

---

POUCO TEMPO DEPOIS de ter entrado em Jerusalém montado num jumento, Jesus conta a história de um homem que confiou a sua vinha a trabalhadores para que a cuidassem. Quando chegou o momento oportuno, o proprietário enviou vários criados para receberem os frutos que lhe eram devidos. No entanto, os vinhateiros maltrataram e até mataram os servos que iam chegando. Ao ver como as coisas estavam a correr, o proprietário decidiu enviar o seu filho como último recurso, pensando que o respeitariam. «Mas aqueles lavradores disseram para si próprios: “Este é o herdeiro. Vamos, matemo-lo e a herança será nossa”. Então agarraram-no, mataram-no e lançaram-no para fora da vinha» (Mc 12, 7-8).

Com esta parábola, Jesus conta a sua própria história e prediz o que lhe vai acontecer. De alguma forma, quer antecipar o que os seus ouvintes vão viver internamente dentro de poucos dias: a escolha entre reconhecer ou não o verdadeiro herdeiro e o seu reinado. De facto, os escribas e os fariseus, começam rapidamente a assaltá-lo com perguntas para saberem se aquele que lhes contava a parábola era o Messias. Apesar de nós, à distância de tantos anos, sabermos claramente que aquelas palavras de Jesus se referiam a Ele próprio, podemos ainda perguntar-nos: Que importância tem Cristo na minha vida? É Ele o Messias que me poupa a qualquer idolatria ou, na

realidade, talvez eu tenha inconscientemente uma outra ordem de prioridades que acaba por o atirar «para fora da vinha»?

«Se alguém nos perguntar “quem é Jesus Cristo”, certamente diremos o que aprendemos na catequese, que ele veio para salvar o mundo, diremos a verdadeira doutrina de Jesus: Ele é o Salvador do mundo, o Filho do Pai, Deus, homem, o que recitamos no Credo. (...) Será um pouco mais difícil será responder à pergunta: “É verdade, mas para ti, quem é Jesus Cristo?”»<sup>[1]</sup>.

---

É POSSÍVEL QUE o grande erro dos vinhateiros tenha sido pretender que a terra era deles. Quiseram apoderar-se daquilo que o proprietário, cheio de confiança, lhes tinha entregado para cuidar. No entanto, nas suas mentes, não cabia o trabalhar para outrem, desejavam o domínio do que já tinham começado a cultivar, cobiçavam a autonomia total no pouco que estava à sua guarda. Desejosos de que aquilo lhes pertencesse, não hesitaram em usar a violência necessária para conseguir a posse desejada.

Embora em princípio a estratégia parecesse ser bem-sucedida, Jesus anuncia com alguma dureza o fim que os espera: «Que fará então o dono da vinha? Ele virá, exterminará os vinhateiros e entregará a vinha a outros» (Mc 12, 9). Para além de não conseguirem dominar a vinha, os vinhateiros perderão algo muito mais importante; perderão, de facto, o que pretendiam desfrutar: a sua própria vida. Num sentido espiritual, a sua decisão expressa até onde conduz o desejo envenenado de permanecer à margem da família de Jesus: priva-nos da fecundidade que provém da união vital com Ele. «Eu sou a videira, vós sois os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, como os sarmentos, e seca» (Jo 15, 5-6).

«Se deixarmos que Cristo reine nas nossas almas – dizia S. Josemaria – não nos tornaremos dominadores, seremos servos de todos os homens. Serviço. Como gosto desta palavra! Servir o meu Rei e, por Ele, todos aqueles que foram redimidos pelo Seu sangue. Se nós, cristãos, soubéssemos servir!»<sup>[2]</sup>. O serviço não é uma negação dos nossos

interesses. Se descobrirmos a sua verdadeira força, aperceber-nos-emos de que Deus quer, na realidade, que desfrutemos da vinha.

---

JESUS RECORDA que o proprietário, depois de se ter livrado dos vinhateiros, «dará a vinha a outros» (Mc 12, 9). Dada a má experiência, talvez o mais sensato fosse esperar um pouco, ou assumir ele próprio a gestão com alguns familiares e amigos próximos. No entanto, ele continua a confiar que outras pessoas serão capazes de cuidar bem da sua vinha. A traição que sofreu às mãos daqueles vinhateiros não o fez perder a esperança.

Pelas palavras de Jesus, compreendemos que Deus atua de forma semelhante. Por vezes, não conseguimos tomar as melhores decisões com a vinha que ele nos entregou; e, no entanto, Ele renova a sua confiança em nós. Ainda que sejamos instáveis nos nossos próprios desejos e ações, Ele é sempre fiel, espera por nós dia após dia, aconteça o que acontecer: o seu amor não diminui. A história da Igreja está cheia de santos que, no início da sua vida, se assemelharam de alguma forma a estes vinhateiros. S. Paulo, por exemplo, era um perseguidor dos cristãos e estava convencido da sua causa. Mas, logo que reconheceu que Jesus era o verdadeiro dono da vinha, tornou-se um dos apóstolos que mais fecundamente difundiria o seu Evangelho: escolheu tornar-se um verdadeiro trabalhador na sua vinha.

Saber que Deus confia em nós dá força à nossa esperança. Quando sentimos que o pecado pretende tomar o controlo da vinha, podemos refugiar-nos na fidelidade do Senhor. Ele cumpre sempre a sua promessa de amor infinito: «não contamos apenas com as nossas pobres forças, mas com a força e o poder do Senhor»<sup>[3]</sup>. A Virgem Maria ajudar-nos-á a unir os nossos esforços ao grande projeto de servir o seu Filho na vinha para a qual nos chamou.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 25/10/2018.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182

[3] Javier Echevarría, Carta pastoral, 28/11/1995, n. 11.

## Terça-feira da IX semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da IX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: uma pergunta sem saída aparente; a César o que é de César; a Deus o que é de Deus.*

### Sumário

- Uma pergunta sem saída aparente.
- A César o que é de César.
- A Deus o que é de Deus.

---

OS CHEFES do povo de Israel andam há vários dias a tentar descobrir alguma incoerência nas palavras de Jesus. Agora colocam-lhe uma pergunta que, segundo eles, exigiria uma tomada de posição radical: «É lícito dar o tributo a César ou não?» (Mc 12, 14). Vale a pena recordar que, para o povo judeu, não era nada cómodo fazer parte do império romano, não só por razões políticas, mas também religiosas, pois o culto que se prestava ao imperador era uma afronta ao Deus de Israel. Por isso, põem o Senhor diante desta questão que, aparentemente, não tem escapatória: se afirma que é lícito, seria considerado um traidor entre os do seu próprio povo; se declara que não o é, então poderiam acusá-lo de rebelião perante as autoridades romanas.

Com a sua resposta, Jesus situa-se por cima da polémica: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Mc 12, 17). Por um lado, recorda as obrigações de todos os cidadãos perante o Estado: admite que se deve pagar o tributo, uma vez que a imagem inscrita na moeda é de César. No entanto, também assinala a responsabilidade de todo o homem perante Deus, pois no nosso coração e na nossa alma está impressa a imagem divina. Portanto, o dilema que os chefes de Israel pretendem colocar é apenas aparente.

S. Josemaria, neste mesmo sentido, recordava com frequência que «não existe uma contraposição entre o serviço a Deus e o serviço aos homens, entre o exercício dos nossos deveres e direitos cívicos e os religiosos, entre o empenho por construir e melhorar a cidade temporal e o convencimento de que passamos por este mundo como caminho que nos leva à pátria celeste»<sup>[1]</sup>. Na realidade, sucede o contrário: os dois âmbitos, quando são vividos de forma ordenada, alimentam-se mutuamente. Dar glória a Deus levar-nos-á a cuidar do mundo que saiu das suas mãos e que nos deu em herança; ao mesmo tempo, ao trabalhar por um mundo mais justo, lado a lado com os outros cidadãos, é onde nos podemos unir ao trabalho de Deus.

---

«A CÉSAR o que é de César». S. Josemaria repetia com frequência que os cristãos trabalhamos neste mundo com os pés na terra e a cabeça no céu. Neste sentido, assinalava aos seus filhos que «qualquer modo de evasão das honestas realidades diárias é para vós, homens e mulheres do mundo, coisa oposta à vontade de Deus»<sup>[2]</sup>.

Nos deveres e obrigações para com a sociedade, o cristão encontra o seu caminho de santidade; estamos chamados a contribuir com o nosso trabalho para que o mundo seja um lugar melhor, a vivificar com a luz de Cristo todos os ambientes e profissões da terra.

«Todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo e Cristo de Deus» (1Cor 3, 22-23), explicava S. Paulo. «Diante desta realidade – escreveu o prelado do Opus Dei – alegramo-nos com as alegrias dos outros, desfrutamos de todas as coisas boas que nos rodeiam e sentimo-nos interpelados pelos desafios do nosso tempo»<sup>[3]</sup>. Muitas pessoas, por causa das situações de guerra e de pobreza em diversos lugares, atravessam momentos de sofrimento e de grande necessidade. As palavras de S. Paulo são um convite a fazer nossos os desafios do mundo, começando por aqueles que temos mais à mão: uma situação familiar dolorosa, um conflito laboral, a fadiga que implica alentar outros num projeto que não avança ou outras tantas situações que formam parte do nosso horizonte imediato.

Todos podemos contribuir para aliviar os problemas do nosso tempo e do nosso ambiente. Pela comunhão dos santos, sabemos que podemos

apoiar-nos mutuamente através da oração e dos sacramentos. Além disso, com os nossos próprios talentos, podemos passar à ação e melhorar, na medida das nossas possibilidades, a vida das pessoas necessitadas que passam ao nosso lado. «No meio de crises e tempestades, o Senhor interpela-nos e convida-nos a despertar e ativar esta solidariedade capaz de dar solidez, apoio e um sentido a estas horas em que tudo parece naufragar. Que a criatividade do Espírito Santo possa animar-nos a criar novas formas de hospitalidade familiar, fraternidade fecunda e solidariedade universal»<sup>[4]</sup>.

---

«A DEUS o que é de Deus». Depois de recordar a licitude de pagar o tributo a César, Jesus sublinha uma realidade muito mais profunda: somos de Deus. As relações que cultivamos na sociedade são importantes, fazem parte da nossa personalidade e das alegrias e afãs da vida. Mas o Senhor recorda que, mais profundamente, fomos criados à imagem divina. «Se nas moedas romanas estava impressa a imagem de César, e por isso se devia dar-lhe o tributo, no coração do homem está a marca do Criador, único Senhor da nossa vida. Portanto, a autêntica laicidade não é prescindir da dimensão espiritual, mas reconhecer que, precisamente esta dimensão é, radicalmente, a garantia da nossa liberdade e da autonomia das realidades terrenas, graças aos ditames da Sabedoria criadora que a consciência humana sabe acolher e realizar»<sup>[5]</sup>.

Foi Deus quem nos deu tudo o que somos. Por isso podemos viver o nosso dia a dia «no reconhecimento da nossa pertença fundamental e no reconhecimento do nosso coração para com o nosso Pai, que cria cada um de nós de forma singular, irrepetível, mas sempre segundo a imagem do seu Filho amado»<sup>[6]</sup>. Saber-mo-nos dependentes de Deus não nos torna menos humanos, nem debilita as nossas relações, pelo contrário, revela-nos outra realidade: ao saber-mo-nos filhos queridíssimos do Criador, descobrimos a nossa dignidade mais alta, o que nos leva a considerarmo-nos como irmãos. Além disso, os cristãos, quando nos comprometemos com as realidades terrenas, estamos a restituir a Deus o que lhe pertence: assim podemos olhar sempre com esperança o futuro e responder com energia aos desafios do nosso tempo. Podemos pedir à Virgem Maria que, com a ajuda de Deus, façamos do mundo um lugar melhor, tal como ela o fez no seu lar de Nazaré.



---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 165.

[2] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, “*Amar o mundo apaixonadamente*”.

[3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral 19/03/2022, n. 7.

[4] Francisco, Audiência, 02/09/2020.

[5] Bento XVI, Audiência, 17/09/2008.

[6] Francisco, Angelus, 22/10/2017.

## Quarta-feira da IX semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da IX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: sinceridade para procurar a verdade de Deus; horizontes de eternidade; com todo o coração e com toda a alma.*

### Sumário

- Sinceridade para procurar a verdade de Deus.
- Horizontes de eternidade.
- Com todo o coração e com toda a alma.

---

A NOSSA história de vida é configurada em boa medida pelos encontros que temos com outras pessoas: umas vezes, casuais e outros, programados; nalguns casos fazem parte da nossa atividade do dia a dia, e noutros surgem de modo imprevisível. Essas circunstâncias geram por vezes relações de amizade que podem mudar até o rumo da nossa vida. O Evangelho narra alguns encontros que Jesus teve com pessoas do seu tempo. Há personagens simples a quem um encontro quase fortuito as transformou por completo, como a mulher samaritana. Havia também pessoas de um certo estatuto que procuravam Jesus para conversar, com o desejo de aprofundar no conhecimento de Deus, como Nicodemos. Há também outros que o interrogam não para aprender, mas para encontrar contradições entre a sua pregação e o que diziam as Sagradas Escrituras.

É o caso, por exemplo, dos saduceus que não acreditavam na ressurreição, e se aproximavam de Jesus para lhe propor um caso que, pelo menos nos nossos dias, parece enviesado e exagerado: se a uma mulher lhe foram morrendo os maridos que teve, de qual deles será esposa quando chegar a ressurreição? (cf. Mc 12, 19-23). Aqueles saduceus não têm uma sede autêntica de descobrir a verdade; não dialogam com a disposição de mudar, de certo modo, a sua maneira de pensar nem para saírem dos seus esquemas próprios. Não aceitam que «Deus é sempre maior do que o imaginamos; as obras que realiza são surpreendentes em relação aos nossos

cálculos; o seu agir é sempre diferente, supera as nossas necessidades e expectativas; e por isso nunca devemos deixar de o procurar e de nos convertermos à sua verdadeira face»<sup>[1]</sup>.

Reparando na atitude dos saduceus, podemos perguntar-nos a nós mesmos: procuro aproximar-me da verdade de Deus, sabendo que corro o risco de ter de rever as minhas “certezas” e ajustar os meus esquemas preconcebidos? Estou aberto a que a grandeza de Deus eleve o meu olhar e os meus planos, algumas vezes um tanto enviesados? Nenhum encontro com Cristo deixa indiferente os que se aproximam com humildade e sem preconceitos.

---

«NÃO ESTAREIS VÓS ENGANADOS, pois não conheceis as Escrituras nem o poder de Deus! Quando os mortos ressuscitam, não se casam nem são dados em casamento, mas são como os anjos nos céus» (Mc 12, 24-25). E, para deixar claro que a ressurreição é parte fundamental dos planos divinos, e que depois da morte não somente a alma encontrará a vida, mas também o seu corpo, Nosso Senhor acrescentou que o Deus dos seus pais «não é um Deus de mortos, mas de vivos» (Mc 12, 27).

Neste sentido, uma das questões que o homem mais considerou ao longo da História foi, precisamente, sobre o que nos espera para além da morte. E no Evangelho, na palavra de Deus sempre atual, encontramos resposta a esta inquietação. Jesus assegura que a vida não termina com o caminhar aqui na terra. Somos chamados a ser para sempre semelhantes a Deus<sup>[2]</sup>, fomos feitos para não morrer nunca, mas para morar no céu que não é um lugar físico por cima de nós, mas uma dimensão nova, onde as nossas mais profundas aspirações se tornarão realidade. «Deus conhece e ama este homem total que atualmente somos. É, pois, imortal o que cresce e se desenvolve na nossa vida já desde agora. É no nosso corpo que sofremos e que amamos, que esperamos, que experimentamos a alegria e a tristeza, que progredimos ao longo do tempo»<sup>[3]</sup>.

Neste sentido, S. Josemaria dizia que podemos realizar todas as atividades aqui na terra, inclusivamente as mais pequenas aparentemente, com «vibração de eternidade»<sup>[4]</sup>. Por detrás de um trabalho bem feito, de

um pormenor de serviço ou de uma oração breve, esconde-se um horizonte muito mais amplo do que aquele que se nos depara talvez à primeira vista. Nada do que fazemos fica infecundo, cada gesto pode preparar-nos para contemplar a Deus face a face na vida eterna.

---

STO. AGOSTINHO, movido pelo desejo de conhecer melhor a Deus para assim o amar mais, aprofundou na Filosofia e naquilo que nos foi revelado pela fé. Conta-se que, em certa ocasião, passeava ele à beira-mar, dando voltas na sua mente a muitas reflexões sobre a Trindade. Viu um menino que corria para o mar e enchia um pequeno recipiente com água do mar, voltava para onde estava antes e esvaziava-o numa covinha feita na areia. O menino repetia vezes sem conta a mesma operação até que Sto. Agostinho lhe perguntou o que estava a fazer. Então Sto. Agostinho fez-lhe ver como era impossível a tarefa a que se dedicava, mas o menino respondeu que era muito mais difícil compreender o que estava a propor-se a si próprio: tentar resolver o mistério de Deus.

«A fé e a razão são como duas asas por meio das quais o espírito humano se eleva à contemplação da verdade. Deus pôs no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e de O conhecer a fim de que, conhecendo-O e amando-O, pudesse alcançar também a verdade plena sobre si mesmo»<sup>[5]</sup>. E este é o modo como consideramos as coisas de Deus, tal como as ensinou ao povo de Israel: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, e com a tua alma, e com toda a tua mente» (Mt 22, 37). «Que fica do teu coração para te amares a ti mesmo? – pergunta Sto. Agostinho – E da tua alma? E da tua mente? Contudo, diz: tudo te exige aquele que tudo te deu»<sup>[6]</sup>.

S. Josemaria costumava dizer que a vida de um cristão está marcada pela relação filial com Deus e, ao mesmo tempo, pelo desejo de o conhecer com profundidade. «Piedosos, pois, como crianças: mas não ignorantes, porque cada um deve esforçar-se, na medida das suas possibilidades, no estudo sério, científico, da fé; e tudo isto é teologia. Piedade de meninos e doutrina de teólogos»<sup>[7]</sup>. Podemos recorrer à Virgem Maria para que ela nos ajude a ter intimidade com o seu Filho com confiança e a ter desejos de o conhecer cada dia cada vez mais.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 11/12/2022.

[2] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1023.

[3] Joseph Ratzinger, *Cooperadores de la Verdad*.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 239.

[5] S. João Paulo II, *Fides et Ratio*, Introdução.

[6] Sto. Agostinho, *Sermão 34*.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 10.

## Quinta-feira da IX semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da IX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a pergunta do escriba; o trabalho, oferenda a Deus e serviço aos homens; o nosso caminhar não é solitário.*

### Sumário

- A pergunta do escriba.
- O trabalho, oferenda a Deus e serviço aos homens.
- O nosso caminhar não é solitário.

---

ENCONTRA-SE presente um escriba, no momento em que Jesus mantém uma conversa com os saduceus sobre a ressurreição dos mortos. Ao ver como o Senhor respondera bem, aproximou-se dele e perguntou-lhe: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?». Cristo responde logo: «O primeiro é: “Escuta, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor: amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente, com todo o teu ser”. O segundo é este: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Não há maior mandamento do que estes» (Mc 12, 29-31).

Num primeiro momento, as palavras de Jesus não parecem novidade, pois cita a *Shema*, que todo o judeu conhece bem e repete várias vezes ao dia. O homem deve amar a Deus inteiramente: com todo o afeto, com total vontade e com plena disposição da inteligência. No entanto, por causa do pecado, experimentamos a dificuldade de amar assim o Senhor, arrastamos a fadiga de discernir o que é melhor em cada situação. S. Josemaria, em relação a este exercício de escolher o que realizamos continuamente, sublinhava: «A liberdade adquire o seu autêntico sentido quando se exercita ao serviço da verdade que redime, quando se gasta a procurar o Amor infinito de Deus, que nos liberta de todas as escravidões. Todos os dias aumentam as minhas ânsias de anunciar em alta voz esta insondável riqueza do cristão: a liberdade da glória dos filhos de Deus! Aí se resume a boa

vontade, que nos ensina a perseguir o bem, depois de o distinguir do mal!»<sup>[1]</sup>.

O que surpreende na resposta de Jesus aos presentes é que une esse amor total a Deus com o amor ao próximo; chega inclusive a dizer que «destes dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas» (Mt 22, 40). O próprio Cristo foi o primeiro a dar o exemplo: preocupava-se com os doentes e os necessitados, procurava o alimento para a alma e para o corpo dos que O seguiam, atendia os que O solicitavam... Na última noite que passa com os seus apóstolos presta-lhes o serviço reservado aos escravos: lava-lhes os pés, para mostrar como deve ser a atitude deles. Jesus põe de manifesto com total clareza qual «é a ordem da caridade: Deus, os outros e eu»<sup>[2]</sup>. Na nossa oração, podemos considerar junto do Senhor se essas atitudes são as que orientam no dia de hoje os nossos desejos e projetos.

---

NÃO CONHECEMOS muitos detalhes da vida de Jesus anterior à sua etapa pública de pregação. O Evangelho de S. Marcos diz-nos que trabalhou como artesão (cf. Mc 6, 3), o que nos faz supor que teria muitas encomendas dos habitantes de Nazaré. Jesus trabalharia com competência para prestar o melhor serviço possível. Este modo de proceder, que seguramente aprendeu de José, indica-nos uma atitude fundamental para todos os cristãos: trabalhar com espírito de serviço e com o desejo de contribuir para o bem e cuidado dos outros. A este respeito, dizia o fundador do Opus Dei que «o trabalho de José não foi uma tarefa que procurasse a autoafirmação, ainda que a dedicação a uma vida laboriosa forjasse nele uma personalidade madura, bem delineada. O patriarca trabalhava com a consciência de cumprir a vontade de Deus, pensando no bem dos seus, Jesus e Maria, e tendo presente o bem de todos os habitantes de Nazaré»<sup>[3]</sup>.

Jesus, desde pequeno, teria visto como José transformou o trabalho num ato de amor a Deus e de serviço aos homens. A vida do santo patriarca seguramente que se configurou deste modo porque se dedicou a sustentar a sua família com a sua ocupação quotidiana num trabalho manual. No fundo, a reação do escriba perante a resposta do Senhor dá sentido tanto às jornadas de trabalho oculto do Senhor, como à etapa da pregação: «Muito

bem, Mestre, sem dúvida que tens razão quando dizes que o Senhor é só um e não há outro fora d'Ele; e que amá-l'O com todo o coração, com todo o entendimento e com todo o ser, e amar o próximo como a si mesmo vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios» (Mc 12, 32-33).

O escriba reconhece que o amor ao próximo é o melhor que se pode oferecer a Deus, e que se trata duma oferenda que podemos entregar continuamente, em cada coisa que fazemos. Deste modo, o cuidado das nossas relações com os outros transforma-se em algo mais valioso que os sacrifícios que possamos realizar, pois une-nos à caridade que une Jesus com Deus Pai e que é a fonte do seu serviço para com cada pessoa. As nossas tarefas convertem-se em oferendas dignas e gratas a Deus, quando exprimem essa solicitude divina para com os nossos vizinhos e com aqueles por quem trabalhamos. Como dizia S. Josemaria: «O nosso há de ser um amor sacrificado, diário, feito de mil pormenores de compreensão, de sacrifício silencioso, de entrega que não se nota. Este é o *bonus odor Christi*, – o bom odor de Cristo – o que fazia com que os que viviam entre os nossos primeiros irmãos na fé dissessem: olhai como se amam!»<sup>[4]</sup>.

---

HABITUALMENTE Jesus manifestou-se junto de comunidades de pessoas. Quando estava a orar sozinho, sabemos que, em boa medida, intercedia pelos seus e pela vinda do Reino em favor dos homens (cf. Lc 11, 1-4). O amor a Deus não nos isola dos outros, antes estende-se aos que nos rodeiam. «O que não ama o seu irmão, a quem vê – escreve S. João –, não pode amar a Deus a quem não vê. E recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão» (1Jo 4, 20-21). Com algumas pessoas podemos ter mais facilidade para lhes querer; mas com outras encontraremos dificuldades talvez persistentes: cada pessoa é diferente, com o seu próprio carácter, interesses, maneira de ser e experiências acumuladas. De qualquer maneira, Jesus ensinou-nos como fortalecer uma comunidade de pessoas. «Enquanto houver um irmão ou uma irmã a quem fechamos o nosso coração, estaremos longe de ser discípulos como Jesus nos pede. Mas a sua divina misericórdia não permite que desanimemos, antes nos chama a começar de novo em cada dia para viver o Evangelho com coerência»<sup>[5]</sup>.



Os primeiros esforços poderão ser com os mais próximos: com os nossos familiares, os nossos amigos, os nossos colegas de trabalho... O desejo de nos parecermos mais com Cristo levar-nos-á a cuidarmos das necessidades dos outros, procurando deixar de lado a comodidade ou o egoísmo. Ao mesmo tempo, esta atitude permitir-nos-á descobrir o que o Senhor e as pessoas que nos querem fazem também por nós: «Só a minha disponibilidade para ajudar o próximo, para lhe manifestar amor, me fará sensível também perante Deus. Só o serviço ao próximo abre os meus olhos ao que Deus faz por mim e ao muito que me ama»<sup>[6]</sup>. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a ter um coração como o dela para querer a Jesus e a todos os nossos irmãos.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 27.

[2] S. Josemaria, *A sós com Deus*, n. 155.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 51.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 56.

[5] Francisco, Angelus, 25/10/2020.

[6] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 18.

## Sexta-feira da IX semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da IX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus revela-nos a sua identidade; reconhecer a realeza de Cristo; a grandeza e a proximidade de Deus.*

### Sumário

- Jesus revela-nos a sua identidade.
- Reconhecer a realeza de Cristo.
- A grandeza e a proximidade de Deus.

---

EM ALGUMAS cenas do Evangelho, Jesus parece querer esconder a sua verdadeira identidade. Manda calar os demónios quando pronunciam o seu nome (cf. Mc 3, 12), pede aos que foram curados por ele que não contem o milagre a ninguém (cf. Mc 1, 44) e inclusive alguns dos seus ensinamentos dirigem-se apenas aos seus apóstolos e não à multidão, pelo menos no início (cf. Mt 16, 20). Cristo sabe que no título de Messias podem esconder-se as mais diversas aspirações e esperanças dos homens. Afinal, todas as pessoas anseiam por algum tipo de libertação, pelo que é bastante tentador projetar os próprios desejos num salvador.

Apesar de tudo, em alguns momentos Jesus dá a entender qual é a sua identidade aos que se reuniam no templo e tenta corrigir a conceção limitada que pudessem ter. Com efeito, alguns escribas, seguindo a tradição do povo judeu, esperavam uma personagem de boa linhagem e dignidade, proveniente da casa de David; devia ser alguém importante, pois tinha que restaurar a casa de Israel. Mas Jesus trata de ir mais além e dá a entender que os títulos de Messias, Senhor e Filho de David ficam incompletos sem outro, que está na origem da sua identidade: o de Filho de Deus. Por isso, citando um dos salmos, coloca-lhes a pergunta retórica: «O próprio David lhe chama Senhor. Então, como pode ser seu filho?» (Mc 12, 37).

Jesus é o filho querido do Pai. Nessa relação se manifesta a sua identidade. Sempre que fazemos a nossa oração, quando tentamos manter uma conversa íntima com Ele, o primeiro passo pode consistir em nos darmos conta de com quem estamos a falar: é Deus que vem ao nosso encontro como um Pai que deseja travar um diálogo de amor conosco. No entanto, pode acontecer que perante tal proximidade de Cristo, nos acostumemos à sua presença ou que formalizemos essa relação até ao ponto de encerrar o Senhor num título, que merece honra e respeito, mas com o qual podemos perder o sabor da familiaridade. Podemos pedir-Lhe, neste tempo de oração, que nos mantenha sempre vivo o assombro e a capacidade de nos maravilharmos perante o amor que tem por cada um de nós.

---

RECONHECER Jesus Cristo como Filho de Deus permite compreender em que sentido Ele é também nosso Senhor e de que modo as nossas vidas podem estar ao serviço da Sua realeza. É consolador saber que o Seu reinado é o amor; portanto não temos nenhuma razão para duvidar da Sua autoridade nem dos Seus propósitos. Pelo contrário, encontramos nesse poder de Deus a paz das nossas almas, que nos leva a dar-Lhe graças por tudo o que acontece nas nossas vidas, mesmo por aquilo que nos possa contrariar. S. Josemaria, numa ocasião, escutou no fundo da sua alma: *Si Deus nobiscum, quis contra nos?* Se Deus está conosco, «nem a falta de meios materiais ou de saúde, nem a precariedade do emprego em muitos lugares, nem as complicações familiares ou fora do lar, nada!, nos perturbará!»<sup>[1]</sup>. Essa é a confiança que advém de habitar no lar dum Deus que é Pai e ama com loucura os seus filhos.

Mas contemplar Jesus como rei e Senhor também é exigente. É preciso que seja assim, pois é árdua a tarefa de orientar a nossa vida – marcada pelo pecado original – para Deus Pai. Mas Deus oferece-nos todo o Seu poder. Quando estamos dispostos a deixar-nos transformar por Ele, quando compreendemos que nos convém que o Seu senhorio se manifeste em nós, então Cristo atua em profundidade para estabelecer uma intimidade e uma realeza no nosso coração que também se manifesta nas circunstâncias concretas das nossas vidas. «Reconhecê-lo como rei significa aceitá-lo como aquele que nos indica o caminho, aquele em quem confiamos e

seguimos. Significa aceitar dia a dia a sua palavra como critério válido para a nossa vida. Significa ver n'Ele a autoridade à qual nos submetemos»<sup>[2]</sup>.

A tradição da Igreja descreveu em algumas ocasiões a oração como um combate. Aceitar o senhorio de Jesus supõe purificar progressivamente as intenções que guiam a nossa vida, para que tudo se vá orientando para Ele com uma atitude filial. Esse processo de purificação interior é, ao mesmo tempo, uma graça e uma luta travada com liberdade. Podemos sempre perguntar-nos na nossa oração: Jesus, em que aspeto da minha vida ainda não és Senhor? Que atitudes ou disposições interiores te impedem de refletir o amor do Pai na minha vida? Porque, como escrevia S. Josemaria, essa é precisamente a nossa missão: «O próprio Rei, Jesus, chamou-te expressamente pelo teu nome. Pede-te que traves as batalhas de Deus, pondo ao seu serviço o mais elevado da tua alma: o teu coração, a tua vontade, o teu entendimento, todo o teu ser»<sup>[3]</sup>.

---

APESAR do tom sério com que Jesus se refere ao seu senhorio, o Evangelho realça o gozo que sentiam as pessoas por poderem estar na sua presença. «E uma imensa multidão o escutava com gosto» (Mc 12, 37). Chama a atenção que, inclusive quando se atreve a corrigir os escribas, não haja nada no seu tom de voz ou na forma de se exprimir que denote ódio ou mal-estar. Por isso seria tão fácil desfrutar de cada uma das Suas palavras e, através da sua beleza, abrir-se ao conteúdo da Sua verdade. Precisamente quando aceitamos Jesus como Filho amado de Deus e como nosso Senhor, somos capazes dum gozo mais profundo do que aquele que nos podem proporcionar os bens deste mundo. Pouco a pouco, iremos dando-nos conta de que não podemos viver sem oração, porque é o tempo em que gozamos simplesmente da presença daquele que dá sentido à nossa existência.

Deste modo, a vida de oração alimenta-se dessa dupla realidade que a faz frutífera. Por um lado, sentimos um grande espanto de que Jesus Cristo seja verdadeiramente Deus e esteja disposto a travar um diálogo connosco. É normal que nos vejamos débeis e que pensemos que nos separa d'Ele um grande abismo. Como Isabel, diante da visita de Maria, também nós nos perguntamos: «Donde a mim esta dita que venha a mãe do meu Senhor visitar-me?» (Lc 1, 43). Por outro lado, em cada tempo de oração deixamo-

nos surpreender por esta grande verdade da nossa fé: a proximidade de Deus. Estar com Jesus, partilhar com ele os nossos anseios e dificuldades de coração a coração, é a nossa felicidade. Então compreendemos muito bem o convite de S. Josemaria: «Tudo, até o mais pequeno, desde agora e para sempre, empenha-te em fazê-lo para dar gosto a Jesus»<sup>[4]</sup>.

A Virgem Maria também alimentou a sua vida contemplativa a partir da proximidade de Deus e da sua grandeza. Na cena da Anunciação, vemo-la surpreendida, pois não compreende que o Senhor tenha querido fixar-se nela. Mas rapidamente se rende diante desse Deus que quer fazer-se menino, para que todos possamos gozar eternamente da sua companhia. «Aprendamos da nossa Mãe, a Virgem Maria: ela seguiu o seu Filho com a proximidade do seu coração, foi uma só alma com Ele e, mesmo sem compreender tudo, entregou-se plenamente, junto com Ele, à vontade de Deus Pai»<sup>[5]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Javier Echevarría, Carta pastoral, 01/10/2016.

[2] Bento XVI, Homilia, 01/04/2007.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n.962

[4] S. Josemaria, *Forja*, n.1041.

[5] Francisco, *Angelus*, 02/04/2023.

## Sábado da IX semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da IX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o olhar de Jesus; o olhar dos outros; para lá das aparências.*

### Sumário

- O olhar de Jesus.
- O olhar dos outros.
- Para lá das aparências.

---

UM OLHAR pode gerar numa pessoa os sentimentos e pensamentos mais díspares. Quando estamos um pouco desanimados e, de repente, descobrimos uns olhos sorridentes que nos apoiam, é fácil sentirmo-nos revigorados. Por outro lado, um olhar apático ou severo pode esfriar ou estragar uma relação. Muitas vezes, a falta de amor é precedida por um olhar indiferente ou perdido. Por isso, é estimulante meditar sobre o olhar de Cristo. Deus, ao fazer-Se homem, contempla-nos com olhos humanos. E do sentimento e da convicção que esse olhar divino despertar em nós dependerá, em boa medida, o tipo de relação que estabeleceremos com Ele. Se tivermos a impressão de que Jesus nos controla e está particularmente atento aos nossos erros, é lógico que a nossa relação esteja impregnada de medo. Se, pelo contrário, descobirmos o seu olhar misericordioso e reconhecermos que o acusador é o demónio e não o Senhor, então desejaremos que os seus olhos pousem cada vez mais sobre nós.

Há uma cena no Evangelho que revela uma característica do olhar de Jesus (cf. Mc 12, 38-44). O Senhor encontra-Se diante do gazofilácio, contemplando a multidão que passava diante do Templo. Trata-se de um gesto muito humano da parte de Jesus; quem é que não se entreteve alguma vez a olhar para as pessoas que passavam à sua frente, tentando imaginar as suas vidas. Mas, ao contrário de nós, que muitas vezes não conseguimos ir além do aspeto exterior das pessoas, o olhar de Cristo dirige-se com ternura

para o coração. Depois de muitos ricos terem deitado como oferta o que lhes sobrava, os olhos de Jesus comprazem-se com o gesto de uma pobre viúva que, na sua miséria, deu tudo o que tinha. Saber que Jesus descobre esses pequenos gestos de amor por Ele leva-nos a dar tudo o que temos entre mãos, mesmo que por vezes seja pouco: com a coisa mais insignificante podemos ganhar um sorriso de Cristo. «Não viste os fulgores do olhar de Jesus quando a pobre viúva deixou no Templo a sua pequena esmola? Dá-Lhe tu o que pudes dar: não está o mérito no pouco nem no muito, mas na vontade com que o deres»<sup>[1]</sup>.

---

ANTES de Se fixar na oferenda da viúva, Jesus tinha proferido umas palavras muito duras perante os escribas. Por detrás da sua reputação de homens de fé, escondia-se muitas vezes a vaidade de se sentirem admirados por todo o tipo de gente. Por isso vestiam-se com longas túnicas, escolhiam os lugares principais nas sinagogas e sentiam-se honrados quando muitos transeuntes os cumprimentavam nas ruas (cf. Mc 12, 38-40). O mais sagrado, o seu serviço a Deus, tinha-se convertido em algo superficial, que só procurava a complacência dos outros.

Também nós podemos tornar-nos dependentes dos olhares dos que nos rodeiam. Num ambiente piedoso, a soberba poderá mesmo levar a que a nossa relação com Deus seja manchada pela vaidade de querermos gozar de boa reputação. Por outro lado, quando o nosso ambiente é mais hostil à fé, poderá invadir-nos a vergonha ou o receio de que descubram na nossa atuação algum gesto de piedade. Logicamente, ter uma certa sensibilidade face aos olhares dos outros é algo positivo, porque significa que as pessoas não nos são indiferentes. Mas, ao mesmo tempo, quem alimenta a sua vida de grandes ideais sabe colocar esses olhares alheios no seu lugar, para que não lhe roubem a liberdade interior de ser quem é aos olhos de Deus.

Por isso, sentir o olhar de Jesus na nossa oração devolve-nos a liberdade. Podemos imaginar que alguns teriam pensado mal da pobre viúva, que só foi capaz de oferecer a Deus umas pequenas moedas. Ou talvez, pelo seu aspeto, passasse completamente despercebida aos olhos dos presentes. Do ponto de vista da mulher, talvez fosse mais razoável não dar nada, e assim não ficar envergonhada se alguém conseguisse contar a

quantia que ela depositava. Mas essa viúva, que tinha o coração posto no Senhor, não se deixou influenciar pelo que os outros poderiam dizer ou pensar. «Não lhe resta nada, mas encontra em Deus o seu tudo. Não tem medo de perder o pouco que tem, porque tem confiança no tudo de Deus, que multiplica a alegria de quem dá»<sup>[2]</sup>.

---

NO FINAL desta passagem, Jesus chama os seus apóstolos e conta-lhes com alegria o que acaba de observar. Provavelmente, não quis apenas elogiar o comportamento da viúva e tirá-la do anonimato, mas também ensinar os seus discípulos a olharem para os outros numa perspectiva de amor. Em cada momento de oração, cada vez que conversamos com o Senhor sobre as pessoas que fazem parte da nossa vida, «aprendemos a olhar o outro não só com os nossos olhos, mas com o olhar de Deus, que é o olhar de Jesus Cristo. Um olhar que parte do coração e não fica na superfície; vai além das aparências e consegue perceber as esperanças mais profundas do outro: esperanças de ser escutado, duma atenção gratuita; numa palavra: de amor»<sup>[3]</sup>.

Para compreender a atuação da viúva, era necessário conhecer com proximidade as suas circunstâncias e as suas motivações, saber que era pobre e que tinha perdido o seu marido, e saber até que ponto Deus era o fundamento da sua vida. Normalmente um juízo demasiado rápido não consegue ter em conta todos os elementos que explicam uma ação de outra pessoa. Em muitos casos, numa forma de ser ou numa certa reação, esconde-se uma história que desconhecemos. «Às vezes, por detrás de um determinado carácter, há sofrimentos que talvez expliquem essa maneira de ser ou de atuar. Deus conhece cada um de nós em profundidade, também os tempos dolorosos, e olha-nos a todos com ternura. Aprendamos com o Senhor a olhar assim, a compreender toda a gente (...), a colocarmo-nos no lugar do outro»<sup>[4]</sup>. De facto, muitos gestos de bondade, que aparentemente são simples ou de pouco brilho, pressupõem um esforço enorme por parte de quem os realiza. Só um coração amável, isto é, que habitualmente procura realçar o que é positivo nos outros, consegue ver nos pequenos detalhes os fulgores ocultos do amor; como Cristo, que não se deixou cegar pelas riquezas de muitos, mas Se deixou conquistar pela pobreza de uma viúva.



«Os vossos misericordiosos a nós volvei», rezamos com devoção à nossa Mãe. Sentimos a necessidade de que o olhar da Virgem Maria pouse sobre as nossas vidas porque, na força do seu olhar materno, se esconde a libertação que o seu amor nos concede. E ao comprovar com que carinho contempla as nossas pequenas lutas, ser-nos-á mais fácil descobrir nos gestos mais discretos do nosso próximo a marca do amor.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 829.

[2] Francisco, *Angelus*, 07/11/2021.

[3] Bento XVI, *Angelus*, 04/11/2021.

[4] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 16/02/2023.

## X domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no X domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: o pecado afasta-nos de Deus e dos outros; as ofertas de felicidade a baixo preço; o pecado imperdoável.*

### Sumário

- O pecado afasta-nos de Deus e dos outros.
- As ofertas de felicidade *a baixo preço*.
- O pecado *imperdoável*.

---

DEPOIS de terem sido enganados pela serpente, Adão e Eva aperceberam-se de que estavam nus. E quando souberam que Deus se aproximava, esconderam-se da sua presença. O Senhor, então, «chamou o homem e disse-lhe: “Onde estás?”. Ele respondeu: “Ouvi o rumor dos vossos passos no jardim e, como estava nu, tive medo e escondi-me”. Deus perguntou-lhe: “Quem te deu a conhecer que estavas nu? Terias tu comido dessa árvore, da qual te proibira comer?”. Adão respondeu: “A mulher que me destes por companheira deu-me do fruto da árvore e eu comi”» (Gn 3, 9-12). Chama a atenção a mudança na atitude de Adão. Pouco antes, ao ver Eva pela primeira vez, tinha exclamado: «Esta sim, é osso dos meus ossos, e carne da minha carne» (Gn 2, 23). Agora, porém, finge que nada tem a ver com ela. Já não é «carne da minha carne», mas parece uma *imposição* de Deus: «A mulher que me deste por companheira». Ao mesmo tempo, não assume a responsabilidade da desobediência, mas descarrega sobre Eva a culpa do seu erro: «Deu-me da árvore e comi».

O primeiro efeito do pecado é a escravidão: quem peca «faz-se escravo daquilo por que se decidiu, e decidiu-se pelo pior, pela ausência de Deus»<sup>[1]</sup>. Daí que o pecado suponha uma rutura com o Senhor e com as pessoas que nos rodeiam. Isto foi o que se passou com Adão. O pecado acabou por afastá-lo daqueles a quem mais queria. Tem medo de Deus, e por isso esconde-se da sua presença, olha para Eva com desconfiança, e

também por isso atribui-lhe a culpa e desentende-se dela. Ao pecar, cada um de nós afasta-se da felicidade para que foi criado e a harmonia com Deus, consigo próprio e com as pessoas mais importantes para nós é prejudicada.

São Josemaria considerava o pecado o pior dos males que há que «temer» e «evitar, com a graça divina»<sup>[2]</sup>, pois que nos afasta da felicidade que nos dá a relação com o Senhor e com os outros. «Com fortaleza, com sinceridade, temos de sentir – no coração e na cabeça – horror ao pecado grave. E também há de ser nossa a atitude, profundamente arreigada, de abominar o pecado venial deliberado, essas claudicações que não nos privam da graça divina, mas que debilitam as vias através das quais ela nos chega»<sup>[3]</sup>.

---

OUTRA das consequências da escravidão do pecado é que nos leva a colocar todas as nossas expectativas em realidades terrenas. É assim que se pode chegar a acreditar que a felicidade consiste exclusivamente em possuir riquezas, acumular prazeres e viver experiências intensas. E embora seja verdade que tudo isso pode criar um relativo bem-estar, o nosso coração não se conforma. «Se verdadeiramente fizerdes emergir as aspirações mais profundas do vosso coração, dar-vos-eis conta de que, em vós, há um desejo inextinguível de felicidade, e isto permitir-vos-á desmascarar e rejeitar as numerosas ofertas «a baixo preço» que encontrais ao vosso redor. Quando procuramos o sucesso, o prazer, a riqueza de modo egoísta e idolatrando-os, podemos experimentar também momentos de inebriamento, uma falsa sensação de satisfação; mas, no fim de contas, tornamo-nos escravos, nunca estamos satisfeitos, sentimo-nos impelidos a buscar sempre mais»<sup>[4]</sup>.

Tudo o que saiu das mãos de Deus é bom. Por isso, a vida cristã não consiste em rejeitar essas realidades. De facto, Jesus desfrutava de bons momentos com os seus discípulos enquanto comia (cf. Lc 10, 38-41), e sabia que o vinho era indispensável para amenizar alguns encontros sociais (cf. Jo 2, 1-12). O mal não está no alimento ou no prazer em si, mas na nossa relação com ele. Quer dizer, quando absolutizamos esses bens e os vivemos à margem das dimensões mais importantes da nossa vida: a nossa relação com Deus, o amor ao nosso cônjuge, as relações de amizade, o

trabalho, etc. Então talvez possamos acreditar que a riqueza ou o prazer poderão compensar a felicidade que não encontramos nas facetas mais determinantes da nossa existência.

«Deus quer que estejamos sempre felizes. Ele conhece-nos e ama-nos. Se deixarmos o amor de Cristo transformar o nosso coração, então poderemos mudar o mundo. Esse amor é o segredo da verdadeira felicidade»<sup>[5]</sup>. O Senhor convida-nos a dirigir o nosso olhar, não tanto para o imediato e que, ao mesmo tempo, é supérfluo, mas para aquilo que nos satisfaz profundamente: a segurança de nos sabermos amados incondicionalmente por Ele. «Não olhamos para as coisas visíveis – escreve São Paulo na segunda leitura –, olhamos para as invisíveis: as coisas visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas» (2Cor 4, 18). Cristo mostra-nos que é possível não se deixar possuir por essas *coisas visíveis*. Ele poderá ajudar-nos a ver o *invisível* dessas realidades, que também podem converter-se em ocasião para pensar nos outros e dar glória a Deus.

---

DURANTE a sua passagem pela terra, Jesus mostrou a Sua misericórdia para com todos os homens. Não teve dúvidas em perdoar os pecados de todos aqueles que se aproximavam d'Ele conscientes da sua debilidade. Mesmo sem pedirem explicitamente perdão, Cristo sabia ler nos seus corações o arrependimento dos seus pecados e um desejo de mudar de vida. Desse modo, Deus manifestava que os próprios erros deixavam de ser um obstáculo na hora de os curar: podiam ser uma oportunidade de reavivar a fé, se fossem reconhecidos com humildade e se confiasse na misericórdia divina. Hoje em dia, de cada vez que recorremos ao sacramento da Confissão, Jesus volta a limpar a nossa alma e dá-nos a sua graça para recomeçar de novo.

Há um pecado, porém, que o Senhor disse que não poderá ser perdoado: «Em verdade vos digo que tudo se lhes perdoará aos filhos dos homens: os pecados e todas quantas blasfêmias tiverem proferido, mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo jamais terá perdão, será culpado de um crime eterno» (Mc 3, 28-29). Trata-se de uma atitude em que tinham incorrido alguns escribas. Como atribuíam ao demónio as boas obras que

Jesus realizava, rejeitavam abertamente a salvação que Ele oferecia. Por isso, esse pecado não terá perdão: não porque Deus não possa perdoar todos os pecados, mas porque esses homens, na sua obstinação, tinham rejeitado e desprezado as graças do Espírito Santo. De certa maneira, recusaram-se a acolher-se na misericórdia divina e reivindicaram um «direito de perseverar no mal»<sup>[6]</sup>.

Uma atitude dessas pode talvez ocorrer ao pensarmos nos nossos pecados. Depois de muitos anos a lutarmos para sermos santos, temos talvez a impressão de que retrocedemos mais do que avançamos. Apesar dos nossos bons propósitos, sentimos as nossas forças fraquejar e acreditamos que chegará uma altura em que Deus se cansará de nos conceder o seu perdão. É nisto que consiste o desespero: em baixar os braços porque estamos convencidos de que esgotámos a misericórdia divina. Mas o amor do Senhor não depende de se *nós o ganhámos*, ou não: o Seu desejo de nos atrair a Si não diminui; o Seu amor gratuito não tem limites. «Este é o coração indestrutível da nossa esperança, o núcleo incandescente que sustenta a existência: por baixo das nossas qualidades e defeitos, mais forte do que as feridas e fracassos do passado, os temores e ansiedades face ao futuro, está esta verdade: somos filhos amados»<sup>[7]</sup>. A Virgem Maria, nossa esperança, faz chegar, a cada um de nós o amor incondicional que nos tem o seu Filho Jesus.

---

## NOTAS

[1] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 37.

[2] *Ibid.*, *Caminho*, n. 386.

[3] *Ibid.*, *Amigos de Deus*, n. 243.

[4] Francisco, *Mensagem*, 21/01/2014.

[5] Bento XVI, *Discurso*, 24/03/2012.

[6] São João Paulo II, *Dominum et Vivificantem*, n. 46.

[7] Francisco, Homilia, 24/12/2020.

## Segunda-feira da X semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da X semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: cuidar com compaixão de quem precisa de nós; desejo de felicidade e de vida eterna; a surpresa dos ouvintes.*

### Sumário

- Cuidar com compaixão de quem precisa de nós.
- Desejo de felicidade e de vida eterna.
- A surpresa dos ouvintes.

---

JESUS encontra-se com os Apóstolos num lugar discreto. Rodeados de pequenas colinas, contemplam o mar da Galileia. Passaram alguns dias agitados, percorrendo aldeias e vilas, sem deixarem de anunciar o Reino de Deus, nem de curar os doentes. Cansados, precisam de fazer uma pausa. Contudo, apercebem-se de que as pessoas andam à procura de Cristo. Numerosas multidões provenientes de todo o Israel O querem ouvir. E Jesus, dirigindo um olhar de misericórdia a toda aquela multidão, profere um discurso que deixará uma marca profunda nos presentes: as Bem-aventuranças (cf. Mt 5, 1-12; Lc 6, 20-26).

Provavelmente, já nos sentimos como Jesus e os Seus discípulos naquele momento, em mais de uma ocasião. Depois de um dia de trabalho intenso, chegamos a casa com o desejo de relaxar e de ter um merecido descanso. Mas quando abrimos a porta, encontramos-nos com outras pessoas à nossa espera: o marido ou a mulher a precisar de ajuda, filhos a reclamar atenção, um pai ou uma mãe para cuidarmos...

Cristo adiou para outra altura o descanso que desejava, porque olhou com misericórdia para a multidão que O procurava. Não podia ficar a descansar calmamente, com toda aquela gente que ansiava ouvir dos Seus lábios uma palavra que lhes abrasasse os corações. Afinal, tinha vindo ao mundo precisamente para salvar aquelas pessoas e para lhes comunicar a

Boa Nova. Assim também nós, se «nos mantivermos em contacto com o Senhor e não anestesiarmos o mais profundo do nosso ser, as coisas que temos de fazer não terão o poder de nos deixar sem alento, de nos devorar»<sup>[1]</sup>. O cônjuge, o filho, o pai ou a mãe podem fazer com que adiemos o nosso ansiado descanso, mas ir ao seu encontro recordar-nos-á quem somos, e leva-nos a ter um coração como o de Jesus, capaz de se compadecer das necessidades dos outros.

---

AS BEM-AVENTURANÇAS fazem parte de um discurso que aborda uma questão central, que todo o ser humano coloca: qual é o caminho para a felicidade? «Todos nós queremos viver felizes – escrevia Sto. Agostinho – e não há ninguém no género humano que não concorde com esta afirmação, mesmo antes de ela estar completamente enunciada»<sup>[2]</sup>. Ao mesmo tempo, as Bem-aventuranças referem-se também a outra preocupação universal: haverá vida depois da morte? Jesus não se limita a dar alguns conselhos sobre como viver uma existência mais ou menos feliz, mas acrescenta-lhe um horizonte de eternidade. As Bem-aventuranças são, portanto, um caminho que exprime o duplo desejo que Deus colocou no nosso coração: procurar a verdadeira felicidade na terra e alcançar a felicidade eterna.

Os dois desejos não são contraditórios. S. Josemaria dizia: «Cada vez estou mais persuadido: a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»<sup>[3]</sup>. A proposta de Jesus não consiste em acumular sofrimentos na terra para se alegrar depois no paraíso. Os santos foram pessoas que, em primeiro lugar, souberam ser felizes cá em baixo. Claro que muitos experimentaram, como qualquer outra pessoa, a dor ou a contrariedade, mas isso não lhes roubou a alegria: não basearam a sua felicidade naquilo que se pudesse comprar ou obter, mas num dom gratuito que acolheram. «A Bem-aventurança, a santidade não é um programa de vida feito apenas de esforços e renúncias, mas é sobretudo a alegre descoberta de sermos filhos amados por Deus. E isso enche-nos de alegria. Não é uma conquista humana, é um dom que recebemos: somos santos porque Deus, que é o Santo, vem habitar na nossa vida»<sup>[4]</sup>.

---



SEGURAMENTE, os Apóstolos e a multidão ouviram com assombro o discurso de Jesus. Até àquele momento, acreditavam que a prosperidade humana era sinal do amor de Deus. Segundo essa mentalidade, se alguém tinha muitos bens e gozava de boa fama, era porque o Senhor premiava assim a sua fidelidade ao cumprimento da Lei. Pelo contrário, quem era pobre ou tinha uma doença grave, era provavelmente porque ele ou os seus pais eram pecadores. Por isso, ficam surpreendidos quando ouvem de Cristo que o pobre em espírito, o que chora, o que sofreu injustiças ou injúrias será bem-aventurado...

Podemos imaginar que houve vários tipos de reações. Talvez muitos rejeitassem completamente a proposta de Jesus: não acreditavam que fosse possível ter uma vida feliz em tais circunstâncias. Outros talvez considerassem o Seu convite belo ou ideal, embora irrealizável, dada a debilidade humana. Mas muitos acolheram certamente com entusiasmo a mensagem do Senhor. Tinham ouvido alguém que compreendia os seus sofrimentos e os problemas com que lidavam tantas vezes: a pobreza, as injustiças, a falta de consolo... Descobriram que essas circunstâncias não são um castigo de Deus, não são obstáculos para conseguirem a Bem-aventurança eterna, mas pelo contrário: podem fazer parte do caminho que os levará a herdar o Reino dos Céus.

Deus não é um ser distante. Ele «interessa-se por nós, ama-nos, entrou pessoalmente na realidade da nossa História e comunicou-se a Si mesmo a ponto de se encarnar (...). Desceu do céu para se imergir no mundo dos homens, no nosso mundo, e para ensinar a "arte de viver", o caminho da felicidade»<sup>[5]</sup>. Podemos pedir à Virgem Maria que também nós, ao comunicarmos o Evangelho, saibamos fazer nossos os problemas dos outros, e transmitir a beleza de viver as Bem-aventuranças junto do seu Filho.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 18/07/2021.

[2] Sto. Agostinho, *De moribus ecclesiae* 1, 3, 4.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 1005.

[4] Francisco, Angelus, 01/11/2021.

[5] Bento XVI, Audiência de 28/11/2012.

## Terça-feira da X semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da X semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: iluminar a escuridão; ancorar a nossa tarefa em Cristo; sal que dá sabor e preserva.*

### Sumário

- Iluminar a escuridão.
- Ancorar a nossa tarefa em Cristo.
- Sal que dá sabor e preserva.

---

O Senhor oferece-nos a possibilidade de participarmos na missão de levar a alegria e a paz a todos os cantos do mundo. «Vós sois o sal da terra (...). Vós sois a luz do mundo» (Mt 5, 13-14). Ofereceu-nos a capacidade de iluminar a escuridão. Permite-nos também dar sabor ao insípido. Estes efeitos não são produzidos por nós: é Cristo que Se serve de nós como instrumentos. «Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo» (Jo 9, 5), diz Ele pouco antes de curar um cego. Evidentemente, não se trata de uma aventura fácil. Não o foi nem sequer para Jesus, que Se entregou a ela com toda a sua perfeição de Deus e de homem. Talvez por isso nos ajuda tanto agradecer-Lhe por esse convite que nos faz para enchermos de luz o mundo e de sabor as vidas das pessoas com quem vivemos, apesar dos nossos erros.

«Não penseis que o combate a que sois chamados é de pouca importância e que a causa que se vos confia é pequena»<sup>[1]</sup>. É tão decisiva e emocionante que queremos contar em todo o momento com a companhia e o conselho de Jesus. Interessa-nos, e muito, não fazer a nossa vontade, mas sim a sua; ajudarmos da melhor maneira cada pessoa. Sabemos perfeitamente que não há receitas: só Ele sabe, na realidade, de que cada um precisa em cada momento. Envia-nos para difundir a sua luz em todas as situações e em todas as famílias. É verdade que por vezes a escuridão pode assustar-nos, mas também temos a experiência de que uma luz, por pequena

que seja, pode tornar a escuridão mais habitável. Um fósforo aceso num quarto às escuras não ilumina muito, mas até mesmo nesse caso é uma referência segura que pode ser vista à distância.

«Faz brilhar sobre nós, Senhor, a luz do teu rosto» (Sl 4). No meio da escuridão, que por vezes enche o mundo, a luz de Cristo que refletimos torna-se mais visível. A nossa responsabilidade não deve levar-nos a focar-nos demasiadamente naquilo que fazemos. No entanto, a esperança de que Deus está connosco leva-nos a dedicar a esta tarefa os nossos melhores esforços. Às vezes pode-nos parecer infrutífera, mas sabemos bem que nenhuma semente se perde nesta sementeira divina de paz e alegria.

---

COMPROVAR as nossas limitações pode por vezes levar-nos a duvidar da eficácia da nossa colaboração com a missão do Espírito Santo. No entanto, esses momentos levam-nos a ancorar a nossa tarefa na rocha que é Cristo. «Certamente, quem acredita em Jesus nem sempre vê na vida apenas o sol, quase como se pudesse furtar-se ao sofrimento e às dificuldades; mas tem sempre uma luz clara que lhe mostra um caminho, uma senda que conduz à vida em abundância»<sup>[2]</sup>.

«Encher o mundo de luz – dizia S. Josemaria –, ser sal e luz: assim descreveu o Senhor a missão dos seus discípulos. Levar até aos confins da terra a boa nova do amor de Deus. A isso devemos dedicar as nossas vidas»<sup>[3]</sup>. Nesta tarefa de semear com Cristo, por vezes o crescimento parece-nos lento e o fruto escasso. Mas cada pequena oração, cada sacrifício minúsculo parecem-Lhe um triunfo. A sua sede é saciada com pouco. Basta-Lhe um pedido mínimo para salvar um bandido (cf. Lc 23, 42), para multiplicar a sua graça (cf. Mt 14, 19) ou para curar uma traição como a de Pedro (cf. Mt 26, 75).

O apóstolo enche-se então de paz e audácia e ouve dos lábios de Jesus que a missão não tem limites: «Porque não vos envio a duas cidades, nem a dez, nem a vinte; nem sequer a uma nação, como noutros tempos enviei os profetas, mas envio-vos à terra e ao mar, ao mundo inteiro»<sup>[4]</sup>. O que o Senhor espera de nós é que as nossas próprias debilidades não restrinjam a

grandeza da missão. «O cristão é sal e luz do mundo, não porque vence ou triunfa, mas porque dá testemunho do amor de Deus»<sup>[5]</sup>.

---

«VÓS SOIS o sal da terra». O sal é um elemento que dá sabor aos alimentos. «Esta imagem recorda-nos que, pelo batismo, todo o nosso ser foi profundamente transformado, porque foi *temperado* com a nova vida que vem de Cristo»<sup>[6]</sup>. Nos tempos antigos, o sal era utilizado para preservar os alimentos. Hoje, nós, os cristãos, também somos chamados a conservar a fé que recebemos, para a transmitirmos intacta aos outros.

Uma das características do sal é que, na dose certa, não chama a atenção. Não dizemos “que bom é o sal!”, mas sim “que boa está esta comida!”. Por isso, o discípulo é sal quando «não procura a aprovação e o louvor, mas se esforça por ser uma presença humilde e construtiva, em fidelidade aos ensinamentos de Jesus, que veio ao mundo não para ser servido, mas para servir»<sup>[7]</sup>.

Nesta tarefa de temperar a terra, não estamos sozinhos. «Jesus convida-nos a não ter medo de viver no mundo (...). O cristão não pode encerrar-se em si mesmo ou esconder-se na segurança do seu próprio recinto»<sup>[8]</sup>. O sal, se for insípido ou não se adicionar aos alimentos, não serve para grande coisa. Por isso, podemos pedir a Santa Maria que nos encha de desejos de transmitir o *sabor* de uma vida vivida junto de Cristo.

---

## NOTAS

[1] S. João Crisóstomo, Homilia 15, 6; BAC 141, 1955, p. 288.

[2] Bento XVI, Vigília de oração, 24/09/2011.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 147.

[4] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre S. Mateus*, 15, 6; BAC 141, 1955, p. 287.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 100.

[6] S. João Paulo II, Mensagem para a XVII Jornada Mundial da Juventude, 25/07/2001.

[7] Francisco, Angelus, 09/02/2020.

[8] *Ibid.*

## Quarta-feira da X semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da X semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus revela a plenitude da Lei; a liberdade como caminho para o céu; o Reino e as pequenas coisas.*

### Sumário

- Jesus revela a plenitude da Lei.
- A liberdade como caminho para o céu.
- O Reino e as pequenas coisas.

---

JESUS foi acusado várias vezes de querer destruir a religião de Moisés e Abraão. O Senhor proclama, pelo contrário, que não veio para abolir o anterior, mas para nos revelar o seu significado pleno, para nos mostrar o seu alcance mais profundo (cf. Mt 5, 17). Cristo revela aos seus contemporâneos – e também nos revela a nós – a possibilidade de encontrar nos preceitos divinos um caminho de autêntica liberdade interior. Deus revelou-se e deu-nos o Seu Filho para nos tornar mais livres. «Foi para a liberdade que Cristo nos libertou», dirá S. Paulo. «Permaneçei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão» (Gl 5, 1).

À luz do novo ensinamento de Jesus, «cada preceito revela o seu pleno significado como exigência de amor, e todos se reconhecem no maior mandamento: ama a Deus com todo o coração e ama o próximo como a ti mesmo»<sup>[1]</sup>. Até «a mais pequena letra ou o mais pequeno sinal» (Mt 5, 18) da doutrina da Igreja, seja em matéria dogmática, moral, litúrgica, etc., tem como objetivo incitar-nos a amar o verdadeiro Deus e, através d’Ele, as pessoas que nos rodeiam. E o amor, também com as suas dificuldades normais, só ocorre numa atmosfera de liberdade.

É por isso que Jesus pode dizer que o seu alimento é fazer a vontade do Pai. Ele não *se resigna* com essa Vontade como alguém que quisesse fazer outra coisa, mas deseja-a ardentemente, quer identificar todas as suas

inclinações com ela, porque é aí que encontra a sua liberdade. Cristo chega, até, a agradecer a seu Pai antes de realizar o maior ato de entrega, quando, na véspera da sua paixão, dá a Sua vida livremente na Eucaristia. Em Deus, encontramos a liberdade mais profunda que nos ajuda a amar mais e melhor aqueles que nos rodeiam.

---

«DEIXAI-NOS PENSAR como será o Céu – propunha S. Josemaria –. “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2, 9). Podeis imaginar como será chegar lá e encontrarmo-nos com Deus, e ver aquela beleza, aquele amor que se derrama nos nossos corações, que sacia sem saciar? Pergunto-me muitas vezes ao dia: como será quando toda a beleza, toda a bondade, toda a maravilha infinita de Deus for derramada neste pobre vaso de barro que sou, que todos nós somos?»<sup>[2]</sup>. Também S. Tomás de Aquino nos convidou a alegrarmo-nos com o céu como «a perfeita satisfação dos nossos desejos, pois aí os bem-aventurados terão mais do que desejavam ou esperavam. A razão disso – explicava o santo –, é que nesta vida ninguém pode satisfazer os seus desejos, e nenhuma coisa criada pode alguma vez saciar o desejo do homem»<sup>[3]</sup>.

Ao mesmo tempo, pensar no céu ajuda-nos a compreender melhor a terra, a dar o peso adequado às situações e aos problemas. «Visto que a pessoa humana permanece sempre livre e dado que a sua liberdade é também sempre frágil, não existirá jamais neste mundo o reino do bem definitivamente consolidado. Quem promettesse o mundo melhor que duraria irrevogavelmente para sempre, faria uma promessa falsa; ignora a liberdade humana. A liberdade deve ser incessantemente conquistada para o bem»<sup>[4]</sup>.

A luta por sermos cada vez mais livres nesta terra, cada vez mais cheios de Deus e cada vez menos dos nossos pequenos egoísmos, é precisamente o caminho para o céu. «Para caminhar em direção à santidade, é necessário sermos livres e sentirmo-nos livres. Porque há tantas coisas que escravizam (...). Quando voltamos ao modo de vida que tínhamos antes do encontro com Jesus Cristo, ou quando voltamos aos padrões do mundo, perdemos a liberdade (...). Como o povo de Deus no deserto: quando olhavam para a



frente, estavam a ir bem; quando a nostalgia se apoderava deles, porque não podiam comer as coisas boas que lhes eram dadas lá, estavam enganados e esqueciam-se de que lá não tinham liberdade»<sup>[5]</sup>. É nesta terra que nos podemos preparar, com a ajuda da graça, para aquilo que mais tarde poderemos viver no céu: escolher sempre Deus, livres de todo o jugo ou confusão.

---

«PORTANTO, SE ALGUÉM transgredir um só destes mandamentos, por mais pequenos que sejam, e ensinar assim aos homens, será o menor no reino dos Céus. Mas aquele que os praticar e ensinar será grande no reino dos Céus» (Mt 5, 19). Que relação podem ter os preceitos mais pequenos com o Reino dos Céus? Jesus relaciona a luta pela santidade com a capacidade de amar e ser amado na vida quotidiana. O céu é, em suma, uma questão de quanto permitimos que Deus seja o nosso Pai amoroso em cada momento do dia, de quanto sabemos que estamos acompanhados mesmo nas mais pequenas coisas. Aquele que cumpre esses *pequenos mandamentos* é aquele que se levanta vezes sem conta, aquele que não se cansa de lutar na mesma coisa, aquele que é sincero consigo mesmo e com Deus de tal modo que reconhece que está em necessidade. Aquele que cumpre esses *pequenos mandamentos* é aquele que, sabendo dar prioridade ao que é mais importante, se apercebe de que nada escapa ao amor.

«Alguns talvez imaginem que na vida comum há pouco para oferecer a Deus: insignificâncias, bagatelas. Um rapazinho, querendo agradar ao seu pai, oferece-lhe o que tem: um soldadinho de chumbo sem cabeça, um carrinho de linha sem linha, algumas pedrinhas, dois botões – tudo o que ele tem de valor nos seus bolsos, os seus tesouros. E o pai não considera a puerilidade do presente: agradece-lho e aperta o filho contra o seu coração, com imensa ternura. Atuemos desta forma com Deus para que essas ninharias – essas insignificâncias – se tornem coisas grandes, porque grande é o amor: é isso que nos cabe, tornar heroicos, por Amor, os pequenos detalhes de cada dia, de cada instante»<sup>[6]</sup>. Maria diz sempre que sim a tudo o que o seu filho lhe pede, porque sabe que desse modo Deus lhe oferece a sua alegria e felicidade. Podemos pedir à nossa Mãe que nos dê a sabedoria para ver a vontade de Deus com esses olhos.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 16/02/2014.

[2] S. Josemaria, Notas tomadas numa reunião familiar, 22/10/1960.

[3] S. Tomás de Aquino, *Sobre o Credo*, 1. c., III.

[4] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 24.

[5] Francisco, Homilia, 29/05/2018.

[6] S. Josemaria, *Cartas 1*, n. 19.

## Quinta-feira da X semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da X semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: reconciliar-se com os outros; aceitar as próprias fraquezas e as dos outros; olhar com compreensão maternal.*

### Sumário

- [Reconciliar-se com os outros.](#)
  - [Aceitar as próprias fraquezas e as dos outros.](#)
  - [Olhar com compreensão maternal.](#)
- 

«SE FORES APRESENTAR a tua oferta sobre o altar e ali te recordares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão e vem depois apresentar a tua oferta» (Mt 5, 23-24). A Eucaristia, o sacramento do altar, tem o poder de transformar as nossas relações com os outros; Jesus pede-nos para amar como Ele, e fica sob as formas de pão e vinho para que esse amor seja possível. A nova aliança selada com o sangue de Jesus tornar-nos-á capazes de nos reconciliarmos, com todos os homens.

«Este carinho que vos tenho, filhos, não é *caridade oficial* e seca; é verdadeira caridade e carinho humano sensível porque sois o meu tesouro»<sup>[1]</sup>. Há nestas palavras de S. Josemaria um eco das de S. Paulo: «não cesso de dar graças a Deus por vós, quando vos recordo nas minhas orações» (Ef 1, 16). «Cada pessoa é digna da nossa dedicação. E não pelo seu aspeto físico, capacidades, linguagem, mentalidade ou pelas satisfações que nos pode dar, mas porque é obra de Deus, criatura sua. Ele criou-a à sua imagem, e reflete algo da sua glória. Cada ser humano é objeto da ternura infinita do Senhor, e Ele mesmo habita na sua vida»<sup>[2]</sup>.

Pelo contrário, manter zangas com outras pessoas também nos afasta de Deus, não damos espaço para que a Sua paz nos inunde. Podemos pedir ao Senhor a disposição dos santos para reconhecer a imagem divina nos nossos irmãos e assim nos unirmos cada vez mais a Deus na Santa Missa.

---

«TODO AQUELE que se irar contra o seu irmão será submetido a julgamento» (Mt 5, 22). O Senhor mostra-nos a fonte de quase todos os conflitos: a nossa pouca capacidade de compreender as próprias fraquezas e as dos outros. Por trás de um julgamento muito severo dos outros, não é raro encontrar erros pessoais mal assimilados, «Muitas vezes o dedo em riste e o juízo que fazemos a respeito dos outros são sinal da incapacidade de acolher dentro de nós mesmos a nossa própria fraqueza, a nossa fragilidade»<sup>[3]</sup>.

O Catecismo da Igreja recomenda-nos um caminho seguro: «Todo o bom cristão deve estar mais pronto a interpretar favoravelmente a opinião ou afirmação obscura do próximo do que a condená-la»<sup>[4]</sup>. O pecado, ao ser um afastamento de Deus e dos outros, traz uma pena em si mesmo. Com as Suas palavras, Jesus coloca-nos diante das consequências intrínsecas da incompreensão para com os outros: nós mesmos ficamos presos pelos julgamentos que fazemos.

Muito diferente é o olhar divino que queremos desenvolver nós também. Com a ajuda da Eucaristia, podemos alcançar o nosso perdão e o dos outros. Jesus assume os erros de todos, as nossas faltas e pecados. Quando ajudamos os outros em vez de julgá-los, somos destinatários de uma caridade infinita que será aplicada às suas feridas, de um remédio divino capaz de curar qualquer dor e sofrimento.

---

«ENQUANTO CAMINHAMOS, inevitavelmente embatemos no homem ferido»<sup>[5]</sup>. É impossível que não encontremos fragilidade na nossa vida. No entanto, essas feridas podem ser um momento de graça se aprendermos a descobrir como é a reação divina diante dessa dor e desse sofrimento: «Seguindo o exemplo do Senhor, compreendei os vossos irmãos com um coração muito grande, que não se assuste com nada, e amai-os verdadeiramente. Eu amo-vos como as vossas mães vos amam (...). Sendo muito humanos, sabereis superar pequenos defeitos e ver sempre, com compreensão materna, o lado bom das coisas»<sup>[6]</sup>.

«A língua deve ser transformada, purificada. A língua toca a música que soa no coração»<sup>[7]</sup>. Se não conseguimos fazer nosso o olhar compassivo de

Jesus, não é estranho que, ao fim do dia, acumulemos alguns juízos críticos em relação aos outros. Por isso, o melhor lugar para abrigar os que nos rodeiam não é apenas a nossa cabeça, mas também o nosso coração; é na oração e no exame de consciência que podemos pedir a Deus que transforme qualquer crítica ou queixa em desejo de compreender e amar os nossos irmãos como eles são, e não como gostaríamos que fossem.

Uma mãe é incapaz de pensar mal do filho, sempre encontra uma desculpa que o justifique. Maria tem essa mesma atitude com cada um de nós. Podemos recorrer a Ela para nos ajudar a ter esse olhar com as pessoas que estão perto de nós.

---

## NOTAS

[1] Notas, Roma, 30/06/1963; em “Crónica” 1971, p. 10 (AGP, biblioteca, P01), citado em: Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, vol. III, Verbo, Lisboa 2003.

[2] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 274.

[3] Francisco, *Patris Corde*, n. 2.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2478.

[5] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 69.

[6] S. Josemaria, *Carta 27*, n. 35.

[7] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*, “A murmuração banalizada”.

## Sexta-feira da X semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da X semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a plenitude das Bem-aventuranças; procurar a pureza de coração; tirar o que estorva.*

### Sumário

- A plenitude das Bem-aventuranças.
- Procurar a pureza de coração.
- Tirar o que estorva.

---

O SERMÃO DA MONTANHA é o primeiro dos cinco grandes discursos em que S. Mateus reúne os ensinamentos de Jesus sobre o Reino de Deus. O pórtico deste discurso é a proclamação das Bem-aventuranças (cf. Mt 5, 1-11): nelas «dá-nos novos mandamentos que são muito mais que normas. De facto, Jesus nada impõe, mas revela o caminho da felicidade»<sup>[1]</sup>. Ao torná-las vida da nossa vida, aqueles de nós que seguimos Cristo podemos converter-nos, com a Sua ajuda, em sal da terra e luz do mundo.

Com as Bem-aventuranças como pano de fundo, o Senhor interpreta os principais preceitos da Lei. Quer extrair todo o seu conteúdo através de uma série de antíteses entre os antigos mandamentos e a Sua nova maneira de propo-los: «Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, digo-vos». A sua forma de expressão – «Eu, porém, digo-vos» – causou grande impressão no povo porque equivalia a reivindicar para Si a autoridade de Deus. Ao que Moisés disse, Jesus acrescenta a novidade, leva-o à plenitude.

O Senhor não anula os mandamentos da lei, mas interioriza-os, ilumina-os de tal maneira que possam verdadeiramente conformar o nosso coração ao de Deus. Para os Seus discípulos, «as palavras de Jesus, cheias de amor e ao mesmo tempo de exigência»<sup>[2]</sup> são um programa de santidade: «sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste.» (Mt 5, 48) «É verdade: Jesus

é um amigo exigente que indica metas altas»<sup>[3]</sup>, certamente mais elevadas que as de Moisés, chega às últimas consequências. Para Jesus, cada mandamento adquire o seu pleno significado como exigência de amor, e todos eles se unem no maior de todos: amar a Deus com todo o coração e ao próximo como a si mesmo (cf. Mt 22, 36-40). O amor é exigente e aí reside a sua beleza.

---

«OUVISTES o que foi dito aos antigos: ‘Não cometerás adultério’. Mas Eu digo-vos: todo aquele que tiver olhado para uma mulher com maus desejos já cometeu adultério com ela em seu coração» (Mt 5, 27). Comentando este versículo, S. Gregório Magno advertiu: «Devemos, pois, estar vigilantes, porque não deve ver-se aquilo que não é lícito desejar»<sup>[4]</sup>. Os preceitos do Senhor não são arbitrários; pelo contrário, respondem aos desejos do coração humano, pois, ao conhecer-nos intimamente, Deus manda-nos o que é o verdadeiro caminho da felicidade. Anteriormente, no início do discurso, o Mestre tinha assegurado que serão bem-aventurados aqueles que são verdadeiramente «puros de coração» (Mt 5, 8).

Com esta bem-aventurança o Senhor convida-nos a identificar o nosso olhar com o seu; a formar uma interioridade que nos leve a dirigir os nossos afetos e pensamentos para Ele. Limitar a pureza de coração apenas a combater as tentações e os impulsos desordenados poderia levar a concebê-la como um peso. Faz-nos perder de vista que, na realidade, a vida com Deus nos enche de um «Amor que sacia sem saciar»<sup>[5]</sup> os nossos desejos mais profundos. Quando o rei David implora «Ó Deus, cria em mim um coração puro» (Sl 51, 12), está a pedir a capacidade de saborear e desfrutar do que é verdadeiramente valioso, e não apenas do que é efémero.

«Não basta deter-se “à superfície” das ações humanas, é preciso entrar precisamente no interior»<sup>[6]</sup>. Na luta contra o pecado, o Senhor vai até a raiz, aponta para o coração, porque é aí que se forma a bondade ou maldade das nossas ações. «Examina com sinceridade o teu modo de seguir o Mestre. Considera se te entregaste de uma maneira oficial e seca, com uma fé que não tem vibração; se não há humildade, nem sacrifício, nem obras nos teus dias; se não há em ti mais que fachada e não estás no pormenor de cada instante..., numa palavra, se te falta Amor»<sup>[7]</sup>.

---

«SE A TUA VISTA direita for para ti origem de pecado, arranca-a e lança-a fora, pois é melhor perder-se um dos teus órgãos do que todo o teu corpo ser lançado à Geena» (Mt 5, 29). As palavras do Senhor, com imagens marcantes, exortam-nos «a não fazer acordos com o mal (...) Jesus é radical, exigente, mas para o nosso bem, como um bom médico. Cada corte, cada poda, é para crescer melhor e dar frutos no amor. Então perguntemo-nos: o que há em mim que contrasta com o Evangelho? O que quer Jesus que eu corte concretamente na minha vida?»<sup>[8]</sup>.

«Não tenhas a cobardia de ser "valente"; foge!»<sup>[9]</sup>, aconselha S. Josemaria. Para continuar no caminho, às vezes precisaremos de fugir das ocasiões que nos afastam do amor e prescindir do que nos estorva. Adquirimos um tesouro escondido pelo qual estamos dispostos a vender tudo o resto, mesmo coisas que sabemos serem boas. «A fidelidade manifesta-se especialmente quando exige esforço e sofrimento»<sup>[10]</sup> e às vezes exige renúncias. Sto. Agostinho dizia: «Naquilo que se ama, ou não se sente a dificuldade ou se ama a própria dificuldade (...). Os trabalhos de quem ama nunca são dolorosos»<sup>[11]</sup>.

Maria viveu os momentos de alegria e dor com o mesmo amor. Podemos pedir-Lhe que interceda por nós para que também nós enfrentemos todas essas situações, sabendo que tudo o que Deus nos pede é que nos mantenhamos mais próximos d'Ele.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 29/01/2020.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 33.

[3] S. João Paulo II, Mensagem, 15/08/1996, n. 3.

[4] S. Gregório Magno, *Moralia*, 21, 2.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 208.



[6] S. João Paulo II, Audiência Geral, 16/04/1980.

[7] S. Josemaria, *Forja*, n. 930.

[8] Francisco, Angelus, 26/09/2021.

[9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 132.

[10] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 19/03/2022, n. 3.

[11] Sto. Agostinho, *De bono viduitatis*, 21, 26.

## Sábado da X semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da X semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o nome de Deus é santo; a verdade brilha nas nossas relações; sinceridade de vida.*

### Sumário

- O nome de Deus é santo.
- A verdade brilha nas nossas relações.
- Sinceridade de vida.

---

NO SERMÃO da Montanha, que se proclama na liturgia destes dias, São Mateus apresenta o poder de Jesus sobre a Lei que Israel tinha recebido de Deus. O Senhor confirma o seu valor perene e, ao mesmo tempo, declara a necessidade de a viver com um espírito novo. O amor passa a ser agora o centro de todos os preceitos. «Existe simultaneamente continuidade e superação: a Lei transforma-se e aprofunda-se como Lei do amor, a única que convém ao rosto paterno de Deus»<sup>[1]</sup>. Deixa de ser uma lei exterior para se converter numa lei «interior do homem, sobre o qual atua o Espírito Santo: é, ainda, o mesmo Espírito Santo que se torna assim Mestre e guia do homem a partir do interior do coração»<sup>[2]</sup>.

O segundo mandamento que Moisés recebeu de Deus e entregou ao povo «manda respeitar o nome do Senhor»<sup>[3]</sup>. A ele se refere Jesus no Sermão da Montanha: «Do mesmo modo, ouvistes o que foi dito aos antigos: ‘Não perjurarás’. (...) Eu, porém, digo-vos: não jureis de maneira nenhuma: nem *pelo Céu*, que é o *trono de Deus*, nem *pela Terra*, que é o *estrado dos seus pés*, nem por *Jerusalém*, que é a *cidade do grande Rei*. Não jures pela tua cabeça, porque não tens poder de tornar um só dos teus cabelos branco ou preto» (Mt 5, 33-36). Na sociedade judaica recorria-se, com frequência, ao juramento, por vezes falso (cf. Mt 23, 16-22); contudo, como o nome divino era sagrado e impronunciável, evitavam-no referindo-se a outras realidades.

Jesus ensina que todo o juramento compromete o nome do Senhor, que é santo. Por isso, o homem não pode usá-lo de qualquer maneira. «A presença de Deus e da sua verdade deve ser honrada em toda a palavra. A discrição no recurso a Deus, ao falar, anda a par com a atenção respeitosa à sua presença»<sup>[4]</sup>. O Senhor confiou-nos o Seu nome, aos que n'Ele cremos, revelando-nos, desse modo, o seu mistério pessoal. «O dom do nome é da ordem da confiança e da intimidade (...). Deve guardá-lo na memória, num silêncio de adoração amorosa. E não o empregará nas suas próprias palavras senão para o bendizer, louvar e glorificar»<sup>[5]</sup>. O nome de Deus, pregava Santo Agostinho, «é grande, quando é pronunciado com o respeito devido à sua grandeza e majestade. O nome de Deus é santo, quando se pronuncia com veneração e temor de o ofender»<sup>[6]</sup>.

---

JURAR é tomar Deus como testemunha de alguma coisa, invocando a sua veracidade como garantia de que o que se diz está certo. Jesus rejeita categoricamente a exigência do juramento para garantir a verdade da palavra própria. A verdade deve brilhar por si só. Sem dúvida que a palavra humana é frágil e débil, mas só é possível estabelecermos relações humanas saudáveis e nobres quando temos a confiança de que as nossas palavras são um reflexo da verdade. «A convivência humana não seria possível se uns não confiassem nos outros como pessoas que no seu tratamento mútuo dizem a verdade»<sup>[7]</sup>. A razão dessa confiança funda-se no amor. «Fomos chamados para instaurar entre nós, nas nossas famílias e nas nossas comunidades um clima de clareza e de confiança recíproca (...). E isto é possível com a graça do Espírito Santo, que nos permite fazer tudo com amor, e assim realizar plenamente a vontade de Deus»<sup>[8]</sup>.

Esta maneira de viver encarando a verdade, dispostos a sacrificar-nos por ela, deixa no nosso interior um sulco de harmonia e paz. «Somente a humildade pode encontrar a verdade, e a verdade, por sua vez, é o fundamento do amor»<sup>[9]</sup>. Pelo contrário, «viver de comunicações não autênticas é grave, porque impede os relacionamentos e, por conseguinte, também o amor. Onde há mentira, não há amor, não pode haver amor. E quando falamos de comunicação entre as pessoas, entendemos não apenas as palavras, mas inclusive os gestos, as atitudes, até os silêncios e as ausências. Uma pessoa *fala* com tudo aquilo que é e que faz. Todos nós

estamos em comunicação, sempre. Todos nós vivemos comunicando e estamos continuamente em equilíbrio entre a verdade e a mentira»<sup>[10]</sup>.

A vocação cristã é um caminho de identificação com Cristo. Ele é a Verdade (cf. Jo 14, 6) que veio ao mundo para dar testemunho da verdade (cf. Jo 18, 37). Em consequência disso, o amor à verdade é conatural ao modo de vida cristão, é a lei fundamental do falar e do agir dos seus discípulos: «Mas seja a vossa palavra: sim, sim, não, não» (Mt 5, 37). Tudo o que é verdade vem de Deus, «o que for além disso, vem do Maligno» (Mt 5, 37). O amor à verdade está necessariamente no caminho que conduz a Deus. Isso levar-nos-á a esforçar-nos por a conhecer e a transmitir, em intenções, palavras e ações. Ser sincero é servir a verdade, agir com verdade, é estar em comunhão com o Senhor.

---

QUANDO perguntavam a São Josemaria qual era a virtude de que mais gostava, respondia prontamente: a sinceridade. «Seja o nosso sim, sim; seja o nosso não, não» é o lema do primeiro colégio nascido por seu incentivo direto. «O cristão tem de manifestar-se autêntico, veraz, sincero em todas as suas obras», pregava numa ocasião. «Na sua conduta deve transparecer um espírito: o de Cristo. Se alguém tem neste mundo a obrigação de se mostrar conseqüente, é o cristão, porque recebeu em depósito, para fazer frutificar esse dom, a verdade que liberta e salva. Padre, perguntar-me-eis, e como conseguirei essa sinceridade de vida? Jesus Cristo entregou à sua Igreja todos os meios necessários: ensinou-nos a rezar, a conviver com o Seu Pai Celestial; enviou-nos o Seu Espírito (...); e deixou-nos esses sinais visíveis da graça que são os sacramentos. Usa-os. Intensifica a tua vida de piedade. Faz oração todos os dias»<sup>[11]</sup>.

Às vezes podemos sentir medo da verdade, sobressaltam-nos os compromissos e as exigências que ela transporta consigo. Podemos pedir ao Senhor a graça de atuar sempre com transparência e simplicidade, sem fingimentos, nem complicações. Sabemos que a verdade, se não for total – pelo menos naquilo que estiver ao nosso alcance –, não é verdade. Se nos comportarmos assim, com honestidade, seremos creíveis, sem necessidade de adicionar expressões exageradas para poder obter o crédito dos outros.

Maria escutou em silêncio as palavras do anjo, perguntou o que não entendia e respondeu com generosidade, sem desculpas. Com o seu *fiat*, a Verdade salvadora encarnou no seu seio. N'ela se realizou a aliança definitiva entre a verdade e o amor. Podemos recorrer à sua intercessão materna para que nós, seus filhos, aprendamos a viver a verdade no amor, abrindo, assim, caminho à Verdade maior.

---

## NOTAS

[1] São João Paulo II, Audiência, 07/04/1999.

[2] *Ibid.*, 09/08/1989.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2142.

[4] *Ibid.*, n. 2153.

[5] *Ibid.*, n. 2143.

[6] Santo Agostinho, *De sermone Domini in monte*, 2, 5, 19.

[7] São Tomás de Aquino, *Suma Teológica* II-II, q. 109, a. 3, ad. 1.

[8] Francisco, *Angelus*, 12/02/2017.

[9] Bento XVI, *Mensagem*, 22/10/2019.

[10] Francisco, *Audiência*, 14/11/2018.

[11] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 141.

## XI domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no XI domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: os ritmos de Deus; a força da semente; o contraste entre a pequenez e a grandeza.*

### Sumário

- Os ritmos de Deus.
- A força da semente.
- O contraste entre a pequenez e a grandeza.

---

«Ouvi, Senhor, a voz da minha súplica. Vós sois o meu refúgio: não me abandoneis, meu Deus, meu Salvador»<sup>[1]</sup>. Estes pedidos de socorro, que se atribuem ao rei David (Sl 26, 7.9), constituem o pórtico da liturgia de hoje. Cheios de confiança, elevemos um cântico ao Senhor, neste domingo, para que atenda às nossas necessidades e nos acompanhe nas dificuldades que possam surgir no nosso caminhar diário. Como afirmou Santa Teresa de Lisieux, a nossa oração é «um impulso do coração (...), um grito de agradecimento e de amor, tanto no meio do sofrimento, como no meio da alegria. Numa palavra, é algo grande, algo sobrenatural»<sup>[2]</sup> que nos dilata a alma e nos une a Jesus.

O Evangelho deste domingo propõe-nos duas breves parábolas: a da semente que germina e cresce sozinha e a do grão de mostarda (cf. Mc 4, 26-34). São imagens familiares tiradas do mundo rural, compreensíveis para todos os Seus seguidores. «O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. É como um grão de mostarda» (Mc 4, 26.31). Tomando como exemplo a maneira como cresce a semente, Jesus quer explicar que não é possível julgar a ação misteriosa de Deus pela pequenez dos seus primeiros passos. Embora, no início, o seu Reino pareça um tanto discreto, na realidade tem uma força enorme que se irá desenvolvendo com o decorrer do tempo.

À primeira vista, a semente é muito pequena. Às vezes, é quase impossível dar por ela. O seu valor é quase insignificante. Contudo, uma vez enterrada, a semente cresce, sem que nada a possa parar, dando um fruto que chega sem se saber muito bem como, superando todas as expectativas que o agricultor possa ter tido. A ação de Deus no mundo e na história não é normalmente espetacular, nem costuma trazer resultados imediatos. De facto, por vezes até vem envolta em aparentes fracassos. Mas nessa semente, pequena e discreta, já se esconde a promessa do que está para vir. Quando vemos que os frutos tardam em chegar, que os nossos desejos de conversão nem sempre são eficazes, podemos recorrer a Nosso Senhor para n'Ele depositarmos toda a nossa segurança. É verdade que, à primeira vista, as coisas melhoram mais devagar do que desejamos, e que nos podemos sentir sozinhos e sem meios humanos. Jesus recorda-nos que os começos são pequenos, porque a semente tem primeiro de crescer para dentro, no seio da terra. E depois, quando Deus quiser, chegará o tempo de colher os seus frutos, pois os seus ritmos não são necessariamente os nossos.

---

A PRIMEIRA parábola centra a nossa atenção no dinamismo da sementeira. A semente que se lança à terra germina, quer o agricultor durma, quer esteja acordado, e cresce sozinha. Ao semear, o camponês confia que o seu trabalho não será infecundo; conhece o *poder* da semente quando recebe a água necessária para o seu crescimento. Basta esconder bem a pequena semente no solo e regá-la com regularidade. Também o sustenta na sua labuta a confiança na bondade dessa terra que abraça a semente que ele depositou. «A terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga» (Mc 4, 28).

«O tempo presente é época de sementeira, e o crescimento da semente é garantido pelo Senhor. Então, cada cristão sabe bem que deve fazer tudo aquilo que pode, mas que o resultado final depende de Deus: essa consciência ampara-o no cansaço de cada dia, especialmente nas situações mais difíceis»<sup>[3]</sup>. Colaborar na sementeira da Palavra divina no coração dos outros é muito semelhante ao trabalho do campo. O fruto não se vê de imediato, e talvez nem mesmo o cheguemos a ver com os nossos próprios olhos. Mas temos a segurança de que a semente está a crescer de maneira a

superar as nossas expectativas. «Nunca esqueçamos, quando anunciamos a Palavra, que até onde parece que nada acontece, na realidade o Espírito Santo age e o Reino de Deus já cresce, através e além dos nossos esforços»<sup>[4]</sup>.

O nosso otimismo e o nosso compromisso baseiam-se nessa sólida confiança. Se ouvimos o apóstolo Paulo dizer, quando escreve aos cristãos de Corinto: não duvideis, «é Deus quem faz crescer» (1Cor 3, 7), nós somos simples «cooperadores» seus (cf. 1Cor 3, 6-9), tranquiliza-nos saber que o fruto não depende daquilo que possamos saber fazer com as nossas escassas forças. De facto, Deus contenta-se com que façamos o que pudermos. Nessa linha de pensamento, São Josemaria incentivou a utilização de todos os meios humanos, como se os sobrenaturais não existissem, e, inversamente, a usar todos os meios sobrenaturais, como se não houvessem meios humanos ao alcance das nossas mãos<sup>[5]</sup>. «Age como se tudo dependesse de ti, mas consciente de que na realidade tudo depende de Deus»<sup>[6]</sup>. A obra de Deus na história é fecunda, porque Ele é o Senhor do Reino. Muitas vezes o que temos é de trabalhar e ficar pacientemente à espera dos frutos. A vitória do Senhor é certa.

---

O PEQUENO grão de mostarda, conta a segunda parábola, «começa a crescer e torna-se a maior de todas as plantas da horta, estendendo de tal forma os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra» (Mc 4, 32). Uma realidade tão pequena converte-se, com o passar dos dias e dos meses, em algo difícil de imaginar. Esse grão, cheio de vida, ao partir-se, é capaz de romper o terreno, sair para a luz do sol e crescer até se converter em árvore, chegando até aos três metros de altura. «Só quando é esmagado é que espalha a sua força»<sup>[7]</sup>.

Como sucedia na primeira parábola, aqui também brilha o contraste entre a pequenez da semente e a grandeza do que se produz. Talvez seja algo que também experimentamos na nossa própria vida. Sabemos que o Senhor nos chamou para coisas grandes, mas talvez sintamos que não estamos à altura. Na realidade, Cristo chamou-nos não pelos nossos próprios méritos, mas porque *lhe deu na gana*. Ele não espera que façamos coisas extraordinárias, mas que tenhamos a humildade de O deixar crescer



na nossa vida e de, em cada dia, confiar na Sua oferta incondicional de amor. «A debilidade é a força da semente, o romper-se é o seu poder. E assim é o Reino de Deus: uma realidade humanamente pequena, formada por quantos são pobres no coração, por quem não confia na própria força, mas na força do amor de Deus, pelos que não são importantes aos olhos do mundo; e, no entanto, é precisamente através deles que irrompe a força de Cristo e transforma aquilo que é aparentemente insignificante»<sup>[8]</sup>.

A nossa pequenez não interessa muito. A nossa fragilidade não constitui um obstáculo intransponível à ação da graça. Deus faz crescer tudo o que é grande com a superabundância dos seus dons. «Lança para longe de ti essa desesperança que te produz o conhecimento da tua miséria. – É verdade: pelo teu prestígio económico és um zero..., pelo teu prestígio social, outro zero..., e outro pelas tuas virtudes, e outro pelo teu talento... Mas, à esquerda desses zeros, está Cristo... E que cifra incomensurável isso dá!»<sup>[9]</sup>.

A Virgem Maria acolheu, como «terra boa», a semente da Palavra divina. Podemos pedir-lhe que fortaleça em nós essa confiança perante a evidente «desproporção entre os nossos meios e os frutos que Deus suscita. O seu poder salvífico não diminuiu, mas espera de cada uma e de cada um de nós, bem como das pessoas que se abrigam à sombra dessa árvore frondosa, uma correspondência generosa, a maior de que, com a sua ajuda, sejamos capazes»<sup>[10]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Antífona de entrada.

[2] Santa Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 11.

[3] Bento XVI, Angelus, 17/06/2012.

[4] Francisco, Angelus, 16/07/23.

[5] cf. Ernst Burkhardt - Javier López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría. Estudio de teología espiritual*, Rialp, Madrid

2013, vol. III, p. 187.

[6] Santo Inácio de Loyola, citado em Pedro de Ribadeneira, *Vida de san Ignacio de Loyola*.

[7] Santo Ambrósio de Milão, *Expositio in Lucam*, VII, 179-182: SC 52.

[8] Bento XVI, Angelus, 17/06/2012.

[9] São Josemaria, *Caminho*, n. 473.

[10] Javier Echevarría, Carta pastoral, 01/10/2016.

## **XI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)**

*Reflexão para meditar no XI domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: recordar a alegria do encontro com Deus; trabalhadores numa messe; anunciar o Evangelho aos que nos são mais próximos.*

### **Sumário**

- Recordar a alegria do encontro com Deus.
- Trabalhadores numa messe.
- Anunciar o Evangelho aos que nos são mais próximos.

---

QUANDO os israelitas acamparam frente ao Sinai, Moisés começou a subir a montanha para falar com Deus. O Senhor, que tinha visto as dúvidas e as dificuldades que Israel tinha experimentado depois de ter fugido do Egito, confirmou a aliança que tinha estabelecido com o seu povo: «Sereis a minha propriedade pessoal entre todos os povos, porque toda a terra é minha; sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa». E, como sinal da sua predileção por eles, recordou o que tinham vivido recentemente: «Vistes o que fiz aos egípcios e como vos levei sobre asas de águia e vos trouxe para junto de Mim» (Ex 19, 2-6a).

Olhando para a nossa vida, podemos recordar alguns momentos em que sentimos especialmente a presença de Deus; circunstâncias em que a proximidade de Deus foi mais evidente para nós e que talvez nos tenham enchido de uma felicidade sem igual. Essas recordações talvez contrastem com situações recentes ou atuais. Tal como o povo de Israel, também nós atravessamos temporadas de desertos: acontecimentos que nos cansaram ou contrariedades que nos roubaram a esperança.

Deus, que conhece essas dificuldades, convida-nos a voltar o nosso olhar para a sua ação salvadora, a confiar nos muitos milagres que já realizou em nosso favor, assim como nas vezes em que nos libertou, como

Israel, da escravidão. «Pede-nos para reviver aquele momento, aquela situação, aquela experiência em que encontramos o Senhor, sentimos o seu amor e recebemos um olhar novo e luminoso sobre nós mesmos, sobre a realidade, sobre o mistério da vida»<sup>[1]</sup>. Como o povo eleito, temos necessidade de alimentar a nossa esperança com a memória e a recordação da ação de Jesus na nossa alma. «Se recuperares o primeiro amor, o espanto e a alegria do encontro com Deus, irás em frente»<sup>[2]</sup>.

---

JESUS veio à terra para salvar todos os homens. É por isso que não pode deixar de se compadecer quando vê que as pessoas estão exaustas ou abandonadas, porque não têm ninguém a quem recorrer. O Senhor quer chegar a cada uma das pessoas que o procuram. Para isso, quer contar com a mediação de outros pastores que, como ele, têm o desejo de cuidar das ovelhas dispersas por todo o mundo. Por isso, dirige-se aos seus discípulos e diz-lhes: «A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe» (Mt 9, 37-38).

O Senhor conta com cada um de nós para saciar a sede de Deus nas almas, para anunciar a Boa Nova da salvação. E esta é uma missão que exige um olhar compassivo, como o de Jesus: um olhar que não exclui ninguém e que leva a entregar-se com coragem e sem reservas. Todos os dias podemos transmitir o Evangelho aos outros, sobretudo através da nossa vida autêntica, cheia de alegria, de atenção e de caridade, que acolhe a realidade do nosso próximo. «Corta o coração aquele clamor – sempre atual! – do Filho de Deus, que se lamenta porque a messe é grande e os operários são poucos. – Esse grito saiu da boca de Cristo, para que também tu o ouvisses: como lhe respondeste até agora? Rezas, pelo menos diariamente, por essa intenção?»<sup>[3]</sup>.

---

QUANDO CRISTO enviou os apóstolos a proclamar a vinda do Reino dos Céus e a efetuar curas, disse-lhes: «Não vades à terra dos gentios, nem entreis na cidade dos samaritanos, mas ide primeiro às ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mt 10, 5-6). Certamente que isto não significava que só os judeus pudessem receber a Boa Nova. Mais tarde, Jesus pregará na Samaria

e os gentios receberão a fé. Mas o Senhor quis que o anúncio da salvação chegasse, em primeiro lugar, ao seu povo, em virtude da aliança que estabeleceu com ele. Deste modo, o Israel renovado seria o germe do novo povo de Deus.

Cristo chama-nos também a anunciar o Evangelho, antes de mais, às pessoas que nos são mais próximas: a nossa família, os nossos amigos e colegas de trabalho... Deus quis que nos santificássemos e salvássemos «não isoladamente, sem qualquer ligação uns com os outros, mas como um povo, que verdadeiramente O confessa e serve em santidade»<sup>[4]</sup>. Por isso vivemos segundo o Evangelho, quando procuramos que as pessoas da nossa convivência conheçam a alegria da mensagem cristã. «Ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos para a complexa rede de relações interpessoais da comunidade humana»<sup>[5]</sup>.

As mães ocupam um lugar especial em todas as famílias. Não hesitam em fazer tudo o que é necessário para o bem dos seus filhos. A Igreja é um povo que também tem uma mãe: Maria. Ela ajudar-nos-á a viver a nossa missão de apóstolos sem cálculos, sabendo testemunhar com a nossa própria vida a alegria do Evangelho.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 08/04/2023.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 906.

[4] Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, sobre a Igreja, n. 9.

[5] Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n. 6.

## Segunda-feira da XI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da XI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o contraste entre Acab e Nabot; uma verdadeira e uma falsa prudência; a justiça de Cristo.*

### Sumário

- O contraste entre Acab e Nabot.
- Uma verdadeira e uma falsa prudência.
- A justiça de Cristo.

---

NAQUELE TEMPO, Acab, rei de Israel, tinha saído vitorioso de uma difícil campanha militar contra o rei da Síria. Deus, depois de o ter guiado através de um profeta, deu-lhe a vitória. Mas depois de ter vencido, Acab decidiu agir por sua própria conta, sem contar com Deus. Depois de ter sido censurado por este comportamento, «o rei de Israel foi para casa triste e irritado» (1Rs 20, 43). Não compreende que o seu desconforto se deve ao facto de viver longe de Deus, e tenta remediar a sua tristeza satisfazendo os seus caprichos. Depois deste episódio, a Sagrada Escritura também nos conta que «Nabot de Jezrael possuía uma vinha ao lado do palácio de Acab, rei da Samaria. Acab falou a Nabot, dizendo: “Cede-me a tua vinha, para eu fazer dela uma horta, porque está junto da minha casa. Dar-te-ei em troca uma vinha melhor, ou, se preferes, pagarei o seu valor em dinheiro”» (1Rs 21, 1-2). Nabot recusou-se a abdicar da herança dos seus pais, como exigia a Lei de Moisés e, mais uma vez, «Acab voltou para casa triste e irritado, (...). Deitou-se na cama com o rosto voltado para a parede e não quis comer nada» (1Rs 21, 4). Mais uma vez, Acab não compreende. Considera incompreensível o comportamento de Nabot, um homem íntegro, que se rege por umas convicções mais profundas, que não estão à mercê do vaivém da utilidade ou do prazer superficiais.

«Nabot era feliz – diz Sto. Ambrósio – porque, embora pobre e débil face à arrogância do rei, era tão rico nos seus sentimentos e na sua

religiosidade que não aceitou o dinheiro do rei em troca da vinha herdada dos seus pais. Acab, pelo contrário, era mesquinho, mesmo aos seus próprios olhos»<sup>[1]</sup>. Nabot aparece como um homem livre e íntegro, ao passo que Acab, com todo o seu poder, coloca diante dos nossos olhos a imagem, que por vezes pode ser a nossa, do homem que se deixa levar pelas circunstâncias, sem outro norte que não seja o estado de ânimo ou o capricho do momento. «A dignidade humana exige que o homem atue de acordo com a sua consciência e livre escolha, ou seja, movido e induzido por uma convicção pessoal interior e não sob a pressão de um cego impulso interior ou da mera coação externa»<sup>[2]</sup>. Se a vinha de Nabot era preciosa, mais preciosa ainda era a sua alma. Tinha cultivado bem a sua liberdade, procurando unir-se a Deus com todo o seu coração e produzindo como frutos saborosos as virtudes que fazem o homem feliz.

---

COMO SÃO DIFERENTES as virtudes do homem justo, especialmente a prudência, quando as comparamos com a determinação e astúcia de Jezabel, a mulher de Acab! Também ela se envergonha da falta de carácter do seu marido e, por isso, emprega os seus talentos para que ele se aproprie da vinha de Nabot. «Escreveu uma carta em nome de Acab, selou-a com o selo real e enviou-a aos anciãos e aos nobres da cidade que habitavam com Nabot. Eis o que ela escreveu na carta: “Proclamai um jejum e fazei comparecer Nabot diante do povo. Colocai em frente dele dois homens sem escrúpulos, que o acusem desta maneira: ‘Tu amaldiçoaste Deus e o rei’. Depois levai-o para fora da cidade e apedrejai-o até morrer”» (1Rs 21, 8-10). Depois de cumprirem as suas ordens, «Jezabel foi dizer a Acab: “Levanta-te e vai tomar posse da vinha que Nabot de Jezrael não te quis ceder por dinheiro. Ele já não está vivo; morreu”» (1Rs 21, 15).

É impressionante o carácter desta mulher que mandou eliminar os profetas de Israel, fez com que o próprio Elias se assustasse e pusesse em fuga, arrastou o seu marido e todo o povo para o culto a Baal. Jezabel move-se com precisão e sangue frio entre os meandros da lei, tece um verdadeiro estratagema que lhe permite perpetrar aquele crime sem manchar as suas próprias mãos nem as do seu marido. Mas esta injustiça mostra-nos que nem a sua astúcia é prudência, nem a sua determinação é fortaleza, nem o seu autodomínio é temperança. Fechada à verdade de

Deus, Jezabel despreza a justiça e põe as suas qualidades ao serviço dos seus caprichos, causando a sua própria infelicidade e a dos que a rodeiam.

Esta prudência desvinculada de Deus é frequentemente referida como «prudência da carne». Pelo contrário, «a verdadeira prudência mantém-se atenta às insinuações de Deus e, em vigilante escuta, recebe na alma promessas e realidades de salvação (...). Pela prudência o homem é audaz, sem insensatez; não evita, por ocultas razões de comodismo, o esforço necessário para viver plenamente segundo os desígnios de Deus. A temperança do prudente não é insensibilidade nem misantropia, a sua justiça não é rigidez, a sua paciência não é servilismo»<sup>[3]</sup>.

---

PERANTE UM COMPORTAMENTO como o de Acab e Jezabel em relação a Nabot, podemos sentir indignação e desejar que se faça justiça. Por isso, podem surpreender-nos as palavras de Jesus no Evangelho: «Não resistais ao homem mau. Mas se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda. Se alguém quiser levar-te ao tribunal, para ficar com a tua túnica, deixa-lhe também o manto. (...) Dá a quem te pedir e não voltes as costas a quem te pede emprestado» (Mt 5, 39-40.42).

Não é necessário suavizar as palavras do Senhor. De facto, Jesus anima-nos a viver com uma liberdade imensa, própria de quem tem em Deus o seu tesouro e, com Ele, possui tudo. Uma pessoa assim está disposta a abdicar de tudo para o bem dos outros. E isto não é incompatível com a justiça, essa virtude que se caracteriza precisamente por procurar o bem do outro. Nada está mais longe da justiça do que essa caricatura que a pinta como sendo uma virtude egoísta, preocupada apenas em proteger e reivindicar o que lhe interessa. A primeira palavra da justiça não é *meu*, mas *teu*. S. Tomás de Aquino afirma que é a virtude que nos abre ao nosso próximo e nos faz descobrir nele uma pessoa, levando-nos a procurar ativamente o seu bem<sup>[4]</sup>.

Nabot era justo porque amava a lei de Deus, fonte da mais elevada justiça, e a herança de seus pais, que devia transmitir aos seus filhos; e defendeu-as da obstinação ilegítima de um rei. No final, embora à primeira vista possa não parecer, ficou a ganhar, «porque é melhor sofrer – se é esta a vontade de Deus –, fazendo o bem, do que fazendo o mal» (1Pe 3, 13-17).



Assim exortava repetidamente o apóstolo Pedro os primeiros cristãos, apontando-lhes sempre como modelo Jesus, que deu a sua vida por nós. Na morte de Cristo assumem o seu pleno sentido a morte de Nabot e toda a injustiça. Santa Maria, que foi formada na melhor tradição do povo de Israel, ajudar-nos-á a ter um coração sábio, que encontre na adesão a Deus as suas delícias e transborde para os outros em obras de justiça cheias de caridade.

---

## NOTAS

[1] Sto. Ambrósio, *De officiis*, 2, 5.17.

[2] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 17.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 87.

[4] cf. S. Tomás de Aquino, S. Th. II-II, q. 58, a. 2, co.

## Terça-feira da XI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da XI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a coragem de reconhecer o mal feito; procurar a justiça de Deus; a alegria de toda a conversão.*

### Sumário

- A coragem de reconhecer o mal feito.
- Procurar a justiça de Deus.
- A alegria de toda a conversão.

---

«QUANDO ouviu dizer que Nabot tinha morrido, Acab levantou-se e desceu à vinha de Nabot de Jezrael para tomar posse dela» (1Rs 21, 16). Então, Deus enviou o profeta Elias para mostrar ao rei Acab a gravidade do seu crime: «“Mataste e agora roubas. Por isso, assim fala o Senhor: No mesmo local em que os cães lamberam o sangue de Nabot, hão de lamber também o teu”. Acab disse a Elias: “Conseguiste apanhar-me, ó meu inimigo”» (1Rs 21, 19-20). No início, Acab quase não reage, e considera a denúncia do profeta como uma questão pessoal. Mas Elias põe imediatamente as coisas na sua verdadeira perspetiva: «Eu apanhei-te porque te vendeste, fazendo o mal aos olhos do Senhor». E esse mal que tu e a tua mulher fizeram trará a desgraça sobre vós e sobre todos os da vossa casa (cf. 1Rs 21, 21-24).

Acab reconheceu a voz do Senhor nestas palavras do profeta, por isso «rasgou as vestes, cobriu-se de saco, e jejuou. Dormia envolvido no saco e andava abatido» (1Rs 21, 27). Que diferente esta tristeza daquela que, antes, o tinha levado a fazer o mal! Agora é uma dor benéfica, que mostra arrependimento, boa vontade, que agrada a Deus e Lhe permite derramar a Sua misericórdia: «Viste como Acab se humilhou diante de Mim? Porque se humilhou na minha presença, não o castigarei durante a sua vida» (1Rs 21, 29).

É comovente ver a paciência com que Deus intervém na vida deste rei, cheia de encontros e desencontros. Vemos como Deus respeita a liberdade dos seres humanos e como as nossas ações repercutem, para o bem ou para o mal, na forma como modelamos as nossas vidas, nas pessoas à nossa volta e no mundo. «O juízo da consciência leva a assumir a responsabilidade do bem realizado e do mal cometido: se o homem comete o mal, o reto juízo da sua consciência permanece nele como testemunha da verdade universal do bem, como também da malícia da sua escolha particular. Mas o veredicto da consciência também permanece nele ainda como um penhor de esperança e de misericórdia: enquanto atesta o mal cometido, lembra também o perdão a pedir, o bem a praticar e a virtudes a cultivar sempre, com a graça de Deus»<sup>[1]</sup>.

---

«OUVISTES que foi dito: ‘Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo’. Eu, porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para serdes filhos do vosso Pai que está nos Céus; pois Ele faz nascer o sol sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos» (Mt 5, 43-45). Jesus anima-nos a aprender com a misericórdia de Deus, que descobrimos no episódio da vinha de Nabot e em tantas outras passagens da Sagrada Escritura. Deus nunca esquece o homem, por muito grande que seja a sua culpa, procura sempre a conversão de quem erra, que é a melhor forma de restaurar uma justiça mais elevada. Além disso, anima-nos a cooperar com Ele nesta tarefa, que muitas vezes requer, da nossa parte, uma mudança de mentalidade.

«Penso em quantos se encontram na prisão. Jesus não se esqueceu deles. Inserindo a visita aos presos nas obras de misericórdia, Ele quis convidar-nos, antes de mais, a não sermos juízes de ninguém. Pelo contrário, o cristão é chamado a responsabilizar-se pelo outro, para que quem errou compreenda o mal cometido e volte a cair em si mesmo (...). Todos precisam de proximidade e de ternura, porque a misericórdia de Deus realiza prodígios. Quantas lágrimas vi correr no rosto de prisioneiros que provavelmente nunca tinham chorado na sua vida. E isto apenas porque se sentiram acolhidos e amados»<sup>[2]</sup>.

Estamos chamados a ver Cristo também naqueles que são considerados devedores segundo a justiça humana. S. Josemaria, ao considerar este mandato do Senhor de O encontrar nos que têm fome, nos que têm sede e nos presos, comentou que enquanto isto não acontecer, «vives muito longe de Deus, com a tua falsa piedade, por muito que rezes»<sup>[3]</sup>. Alcançar essa justiça superior de Deus, que anseia pela conversão de todos porque ama a todos, tem o seu início na nossa própria conversão. É no nosso interior que, impulsionados pela graça, podemos dar início a essa grande reconciliação.

---

ESTE DESEJAR, com o nosso Pai Deus, a conversão de quem erra, não se opõe ao desejo de que se faça justiça. Queremos que o mal desapareça e que as suas consequências sejam anuladas, para que a justiça possa ser reposta, mas sem destruir a pessoa que o cometeu. Seguimos a lógica de Deus, que não quer «a morte do pecador, mas sim a sua conversão, a fim de que tenha a vida» (Ez 33, 11). Animados por este exemplo, «precisamos de compreender todas as pessoas, temos de conviver com todos, temos de desculpar todos, temos de perdoar a todos. Não diremos que o injusto é o justo, que a ofensa a Deus não é ofensa a Deus, que o mau é bom. Todavia, perante o mal, não responderemos com outro mal, mas com a doutrina clara e com a boa ação, afogando o mal em abundância de bem»<sup>[4]</sup>.

Não é contrário à misericórdia o castigo do mal cometido, que favorece a conversão de quem erra. O que se opõe realmente à misericórdia é a inveja, essa tristeza pelo bem dos outros que revela a mesquinhez do coração<sup>[5]</sup>. Deus quer que nos alegremos pela conversão do pecador, tal como o pastor se alegra quando encontra a ovelha perdida (cf. Lc 15, 4-7), ou o pai com o regresso do filho pródigo (cf. Lc 15, 11-31). Que maravilha partilhar a alegria de Deus por cada pequeno gesto de conversão nosso e de quem nos rodeia! «Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos» (Lc 15, 31).

«Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito» (Mt 5, 48), diz-nos Jesus, hoje, no Evangelho. Maria, que é o Espelho de justiça e a Mãe de misericórdia, ajudar-nos-á a ter sempre um grande coração, capaz de ter compaixão e de curar, para que se assemelhe cada vez mais à perfeição do coração de Deus.

---

## NOTAS

[1] S. João Paulo II, *Veritatis splendor*, n. 61.

[2] Francisco, Audiência, 09/11/2016.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 744.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

[5] cf. S. Tomás de Aquino, S. Th., II-II, q. 30, a. 3, ad 2.

## Quarta-feira da XI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da XI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: muitos santos nos acompanham; a memória de quem conheceu S. Josemaria; cada um tem o seu próprio caminho de santidade.*

### Sumário

- Muitos santos nos acompanham.
- A memória de quem conheceu S. Josemaria.
- Cada um tem o seu próprio caminho de santidade.

---

«O SENHOR estava prestes a arrebatá-lo para o céu num redemoinho» (2Rs 2, 1). Era sabido, e onde quer que fossem, todos diziam a Eliseu, que acompanhava o profeta: «Não sabes que o Senhor vai arrebatá-lo hoje o teu amo por sobre a tua cabeça?» (2Rs 2, 3.5). «Sim, eu sei. Calai-vos» (*ibid.*), respondeu Eliseu, que não se separava do seu mestre. Um dia, quando ambos caminhavam sozinhos, «detiveram-se junto ao Jordão. Então Elias tomou o seu manto e enrolou-o, bateu com ele nas águas, que se apartaram para um e outro lado, e ambos passaram a pé enxuto. Depois de terem atravessado, Elias disse a Eliseu: “Pede-me o que quiseres, antes que eu seja arrebatado para longe de ti”». (2Rs 2, 7-9).

A separação está iminente. Agora que Eliseu sabe que o profeta está prestes a partir, ele expressa humildemente o desejo de que essa presença não o abandone completamente: «Possa eu herdar uma dupla porção do teu espírito» (2Rs 2, 9). Ele não se atreve a pedir tudo. Eliseu não pretende ser como o seu mestre, mas não quer deixar de contar com essa força de Deus. É bom estar ao lado dos santos, porque de alguma forma eles aproximam-nos do Senhor. «Toda a história da Igreja é marcada por estes homens e mulheres que com a sua fé, com a sua caridade, com a sua vida foram faróis por muitas gerações e são também para nós. Os santos manifestam de diversos modos a presença poderosa e transformadora do Ressuscitado»<sup>[1]</sup>.

«Não pensemos apenas nos que já foram beatificados ou canonizados. O Espírito Santo derrama santidade em todos os lugares, no santo povo fiel de Deus (...). Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os filhos com tanto amor, naqueles homens e mulheres que trabalham para levar o pão para casa, nos doentes, nas religiosas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de avançar dia a dia, vejo a santidade da Igreja militante (...). A santidade é o rosto mais belo da Igreja»<sup>[2]</sup>.

---

«PEDES uma coisa difícil. Contudo, se me vires quando eu for arrebatado para longe de ti, terás o que pedes (2Rs 2, 10). «Continuavam eles o seu caminho a conversar, quando um carro de fogo, com dois cavalos também de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. Eliseu, ao vê-lo, exclamava: “Meu pai, meu pai! Carro e condutor de Israel!”. Quando deixou de o ver, tomou a sua túnica e rasgou-a em duas partes» (2Rs 2, 11).

O sentimento que Eliseu experimentou foi talvez semelhante ao sentido pelos discípulos quando Jesus subiu ao céu no dia da Ascensão, e, salvas as devidas distâncias, semelhante ao daqueles que conviveram com os santos e os viram partir. É comovente ver como, por exemplo, aqueles que conheceram S. Josemaria sempre mantiveram viva a dor da separação e a grata lembrança dos momentos que compartilharam. O Beato Álvaro, que conviveu com ele durante tantos anos, assim o explicou: «O nosso Padre gerou-nos na vida sobrenatural da vocação divina, alimentou-nos com o seu espírito, formou-nos e confirmou-nos na fé, sustentou-nos com segurança quando tudo se transformava em dúvida à nossa volta, dirigiu os nossos passos, deu-nos o calor do seu coração apaixonado por Deus, consolou-nos nas nossas dores e encheu de alegria o nosso caminho, ensinou-nos a amar, enxertou a nossa debilidade na sua fortaleza, tornando assim possível a nossa lealdade. Por isso, porque de tal forma assim vivíamos da sua própria vida e como que à sua custa, quando o Senhor o chamou à sua presença definitiva naquele 26 de junho, por um breve instante, a mais do que a um de nós, pareceu que tudo estava a morrer»<sup>[3]</sup>. Apenas um breve instante, o suficiente para perceber que Deus não abandona os seus.

Eliseu «pegou na capa de Elias, que havia caído dele. Ele voltou e parou na margem do Jordão. Ele tomou o manto de Elias e feriu as águas dizendo: “Onde está o Senhor, o Deus de Elias?”. Tornou a bater nas águas, que se apartaram para um e outro lado, e Eliseu passou para a outra margem. Quando os discípulos dos profetas que estavam na frente, em Jericó, o viram, exclamaram: “O Espírito de Elias repousa sobre Eliseu”» (2Rs 2, 13-15). E Eliseu começou a sua atividade, em continuidade com a do seu mestre.

---

A ATIVIDADE de Eliseu, embora não tão espetacular quanto a de Elias, foi também a manifestação da presença de Deus no meio do seu povo. Caracterizou-se pelas suas tonalidades peculiares, como uma particular proximidade, especialmente com os mais necessitados. Embora Eliseu tenha pedido duas partes do espírito de Elias, na realidade acontece que o espírito se manifesta de maneira diferente em cada pessoa. Como disse João Batista: Deus «dá o Espírito sem medida» (Jo 3, 34). «Há, sim, diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo (...), que distribui a cada um como quer» (1Cor 12, 4.11).

«Tens que descobrir quem és e desenvolver a tua própria forma de ser santo, além do que os outros dizem e pensam. Tornar-se santo é tornar-se mais plenamente tu mesmo, ser aquele que Deus quis sonhar e criar, não uma fotocópia. A tua vida deve ser um estímulo profético, que impele os outros, que deixe uma marca neste mundo, essa marca única que só tu podes deixar»<sup>[4]</sup>. O Senhor impele-nos a assumir sem medo a nossa missão muito pessoal no mundo, impulsionando-nos na vida dos santos. «Este é um apelo para que cada um de nós, com os seus recursos espirituais e intelectuais, com as suas competências profissionais ou com a sua experiência de vida, e também com os seus limites e defeitos, se esforce por ver formas de colaborar mais e melhor na imensa tarefa de colocar Cristo no cume de todas as atividades humanas»<sup>[5]</sup>.

Inserimo-nos, pela misericórdia de Deus, nesta corrente de graça e generosidade que percorre a história da salvação. Podemos pedir, com S. Josemaria, «que o espírito de Maria esteja em cada um»<sup>[6]</sup>. Assim iremos pelo mundo sem medo, vivendo a nossa pessoal aventura divina.



---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência, 13/04/2011.

[2] Francisco, *Gaudete et exsultate*, nn. 6-9.

[3] Beato Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 01/06/1976, n. 97.

[4] Francisco, *Christus vivit*, n. 162.

[5] Fernando Ocáriz, Mensagem, 07/07/2017.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 281.

## Quinta-feira da XI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da XI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: uma força de bem no mundo; oração e santidade; chegar ao Pai por Cristo.*

### Sumário

- Uma força de bem no mundo
- Oração e santidade
- Chegar ao Pai por Cristo

---

«Que glorioso foste, Elias, com os teus prodígios! Quem pode gloriar-se de ser como tu? Ditosos os que te viram e os que morreram na tua amizade» (Sir 48, 4.11). O livro de Ben Sira canta os louvores do «profeta Elias, semelhante ao fogo, cuja palavra queimava como uma tocha» (Sir 48, 1); e também as do profeta Eliseu, pois «mal Elias foi envolvido no torvelinho, logo Eliseu ficou cheio do seu espírito. Na sua vida não tremeu diante de príncipes e ninguém pôde dominá-lo. Não houve nada que o superasse. Em vida realizou prodígios, e após a sua morte as suas obras foram maravilhosas» (Sir 48, 13-15).

Perante exemplos tão deslumbrantes, poderíamos pensar que a verdadeira santidade é um ideal longínquo, impossível de propor a pessoas comuns. No entanto, o mesmo livro da Escritura afirma claramente que «também nós alcançaremos, sem dúvida, a vida» (Sir 48, 12): albergaremos essa vida sobrenatural, essa vida de Deus que é a santidade. De S. Josemaria aprendemos precisamente que «a santidade é o contacto profundo com Deus: é fazer-se amigo de Deus, deixar atuar o Outro, o Único que pode, realmente, fazer que este mundo seja bom e feliz. Quando Josemaria Escrivá afirma que todos os homens estamos chamados a ser santos – comentava o então Cardeal Ratzinger –, parece-me que, no fundo, está a referir-se à sua experiência pessoal, porque nunca fez, por si mesmo, coisas extraordinárias, mas apenas se limitou a deixar Deus atuar. E por isso

nasceu uma grande renovação, uma força de bem no mundo, ainda que permaneçam presentes todas as debilidades humanas»<sup>[1]</sup>.

Pela misericórdia de Deus, cada um de nós faz parte dessa «grande renovação», dessa «força de bem no mundo»: fomos chamados a ser santos na vida comum, mas santos de altar.

---

DEUS QUER fazer coisas grandes por meio de nós. Para isso, apenas nos pede que, «com delicadeza de enamorados»<sup>[2]</sup>, cuidemos a nossa união com Ele. E o segredo para manter viva essa relação em que se forja a nossa santidade é a oração. «O santo é uma pessoa com espírito de oração, que necessita de comunicar com Deus (...). Não acredito na santidade sem oração (...). Isto não é só para uns poucos privilegiados, mas para todos, porque todos temos necessidade deste silêncio imbuído de presença adorada. A oração confiada é uma reação do coração que se abre a Deus frente a frente, onde se fazem calar todos os rumores para escutar a voz suave do Senhor que ressoa no silêncio. Nesse silêncio é possível discernir, à luz do Espírito, os caminhos de santidade que o Senhor nos propõe»<sup>[3]</sup>.

Jesus ensina-nos, exatamente, como é a oração que agrada a Deus: «Quando orardes, não useis muitas palavras como os gentios, os quais pensam que serão escutados à força de palavras. Não sejais como eles, porque bem sabe o vosso Pai de que é que tendes necessidade muito antes que vós Lho peçais. Vós, pois, orai assim...» (Mt 6, 7-9); e Jesus ensina-nos as palavras do Pai Nosso, «resumo de todo o Evangelho»<sup>[4]</sup> e «coração das Sagradas Escrituras»<sup>[5]</sup>. «A oração dominical é a mais perfeita de todas as orações – ensina S. Tomás de Aquino –. (...) Nela, não só pedimos tudo o que podemos desejar com retidão, mas também segundo a ordem em que convém desejá-lo. De modo que esta oração não só nos ensina a pedir, mas também preenche toda a nossa afetividade»<sup>[6]</sup>.

Jesus quer que sintamos muito viva a força da nossa filiação e como é grande o amor de Deus Pai por cada um de nós. Por isso, anima-nos a dirigir-nos a Deus com confiança de filhos: a consciência viva da nossa filiação faz-nos estar seguros em qualquer circunstância e permite-nos lançar-nos à aventura.

---

«A TUA VIDA – dizia S. Josemaria – há de ser oração constante, diálogo contínuo com o Senhor: face ao agradável e ao desagradável, perante o fácil e o difícil, o ordinário e o extraordinário... Em todas as ocasiões, há de vir à tua cabeça, de seguida, a conversa com o teu Pai Deus, procurando-O no centro da tua alma»<sup>[7]</sup>.

Se às vezes não sabemos por onde começar, pode-nos ajudar pensar que chegamos a Deus Pai sempre em união com Jesus Cristo, por Ele e n'Ele. Por isso, a nossa oração pode consistir simplesmente em repetir o nome de Jesus: «A invocação do santo Nome de Jesus é o caminho mais simples da oração contínua – diz-nos o Catecismo –. Repetida com frequência por um coração humildemente atento, não se dispersa em “palavreado” (Mt 6, 7), mas “conserva a Palavra e frutifica com perseverança” (cf. Lc 8, 15). É possível “em todo o tempo” porque não é uma ocupação ao lado da outra, mas sim a única ocupação, a de amar a Deus, que anima e transfigura toda a ação em Jesus Cristo»<sup>[8]</sup>.

Invocar o nome de Jesus, repeti-lo, saboreá-lo, é uma oração bonita e simples, que tem em si uma força insuspeitada. Por isso, S. Josemaria nos animava: «Perde o medo de chamar o Senhor pelo Seu nome – Jesus – e de dizer-Lhe que O amas»<sup>[9]</sup>. Santa Maria foi a primeira a quem foi anunciado o nome de Jesus, e a partir desse mesmo momento em que começou a levar o Seu Filho no seio, repeti-lo-ia com infinito afeto, como considerava todas as coisas no seu coração (cf. Lc 2, 19).

---

## NOTAS

[1] Joseph Ratzinger, “*Deixar Deus atuar*”, em *L'Osservatore Romano*, 06/10/2002.

[2] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2013.

[3] Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 147-149.

[4] Tertuliano, *De oratione*, 1, 6.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2668.

[6] S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q.83, a.9.

[7] S. Josemaria, *Forja*, n. 538.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2668.

[9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 303.

## Sexta-feira da XI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da XI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: tudo é para bem; um rei diferente dos desta terra; encher o coração.*

### Sumário

- Tudo é para bem.
- Um rei diferente dos desta terra.
- Encher o coração.

---

POUCO depois da morte de Acab, as consequências das suas más ações e das da sua esposa foram sentidas dramaticamente. Os seus inimigos conspiraram para matar o filho e todos os sobreviventes da sua casa. A violência foi tal que ultrapassou as fronteiras e se estendeu também ao reino de Judá: acabaram com o rei Ocozias e todos os seus irmãos. Então «Atália, mãe de Acazias, ao ver seu filho morto, decidiu exterminar toda a descendência real» (2Re 11, 1), para que ela pudesse reinar sozinha no país.

No meio de toda esta loucura, os planos de Deus vão-se abrindo, com a colaboração de pessoas piedosas. Um dos filhos recém-nascidos de Acazias foi salvo por uma das suas tias que, arriscando a vida, «tomou Joás, filho de Acazias, e livrou-o do massacre dos filhos do rei» (2Re 11, 2). «Esteve seis anos escondido com Joseba no templo do Senhor, no tempo em que Atália reinava no país» (2Re 11, 3). Assim, se salvou a dinastia davídica, da qual Deus havia prometido que viria o Messias.

Às vezes, perante circunstâncias adversas, ao perceber as consequências do pecado no mundo, podemos sentir a tentação do medo e do desânimo. «É natural que nos sintamos impotentes para mudar o rumo da história. Mas apoiemo-nos no poder da oração»<sup>[1]</sup>. A intimidade com Deus ajudar-nos-á a lembrar que «todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm 8, 28). É verdade que «Nem sempre podemos ver esse bem de

uma forma imediata. Às vezes nem sequer chegamos a compreendê-lo. O facto de procurarmos estar perto de Deus não nos evita os cansaços, as perplexidades e os sofrimentos normais da vida. Mas essa proximidade pode levar-nos a viver tudo de uma forma bem diferente»<sup>[2]</sup>. Deus faz sempre o Seu caminho, é sempre mais forte: esta segurança ajuda-nos a abandonar nas Suas mãos as dificuldades da nossa vida.

---

PASSADOS seis anos, mandaram chamar os chefes das aldeias. Uma vez reunidos, mostraram o filho do rei, que tinha permanecido escondido no Templo por medo da rainha Atália. O sacerdote entregou as lanças e os escudos de David. Ao redor do filho do rei, eles pegaram nas armas e, ao sair, todos começaram a aplaudir e gritar: «Viva o rei!» (2Rs 11, 12). E a Escritura diz que naquele dia se podia ver «que o povo se alegrava, tocando trombetas» (2Rs 11, 13).

É uma alegria semelhante à que aconteceria com a entrada de Jesus em Jerusalém. No entanto, o Senhor nem sempre foi cercado por tal esplendor. Sendo Rei e Senhor do universo, quase sempre nos aparece como fraco e necessitado da nossa ajuda para reinar. «Todos sentis nas vossas almas – dizia S. Josemaria – uma alegria imensa, ao considerar a santa Humanidade de Nosso Senhor, por saberdes que se trata dum Rei com um coração de carne como o nosso, que é o autor do universo e de todas as criaturas e que não se impõe pelo domínio, mas mendigando um pouco de amor, ao mesmo tempo que nos mostra, em silêncio, as suas mãos chagadas»<sup>[3]</sup>.

Como aconteceu muitas vezes com o povo eleito, Cristo não garante o sucesso humano, mas assegura uma paz e uma alegria que só Ele pode dar. O Seu poder não é o dos reis e grandes desta terra. «É o poder divino de dar a vida eterna, de libertar do mal, de derrotar o domínio da morte. É o poder do Amor, que do mal sabe obter o bem, enternecer um coração endurecido, levar paz ao conflito mais áspero, acender a esperança na escuridão mais cerrada»<sup>[4]</sup>. O reino de Deus é discreto. Procura um pequeno espaço nas nossas almas para reinar com a Sua paz.

---

HÁ APENAS uma pessoa na Judeia que não compartilha da alegria do povo. É, como é lógico, Atália, que «ao ouvir a gritaria que faziam os guardas e o povo (...) e viu o rei (...) tendo ao seu lado os cantores e as trombetas, enquanto o povo se alegrava, tocando trombetas. Então, ela rasgou as vestes, gritando: “Conspiração! Conspiração!”» (2Re 11, 13-14). Pensava que tinha matado toda a descendência real, mas não foi assim. Ninguém mais a seguia agora. E ela, que tinha chegado tão longe para alcançar o trono, sai da cena triste, para alívio das pessoas sobre as quais ela reinou durante seis anos.

Às vezes pode acontecer que, como Atália, deixemos de saborear a alegria de que Jesus reine nos nossos corações. Então, tentamos preencher esse vazio com coisas que não nos podem satisfazer. O Senhor adverte-nos da insensatez deste modo de viver: «Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois, onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração» (Mt 6, 20-21).

Cheio de trevas aparece o coração de Atália. Em contraste, o coração imaculado de Maria aparece-nos cheio de luz. Podemos pedir-lhe para nos ajudar a «mudar a nossa atitude com os outros e com as criaturas: da tentação de devorar tudo, de satisfazer a nossa avidez, à capacidade de sofrer por amor, que pode preencher o vazio do nosso coração (...). E assim redescobrir a alegria do projeto que Deus colocou na criação e no nosso coração, que é amá-l’O, amar os nossos irmãos e irmãs e o mundo inteiro, e encontrar neste amor a verdadeira felicidade»<sup>[5]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, Mensagem, 26/02/2022.

[2] Fernando Ocáriz, Mensagem, 12/08/2020.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 179.

[4] Bento XVI, Angelus, 22/11/2009.



[5] Francisco, Mensagem, 04/10/2019.

## Sábado da XI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da XI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: um Criador que é a misericórdia; servir a um só Senhor; Deus é sempre fiel.*

### Sumário

- Um Criador que é a misericórdia.
- Servir a um só Senhor.
- Deus é sempre fiel.

---

S. PAULO recordava frequentemente, quando se dirigia aos primeiros cristãos de Roma, a grandeza do amor de Deus: «Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós? [...] Quem poderá separar-nos do amor de Cristo?» (Rm 8, 31.35). O apóstolo estava convencido de que nada nos poderia separar do amor divino, encarnado em Cristo Jesus, porque ele o tinha experienciado pessoalmente. E esta confiança em Deus provém de saber, através da fé, que ele é um criador providente que nunca nos deixa escapar da sua mão: a sua misericórdia enche a terra, a sua fidelidade chega ao céu (cf. Sl 36, 6). Esta mesma experiência interior levou Sto. Agostinho a exclamar: «Toda a minha esperança se apoia somente na Tua grande misericórdia»<sup>[1]</sup>.

«Hei de assegurar-lhe para sempre o meu favor e a minha aliança com ele há de manter-se firme. Estabelecerei para sempre a sua descendência e o seu trono terá a duração dos céus» (Sl 89, 29-30), diz Deus no salmo. Surpreendentemente, na Liturgia da Palavra, este texto acompanha a narrativa em que o reino de Judá abandona o templo para servir os ídolos: o povo eleito procurou a segurança humana, o triunfo temporal, o orgulho do poder acima do que é justo. Por fim, são vencidos por um exército muito inferior ao seu e entregues à desonra pública.

O nosso amor a Deus não é condicionado por um triunfo pessoal ou pela chegada de certas condições ao mundo em que vivemos. Recordando as palavras de Cristo, queremos fazer o bem «de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu» (Mt 5, 16). Esta luz que podemos oferecer é um pequeno rasto, uma referência discreta, que Cristo comparou a uma pequena semente: a de um Deus que todos nós procuramos e que é misericórdia.

---

JESUS diz-nos: «Ninguém pode servir a dois senhores: ou não gostará de um deles e estimará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro» (Mt 6, 24). Com este ensinamento, o Senhor põe-nos em guarda relativamente à possibilidade de deixarmo-nos enganar pelo poder aparente do dinheiro, um poder que nos faz crer que somos donos da criação e possuidores das pessoas. Assim, na realidade, acabamos escravos do nosso egoísmo, em troca de umas míseras bugigangas que nos impedem de ver a grandeza do amor de Deus.

Podemos pedir a Deus que ilumine o nosso entendimento para discernir como devemos proceder em todas as circunstâncias: no nosso trabalho, na vida familiar, nos nossos passatempos ou interesses, de modo a que tudo na nossa vida esteja orientado para nos deixarmos amar por Deus. Às vezes, a nossa preocupação pode, sem que nos demos conta, desviar-se por caminhos que nos levam a dar prioridade à segurança das coisas terrenas, também oferecida pela glória humana. É por isso que Jesus nos lembra: «Não vos inquieteis quanto à vossa vida, com o que haveis de comer ou beber, nem quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir [...] Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração da sua vida?» (Mt 6, 25.27).

Mesmo aqueles que se dedicam intensamente a atividades apostólicas podem, por excesso de interesse humano, perder de vista o objetivo para o qual trabalham. S. Josemaria dizia que «o êxito ou o fracasso real desses trabalhos depende de que, estando humanamente bem feitos, sirvam ou não sirvam para que aqueles que os realizam, e também os que deles beneficiam, amem a Deus, se sintam irmãos de todos os outros homens e manifestem estes sentimentos num serviço desinteressado à

humanidade»<sup>[2]</sup>. Não podemos servir a vários senhores. A vida cristã pode, de certa forma, resumir-se numa constante purificação do nosso culto, para que se dirija cada vez mais a Deus e, apenas através d'Ele, a amar as coisas da terra.

---

NÃO PODEMOS negar que o mal também está presente no mundo. «Se os seus filhos abandonarem a minha lei e não seguirem os meus preceitos», exclama o Senhor através do salmista, «se violarem as minhas ordens e não guardarem os meus mandamentos, então hei de castigar severamente as suas rebeldias e fazê-los sofrer pelas suas maldades. Mas não lhes retirarei o meu favor nem faltarei à minha promessa» (Sl 89, 31-34). O conhecimento de Deus que adquirimos através da fé leva-nos a confiar sempre que Ele nunca nos abandona. «A nossa fidelidade nada mais é do que uma resposta à fidelidade de Deus. Deus, fiel à sua palavra, fiel à sua promessa»<sup>[3]</sup>.

«Os males do nosso mundo – e os da Igreja – não deveriam servir como desculpa para reduzir a nossa entrega e o nosso ardor. Vejamo-los como desafios para crescer. Além disso, o olhar crente é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no meio da escuridão, sem esquecer que, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5, 20)»<sup>[4]</sup>. A nossa atitude otimista é precisamente uma resposta de fé, porque sabemos que Deus é o Senhor do mundo, que Ele tem todo o poder e que todo o mal pode ser vencido com uma superabundância de bem.

Algumas circunstâncias podem levar-nos a duvidar das nossas capacidades e da nossa aptidão; e fazemos bem duvidar, porque conhecemos as nossas fraquezas pessoais. No entanto, não há dúvida sobre Deus, sobre a sua ação poderosa, ainda que discreta, nem sobre os seus desígnios de santidade para cada um de nós. Os apóstolos Pedro e Paulo encorajam-nos a sermos firmes nesta convicção: «A fé é a base da fidelidade. Não é a confiança vã na nossa capacidade humana, mas a fé em Deus, que é o fundamento da esperança (cf. Heb 11, 1)»<sup>[5]</sup>. O Senhor diz-nos no Evangelho: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo» (Mt 6, 33). Maria entregou-se sempre à ação divina, foi cheia de graça: esse é o segredo para vencer o mal com o bem de Deus.

---

## NOTAS

- [1] Sto. Agostinho, *Confissões*, n. 10.
- [2] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 31.
- [3] Francisco, Homilia, 15/04/2020.
- [4] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 84.
- [5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 7.

## XII domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no XII domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: seguir Cristo implica luta; a oração ajuda-nos a viver sem medo; refletir sobre os nossos medos.*

### Sumário

- Seguir Cristo implica luta.
- A oração ajuda-nos a viver sem medo.
- Refletir sobre os nossos medos.

---

CAI a noite. O céu começa a escurecer após um dia intenso em que Jesus, com as suas parábolas, ensinou a multidão. Como deviam continuar a pregar o Reino de Deus a outros povos, o Senhor diz aos seus discípulos: «Passemos à outra margem» (Mc 4, 35). Despedem-se dos que estão ali presentes e sobem para uma barca, que para muitos dos Apóstolos era uma espécie de segunda casa.

Poderíamos dizer que Jesus também nos dirige a nós esse convite a *passar à outra margem*, a mudar alguns aspetos da nossa vida para nos tornarmos mais semelhantes a Ele. E isto, logicamente, implica um certo esforço. Talvez possamos pensar que chegará o momento em que não haverá necessidade de lutar, porque tudo será fácil: nada nos deixará de mau humor, possuiremos com naturalidade essa virtude que agora nos é tão difícil e veremos como uma bênção cada encontro com as pessoas. Talvez haja períodos em que teremos uma experiência desse género. Mas não nos iludamos: seguir Cristo não significa que nada nos seja difícil. «Ser fiel a Deus exige luta. E luta corpo a corpo, homem a homem – homem velho e homem de Deus – palmo a palmo, sem claudicar»<sup>[1]</sup>.

Sem dúvida, essa luta será mais ou menos intensa em função de algumas circunstâncias. Mas aspirar a que a vida não apresente nenhum tipo de luta, além de ser algo irreal, dificultaria que pudéssemos fortalecer o

nosso amor a Deus. As épocas de maior luta permitem-nos dar um novo brilho à nossa vocação cristã. Neste sentido, São Josemaria comentava: «Meu Deus, obrigado, obrigado por tudo: pelo que me contraria, pelo que não entendo, pelo que me faz sofrer. Os golpes são necessários, para arrancar o que sobra do grande bloco de mármore. Assim esculpe Deus nas almas a imagem do seu Filho. Agradece ao Senhor essas delicadezas»<sup>[2]</sup>. Nunca estamos sós. Quando experimentamos com maior força a necessidade de lutar, sabemos que Cristo está muito perto de nós e nos acompanha a *passar à outra margem* com alegria.

---

NO MEIO do lago, apesar de os Apóstolos terem confiado nas palavras do seu Mestre, levantou-se a tempestade. O vento era tão forte que as ondas ameaçavam afundar a barca. E na popa da embarcação, que balançava irregularmente, Jesus dormia. Não é difícil imaginar as muitas perguntas que surgiriam no coração dos Apóstolos. *Porque é que Jesus nos animou a navegar para a outra margem, quando sabia que íamos ser assolados pela tempestade? Porque é que, enquanto nós lutamos por sobreviver, Ele parece não sentir compaixão? Não subimos para a barca confiando em que Ele tinha um plano melhor para nós?* Provavelmente já passámos nas nossas vidas por situações semelhantes. Tínhamos de tomar uma decisão complexa, que nos tirava o sono. De repente, ouvimos, sem palavras, mas com uma clareza surpreendente, que o Senhor nos convidava a dirigir-nos para a outra margem, a deixar uma segurança com que talvez nos sentíssemos confortáveis. Mas, precisamente no momento em que embarcávamos nessa nova aventura, surgiram dificuldades ou incompreensões. E possivelmente, um tanto perplexos ou mesmo decepcionados, perguntávamo-nos onde tinha ficado Cristo.

É normal que, nas oportunidades que se nos apresentam para crescermos na vida interior, nalguma virtude ou na perfeição do amor, nos sintamos inseguros e não tenhamos a situação sob controlo. Talvez tenhamos a impressão de que Jesus nos abandonou, que o seu coração está longe de nós. «Mestre, não Te importas que pereçamos?» (Mc 4, 38), podemos perguntar-Lhe. Contudo, o aparente silêncio de Cristo não é senão um convite subtil a crescer na fé e na confiança, para que os desafios e as dificuldades sejam vistos como oportunidades para seguir o estilo de vida

do Senhor. No diálogo com Deus aprendemos a viver essas tempestades com a serenidade de Jesus. «Um dia vivido sem oração corre o risco de se tornar uma experiência aborrecida ou enfadonha: tudo o que nos acontece poderia tornar-se para nós um destino insuportável e cego»<sup>[3]</sup>. Pelo contrário, se rezamos, mesmo quando parece que Deus não nos escuta, mostramos-Lhe que, verdadeiramente, pusemos n'Ele a nossa confiança. E o caminho da confiança em Deus é a via mais importante para podermos chegar a novas margens da vida interior. «O caminho quotidiano, incluindo as fadigas, adquire a perspectiva de uma “vocaçãõ”. A oração tem o poder de transformar em bem aquilo que na vida de outro modo seria uma condenaçãõ; a oração tem o poder de abrir um grande horizonte à mente e de dilatar o coraçãõ»<sup>[4]</sup>.

---

«PORQUE temeis? Como é que ainda não tendes fé?» (Mc 4, 40), pergunta Jesus aos Apóstolos que O tinham despertado do seu sono. Essas perguntas escondem uma profunda censura. Certamente Cristo dava-Se conta de que estavam a atravessar um momento difícil. São muitas as passagens do Evangelho que sublinham a sua empatia face aos problemas dos outros. Mas, ao mesmo tempo, esperava dos seus discípulos mais próximos uma confiança maior. Como escreve São João na sua primeira Carta: «No amor não há temor» (1Jo 4, 18).

Muitas vezes, na nossa oração, podemos deixar que Jesus nos faça a mesma pergunta que fez aos seus Apóstolos: «Porque temeis?». Então, talvez nos venham à mente aqueles momentos em que costumamos perder a paz ou nos sentimos inseguros. São Josemaria fazia a seguinte lista de possíveis medos que podem fazer-nos perder a paz: «Depois do entusiasmo inicial, começaram as hesitações, os titubeios, os temores... Preocupam-te os estudos, a família, o problema económico, e sobretudo o pensamento de que não podes, de que talvez não sirvas, de que te falta experiência de vida»<sup>[5]</sup>. Refletir sobre os medos que nos embargam quando nos dirigimos a novas margens da nossa vida cristã ajuda-nos a conhecermo-nos melhor e a pedir a Jesus a ajuda concreta de que necessitamos.

«Eles ficaram cheios de grande temor e diziam uns para os outros: “Quem será Este, que até o vento e o mar Lhe obedecem?”» (Mc 4, 41).



Esta cena do Evangelho termina com um novo tipo de medo que se apodera dos Apóstolos. Ao experimentarem o poder real de Cristo, que com as suas palavras é capaz de acalmar as águas, os Apóstolos deixam-se invadir pelo temor de Deus, isto é, pela certeza interior de que estão realmente diante do Deus vivo e de que o seu poder é real. Avançar para uma nova margem na nossa vida de fé implica dar este passo: converter o medo, que num primeiro momento pode paralisar-nos, na profunda reverência para com um Deus que está vivo ao nosso lado e pode fazer o que parecia impossível ante os nossos olhos. Para isso contamos também com a ajuda da nossa Mãe, como São Josemaria sempre nos ensinou: «Antes, só, não podias... – Agora, recorreste à Senhora, e, com Ela, que fácil!»<sup>[6]</sup>.

---

## NOTAS

[1] São Josemaria, *Sulco*, n. 126.

[2] São Josemaria, *Via Sacra*, VI estação, n. 4.

[3] Francisco, Audiência, 04/11/2020.

[4] *Ibid.*

[5] São Josemaria, *Sulco*, n. 133.

[6] São Josemaria, *Caminho*, n. 513.

## XII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XII domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: o medo dos apóstolos; aquilo que ninguém nos pode fazer perder; as provações da imaginação.*

### Sumário

- O medo dos apóstolos.
- Aquilo que ninguém nos pode fazer perder.
- As provações da imaginação.

---

O SENHOR está a preparar os Seus discípulos para a primeira missão apostólica. Os Doze estão prestes a partir para as cidades vizinhas para anunciar a chegada do Reino de Deus. Mas primeiro ouvem palavras de Jesus que, à primeira vista, são desconcertantes: antecipa que mais cedo ou mais tarde eles sofrerão ódio, perseguição e até a morte. O Senhor não lhes esconde as dificuldades pelas quais passarão, embora saiba que pode causar algumas dúvidas ou tensões entre os apóstolos. Portanto, antes de partir, acrescenta: «Não tenhais medo (...) A todo aquele que se tiver declarado por Mim diante dos homens, também Eu Me declararei por ele diante do meu Pai que está nos Céus» (Mt 10, 26.32).

Ao embarcarmos numa aventura, é normal sentirmos alguma vertigem perante os contratemplos que nos esperam. De alguma forma, faz parte da nossa natureza, que nos alerta quando estamos prestes a explorar um território desconhecido. Jesus sabe muito bem que nós somos assim, por isso, quando mais tarde envia os seus discípulos a difundir o Evangelho pelo mundo, diz-lhes: «E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Esta é a razão pela qual os apóstolos não ficarão paralisados pelo medo: eles sabem que contam com a proximidade e a ajuda de Jesus em todos os momentos.

O profeta Jeremias viveu uma situação semelhante à anunciada pelo Senhor. No seu livro vemos-lo desabafar diante de Deus pelo ridículo e calúnias que recebe, embora o que mais o magoe sejam os ataques daqueles que estão mais próximos dele e que esperam o seu fracasso: «Os que eram meus amigos espiam agora os meus passos: “Se o enganarmos, triunfaremos dele, e dele nos vingaremos.”» No entanto, não se deixa abater diante do medo, pois tem a certeza da sua vitória final «O Senhor, porém, está comigo, como poderoso guerreiro. Por isso, os meus perseguidores serão esmagados.» (Jr 20, 10-11).

---

UMA DAS dificuldades que os apóstolos encontrarão será a violência física. Esta é uma realidade presente na vida da Igreja desde os primeiros séculos e ainda hoje. São inumeráveis os cristãos que deram a vida pelo Evangelho: morrendo, mostraram Cristo, que venceu o mal com misericórdia e alcançaram a salvação eterna. É por isso que o Senhor adverte: «Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode lançar na geena a alma e o corpo» (Mt 10, 28).

Nalgumas partes do mundo, anunciar Cristo envolve sérios problemas. Noutras – graças a Deus, a maioria – não acarreta sofrimento físico, mas talvez possamos experimentar dificuldades de outro tipo. Nestes casos, o Senhor encoraja-nos a não dar muito peso às seguranças daqui de baixo, e a saber valorizar com mais fé o que é realmente importante: nada pode separar-nos do Seu amor. «O único medo que o discípulo deve ter é o de perder esse dom divino, a proximidade, a amizade com Deus, renunciando a viver segundo o Evangelho e causando deste modo a sua morte moral, que é a consequência do pecado»<sup>[1]</sup>.

Esta certeza de que o mais valioso da nossa vida é a relação com Deus levou S. Josemaria a escrever: «Um filho de Deus não tem medo da vida nem medo da morte, porque o fundamento da sua vida espiritual é o sentido da filiação divina: Deus é meu Pai, pensa, e é o Autor de todo o bem, é toda a Bondade. – Mas tu e eu procedemos, de verdade, como filhos de Deus?»<sup>[2]</sup>.

---

QUALQUER pessoa que queira realizar um nobre ideal nesta vida encontrará dificuldades. Muitas delas são efetivamente reais, mas muitas vezes somos nós que as aumentamos com a nossa imaginação. Quem ainda não começou a preocupar-se e a dar voltas a um problema que ainda não aconteceu e não vai acontecer? A imaginação inventa obstáculos que, em muitos casos, não são reais e nos impelem a entrar «em tortuosos calvários; mas nesses calvários não está Cristo, porque onde está o Senhor goza-se de paz e de alegria»<sup>[3]</sup>.

A tendência de antecipar os problemas para poder enfrentá-los caso surjam impede-nos de desfrutar da realidade que temos à mão. E isso pode causar-nos medo, insegurança, pois estamos em constante estado de alerta para evitar perigos.

Jesus propõe-nos viver o dia a dia: «Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema» (Mt 6, 34). Não se trata de um convite à preguiça ou de uma afirmação ingénuo que ignora os obstáculos, mas de uma máxima repleta de bom senso. Não parece razoável preocuparmo-nos com problemas que podem não ocorrer quando cada dia apresenta os seus próprios desafios e que exigem a nossa atenção: um filho que deve ser cuidado à noite, um projeto de trabalho que mal começa, um amigo que está a passar um período difícil... A Virgem Maria nos ajudará a viver despreocupados, sem medo, sabendo que temos a graça do seu Filho em todos os momentos.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 21/06/2020.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 987.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 77.

## Segunda-feira da XII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no segunda-feira da XII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: não julgar os outros; no centro está a pessoa; amar a Deus é amar os outros.*

### Sumário

- Não julgar os outros.
- No centro está a pessoa.
- Amar a Deus é amar os outros.

---

«NÃO JULGUEIS e não sereis julgados. Segundo o julgamento que fizerdes sereis julgados, segundo a medida com que medirdes vos será medido» (Mt 7, 1). Estas são palavras de Jesus com as quais Ele nos adverte contra a tentação de nos arvorarmos em deuses para os outros, com o poder de julgar a sua conduta e, inclusive, de cair na murmuração. Se o Senhor veio para renovar o nosso coração, a forma como olhamos para os outros é um terreno privilegiado para a conversão. Jesus aconselha-nos a voltar o nosso olhar para nós próprios, antes de que surjam considerações acerca dos outros.

S. Tomás de Aquino explica que estes julgamentos surgem geralmente de um coração que desconfia imprudentemente dos outros. Identifica três motivos pelos quais esses julgamentos podem ser feitos: porque o coração está inundado de coisas más e, por isso, facilmente pensa mal dos outros; porque não tem um afeto purificado por uma pessoa concreta e, por isso, tende a pensar mal ante o menor indício; ou porque algumas experiências negativas o tornaram demasiado suscetível<sup>[1]</sup>. Em nenhum destes casos se trata duma atitude generosa para com o próximo, pelo que não serão uma fonte de felicidade própria nem alheia.

Qualquer visão humana dos outros será sempre limitada: só Deus conhece os corações e pode avaliar as verdadeiras circunstâncias do que

sucede. Ele é sempre compreensivo e está sempre pronto a perdoar. «Mas quem és tu para julgar o teu próximo?» (Tg 4, 12), escreve o apóstolo Tiago às primeiras comunidades cristãs. Quando nos deixamos levar por esta atitude, tornamo-nos acusadores em vez de defensores. Mas se procurarmos ter um coração em sintonia com o de Jesus, olharemos para as virtudes e imperfeições dos outros com o mesmo amor e a mesma misericórdia com que Ele ama as nossas.

---

«POR QUE olhas o argueiro que o teu irmão tem na vista e não reparas na trave que está na tua?» A experiência dos nossos próprios erros, considerada junto de Deus, deve levar-nos a ser compreensivos com os dos outros. Não se trata simplesmente de ignorar os seus defeitos. De facto, por vezes podemos oferecer a nossa ajuda para mudar ou melhorar através da correção fraterna. Mas esta mudança, por um lado, não se consegue de um dia para o outro; por outro lado, muitas vezes pode tratar-se da sua própria maneira de ser, que não pressupõe um obstáculo relevante no seu caminho de santidade. Saber que também nós temos defeitos ou traços pessoais que podem não agradar a todos leva-nos a olhar com compreensão para as outras pessoas. «Mais do que em “dar”, a caridade está em “compreender” – escreve S. Josemaria –. Por isso, busca uma desculpa para o teu próximo (sempre as há) se tens o dever de julgar»<sup>[2]</sup>.

«Se não formos capazes de ver os nossos defeitos, teremos sempre a tendência de exagerar os dos outros. Pelo contrário, se reconhecermos os nossos erros e as nossas misérias, abre-se para nós a porta da misericórdia»<sup>[3]</sup>. O olhar de Deus não se concentra apenas nos nossos erros, mas em tudo o que Ele possa tirar dos nossos desejos de fazer o bem: Ele salva sempre a pessoa, e muito mais se somos seus filhos. E é na oração que podemos cultivar este olhar. «O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem; o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal; porque a boca fala da abundância do coração» (Lc 6, 45). Se fazemos crescer um coração puro, sem duplicidades nem murmuração, saberemos ver o bem que há nos outros e não dar importância desmedida ao seu mal. Numa ocasião, S. Josemaria escrevia os seus propósitos: «1/ Antes de iniciar uma conversa ou fazer uma visita, elevarei o coração a Deus. 2/ Não insistirei, mesmo que esteja cheio de razão. Somente, se for para glória de

Deus, darei a minha opinião, mas sem teimar. 3/ Não farei crítica negativa: quando não puder louvar, calar-me-ei»<sup>[4]</sup>.

---

A VIDA do cristão alimenta-se e encontra a sua realização na relação pessoal com Deus e com os outros. A substância desta relação é a caridade: aí surge a amizade, a vida familiar, as estruturas sociais e todas as relações: «Para a Igreja – instruída pelo Evangelho – a caridade é tudo porque, como ensina S. João (cf. 1 Jo 4, 8.16) (...), tudo provém da caridade de Deus, por ela tudo toma forma, tudo tende para ela. A caridade é o maior dom que Deus concedeu à humanidade; é a sua promessa e a nossa esperança»<sup>[5]</sup>.

Pouco antes da sua paixão, Jesus quis deixar um mandamento novo: «Que vos ameis uns aos outros. Como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros» (Jo 13, 34). E, imediatamente a seguir, para que tivéssemos uma imagem desse caminho de felicidade, demonstrou esse amor com obras, lavando os pés aos seus discípulos. «Sabemos bem que encontrar Deus, amar a Deus, é inseparável de amar, de servir os outros; que os dois preceitos da caridade são inseparáveis»<sup>[6]</sup>.

Nós, os cristãos, fomos precedidos por tantos santos e santas que se entregaram à caridade, também na vida corrente: vemo-lo nos «pais que criam com tanto amor os seus filhos, nos homens e mulheres que trabalham para levar o pão para sua casa, nos doentes, nas religiosas idosas que continuam a sorrir»<sup>[7]</sup>. As obras de misericórdia espirituais oferecem uma atitude que se antepõe à tendência para julgar: ensinar, aconselhar, corrigir, perdoar, consolar... Santa Maria é a primeira a tratar-nos desta forma e, como boa Mãe, pode ajudar-nos a amar assim as pessoas que estão mais próximas de nós.

---

## NOTAS

[1] cf. S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 60, a. 3.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 463.

[3] Francisco, Audiência, 27-II-2022.

[4] S. Josemaria, Apontamentos íntimos, n. 399, 18-XI-1931.

[5] Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 2.

[6] Fernando Ocariz, Carta pastoral, 19-III-22, n. 9.

[7] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 7.



## Terça-feira da XII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da XII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o ansiado temor de Deus; o reino de Deus na terra; magnanimidade para chegar a muitos.*

### Sumário

---

O PRIMEIRO salmo do saltério começa por louvar o homem que é consciente da sua condição de criatura e que reconhece a grandeza do seu Deus: feliz o homem «cujo enlevo é a lei do Senhor e nela medita dia e noite» (Sl 1, 2). Este canto sublinha a atitude de quem compreende o significado do "temor de Deus": aquele dom do Espírito Santo que nada tem a ver com o medo, mas que nos leva a reconhecer a sabedoria e a grandeza do Criador. O canto elogia aquele cujo coração está ancorado no que realmente deseja, aquele cujos impulsos se dirigem sempre para aquilo que ama e a quem não interessa o que o possa afastar do Senhor. Gostaríamos também de ter esta atitude: possuir uma disposição firme para viver contemplando a grandeza de Deus e experimentando o seu amor pela humanidade.

Observamos nas Escrituras a boa atitude de Ezequias, rei de Judá, quando recebe uma carta ameaçadora do rei da Assíria. «Subiu ao templo e abriu-a diante do Senhor e orou na presença do Senhor, dizendo: “Senhor, Deus de Israel, que estais sentado no trono sobre os querubins, Vós sois o único Deus de todos os reinos do mundo; Vós fizestes o céu e a terra. Inclinaí os vossos ouvidos, Senhor, e escutai, abri os vossos olhos e vede”» (2 Rs 19, 14-16). A confiança com que Ezequias se dirige a Deus é surpreendente. Provavelmente, estava habituado a louvar a Deus, a dar-lhe graças, e isso leva-o a recorrer a Ele desta forma, num momento de maior necessidade. E o relato continua narrando como, nessa mesma noite, o anjo do Senhor atingiu cento e oitenta e cinco mil homens no acampamento assírio.

Deus espera sempre por nós; espera que partilhemos com Ele as nossas necessidades, especialmente a manifestação do nosso amor. Mas não porque o necessite, mas porque essa atitude fará crescer em nós o santo "temor de Deus" que reconhece a sua grandeza.

---

«GUARDAI para sempre, Senhor, a vossa morada – diz o salmista – Grande é o Senhor e digno de louvor na cidade do nosso Deus. A sua montanha sagrada é a mais bela das montanhas, a alegria de toda a terra» (Sl 47, 2-3). Estes versículos falam-nos de uma cidade que nós, os cristãos, procuramos estabelecer na terra, uma cidade construída sobre o amor de Deus pela humanidade. No final da sua vida, Sto. Agostinho escreveu um tratado no qual explora este tema em profundidade, tal como o fez S. Tomás Moro. Ambos os casos servem para reconhecermos a importância que teve para os santos a meditação sobre a natureza do reino de Deus na terra e a forma como nos devemos relacionar para o tornar realidade.

A este respeito, diz S. Josemaria: «Verdade e justiça; paz e gozo no Espírito Santo. Esse é o reinado de Cristo: a ação divina que salva os homens e que culminará quando a História terminar e o Senhor, que se senta no mais alto do Paraíso, vier julgar definitivamente os homens»<sup>[1]</sup>. O reinado de Cristo na terra refere-se, sobretudo, à forma como Ele está presente no coração dos homens. Se Cristo está no centro da nossa alma, a nossa ação entre os nossos irmãos e irmãs estará em conformidade com a forma como Deus contempla os outros e com o modo como Ele deseja reinar no mundo.

A vida cristã é sempre uma vida comunitária, não um caminho a ser percorrido individualmente. A Igreja constituída por Cristo é o seu próprio corpo místico, do qual todos os cristãos fazem parte. A sua atividade e, portanto, o seu reinado estendem-se a todos os lugares onde os seus membros se encontram. «Contrariamente à sociedade humana, onde se tende a perseguir os próprios interesses, prescindindo ou até em detrimento do próximo, a comunidade dos crentes afasta o individualismo para favorecer a partilha e a solidariedade. Não há lugar para o egoísmo na alma do cristão»<sup>[2]</sup>. Um sinal da presença do Reino de Deus será esta unidade solidária entre todos os filhos.

---

NO EVANGELHO, Jesus tem palavras para descrever o que pode acontecer quando a grandeza de Deus entra em contacto com aqueles que não estão na melhor disposição para a receber: «Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, não vão eles calcá-las aos pés e voltar-se para vos despedaçarem» (Mt 7, 6). Isto não significa que haja pessoas a quem o reino de Deus não esteja destinado; pelo contrário, todos podem recebê-lo, todos estão chamados a entrar nessa felicidade, mas devemos considerar a melhor forma de partilhar esse convite. É por isso que o Senhor continua a dizer: «Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam fazei-o também a eles» (Mt 7, 12). É uma questão de procurar o caminho mais adequado para cada pessoa, encontrar uma maneira de nos ajustarmos à situação do outro.

Com a intenção de nos prepararmos melhor para esta doce alegria de evangelizar, S. Josemaria sugere que rezemos por todos: «não pensemos só em nós mesmos: temos que dilatar o coração até abarcar a humanidade inteira. Pensemos, antes de mais nada, nos que nos rodeiam – parentes, amigos, colegas –, e vejamos como podemos levá-los a sentir mais profundamente a amizade com Nosso Senhor. (...) Pedi também por tantas almas que não conhecemos, porque todos estamos navegando na mesma barca»<sup>[3]</sup>.

«Como é estreita a porta e apertado o caminho que conduz à vida» (Mt 7, 14), prossegue Jesus. Certamente, o caminho será estreito se quisermos chegar à vida acompanhados por tantas pessoas que nos rodeiam. «Magnanimidade: ânimo grande, alma ampla, onde cabem muitos – repetia S. Josemaria – É a força que nos move a sair de nós mesmos, a fim de nos prepararmos para empreender obras valiosas, em benefício de todos»<sup>[4]</sup>. Santa Maria é talvez a primeira pessoa que compreendeu o reino de Deus e aceitou viver nele. Podemos pedir-lhe que nos torne magnânimos para o levar – uma a uma – a muitas pessoas próximas de nós.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 180.

[2] Francisco, Audiência,26-VI-2019.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 175.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 80.

## Quarta-feira da XII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da XII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: os falsos profetas; unidade de vida; amar o lugar em que estamos.*

### Sumário

- Os falsos profetas.
- Unidade de vida.
- Amar o lugar em que estamos.

---

JESUS não teve reparo em rodear-se de pessoas que não gozavam de boa fama entre o povo judeu. Comia com publicanos, estava disposto a entrar em casa de gentios e, até se aproximava e tocava em leprosos. Com os seus gestos e palavras manifestava uma abertura a todos os homens que, provavelmente, surpreenderia os seus contemporâneos. Não amava o pecado, mas sim o pecador. Por isso, em certa ocasião quis advertir as pessoas de que o maior perigo com que se enfrentariam não seria tanto rodear-se de gente que a sociedade rejeita. A ameaça maior – dito com palavras de hoje – seria a dos que, considerando-se justos, procurarão só o próprio bem-estar, êxito e posição. «Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes» (Mt 7, 15).

Estes falsos profetas de que o Senhor falava eram aqueles que tinham traído a sua verdadeira identidade. Em vez de velarem pelo povo de Israel, tinham posto a sua esperança nas riquezas e nos louvores. Os verdadeiros profetas, pelo contrário, eram aqueles que faziam seus os sofrimentos do povo. «Os grandes sabem ouvir antes de agir, porque a sua confiança e força» estão «na rocha do amor de Jesus Cristo»<sup>[1]</sup>. Conhecer as preocupações e os anseios das pessoas que a Providência de algum modo nos confia é uma das principais qualidades do Bom Pastor. Era isto que o Senhor fazia: não fugia da companhia de ninguém. Escutava os lamentos

mais profundos das pessoas e libertava-as dos seus medos. Na nossa oração podemos perguntar-nos: conheço as alegrias e as tristezas das pessoas que me rodeiam?

---

TODA a existência de um cristão está chamada a tornar-se adoração de Deus (cf. Jo 4, 23), de modo que a luz da graça converta os diferentes espaços da nossa vida em lugares habitáveis para o Senhor e para os outros. A unidade de vida permite que todas as nossas ações estejam encaminhadas para Deus e para os outros n'Ele. Essa unificação reforça cada vez mais a nossa identidade de filhos seus em Cristo, pela força do Espírito Santo, que tudo vivifica pela caridade e nos impele à santidade e ao apostolado nas ocupações do nosso dia.

A incoerência de vida, em que caem os «falsos profetas», é uma falta de paz que quebra o equilíbrio pessoal. Na unidade de vida, pelo contrário, encontramos progressivamente uma maior harmonia, pois não deixamos que sejam as circunstâncias ou o ambiente a ditarem a nossa maneira de ser ou decidir: à luz da fé, podemos encontrar sentido a cada faceta da nossa vida e do que nos sucede, tanto do bom como do que parece mau ou recusável; aprendemos a reconciliar-nos com o passado e a tornar-nos amigos do presente. A amizade com Deus oferece-nos a confiança necessária para exprimir a nossa identidade de cristãos em qualquer situação e para integrar a realidade na nossa vida, sem viver entre *buracos negros*, esses espaços densos e cerrados em que até a luz fica presa.

O fundamento da unidade de vida encontra-se na consciência da nossa filiação divina. Isto «leva-nos a rezar com a confiança de filhos de Deus, a caminhar pela vida com a agilidade de filhos de Deus, a raciocinar e a decidir com a liberdade de filhos de Deus, a enfrentar a dor e o sofrimento com a serenidade de filhos de Deus, a apreciar as coisas belas como um filho de Deus o faz»<sup>[2]</sup>. Por isso, S. Josemaria dizia que a filiação divina «acaba por envolver toda a existência: está presente em todos os pensamentos, em todos os desejos, em todos os afetos»<sup>[3]</sup>.

---

PARTE da unidade de vida consiste em amar o lugar e o tempo em que vivemos. A Criação e a Redenção realizam-se aqui, hoje e agora, se vibrarmos por conhecer e compreender o nosso mundo, para amá-lo como fizeram os santos. S. Josemaria, por exemplo, convidava a não sonhar «sonhos vãos»<sup>[4]</sup>, a fugir de qualquer «mística do oxalá»<sup>[5]</sup>. Desfruta-se da unidade de vida no lugar em que vivemos junto de Deus e com as pessoas que temos à nossa volta, procurando sonhar com as atividades em que estamos imersos – para as encher dos dons de Deus – e sem tender a evadir-nos para outros mundos mais belos, mas irreais. S. Paulo convida os Tessalonicenses a trabalhar e ganhar o sustento e a ajudarem-se mutuamente a comportar-se desse modo (cf. 2Ts 3, 6-15). Esta coerência de vida permite-nos ao mesmo tempo sermos flexíveis perante o imprevisível, porque ao rezar e viver para Deus para os outros, experimentamos que a caridade une o que se apresenta dividido e ordena o que estava desagregado. Assim, podemos assistir a um encontro marcado embora tivéssemos preferido um programa aparentemente melhor, ou podemos pagar um bilhete no transporte público embora o estado desse serviço convide a revoltar-se e a não pagar, procurando alternativas no modo de propor melhorias.

Viver assim é lutar por pôr em prática a exortação do Senhor: «Seja este o vosso modo de falar: Sim, sim; não, não. Tudo o que for além disto procede do espírito do mal» (Mt 5, 37). Cristo mostra um modo de falar: um estilo de vida cristão que se atualiza mediante a presença de Deus, uma «atenção respeitosa à sua presença, testemunhada ou desrespeitada em cada uma das nossas afirmações»<sup>[6]</sup>, que se concretiza em não mentir nunca, embora num dado momento isso nos pudesse tirar de apuros; comportar-nos com dignidade, mesmo que ninguém nos veja; não dar rédea solta à ira quando estamos ao volante ou a jogar futebol. Como ensina o Concílio Vaticano II, os batizados cumprem «fielmente os seus deveres terrenos, guiados pelo espírito do Evangelho. [...] A própria fé ainda os obriga mais a cumpri-los, segundo a vocação própria de cada um»<sup>[7]</sup>. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a adquirir essa unidade de vida para sabermos transmitir com autenticidade a alegria de viver junto do seu Filho.

---

## NOTAS

- [1] Francisco, *Meditações matutinas*, 25/06/2015.
- [2] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 28/10/2020, n. 3.
- [3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 146.
- [4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 8.
- [5] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 88.
- [6] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2153.
- [7] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 43.



## Sexta-feira da XII semana do Tempo Comum <sup>[\*]</sup>

*Reflexão para meditar na sexta-feira da XII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a súplica do leproso; Jesus toca na nossa ferida; a solidão do leproso.*

### Sumário

- A súplica do leproso.
- Jesus toca na nossa ferida.
- A solidão do leproso.

---

UMA grande multidão seguia Jesus. Enquanto desciam o monte, aproximou-se um leproso de Jesus e, prostrando-se diante dele, disse-lhe: «Senhor, se quiseres, podes purificar-me» (Mt 8, 2). Podemos imaginar como seria a situação daquele homem. A sua doença não somente lhe tinha castigado o corpo, mas além disso tinha-o afastado dos seus entes queridos e da vida social: teve de abandonar a sua casa e permanecer longe do contacto de outras pessoas. Está consciente do risco que está a correr ao aproximar-se tanto de Jesus e da multidão que o rodeava: a qualquer momento podia começar a ser apedrejado. Mas a sua esperança está posta naquele Mestre do qual tinha ouvido dizer que realiza todo o tipo de curas.

Diante de uma situação tão dramática, o normal podia ter sido que aquele leproso se aproximasse de Jesus desesperado, exigindo um milagre que justificasse o seu arriscado movimento de se apresentar diante d'Ele. Por isso surpreende a atitude com a qual se dirige ao Senhor: «Se quiseres, podes purificar-me». A sua súplica «mostra-nos que quando nos apresentamos a Jesus não é necessário fazer longos discursos. São suficientes poucas palavras, sempre que sejam acompanhadas pela plena confiança na sua onipotência e na sua bondade»<sup>[1]</sup>. O leproso não impõe a sua petição, mas abandona-se nas mãos de Deus: qualquer que seja a Sua vontade, aceitará. Podemos pedir ao Senhor que nos ajude a elevar as

nossas inquietações com a mesma disponibilidade daquele homem, sabendo que Deus conhece melhor do que ninguém de que necessitamos.

---

JESUS não foge do contacto com aquele homem. Não se limita a atendê-lo à distância, mas aproxima-se dele e, tocando-lhe, diz: «Quero, fica purificado» (Mt 8, 3). «Nesse gesto e nessas palavras de Cristo está toda a história da salvação, está encarnada a vontade de Deus de nos curar, de nos purificar do mal que nos desfigura e arruína as nossas relações»<sup>[2]</sup>. Ao entrar a mão de Jesus em contacto com o leproso quebra-se toda a barreira entre Deus e os homens. «Expõe-se diretamente ao contágio do nosso mal; e assim precisamente, o nosso mal torna-se o lugar do contacto»<sup>[3]</sup>, na ferida que permitiu que o Senhor entre em nós e nos cure.

Com frequência pode suceder-nos como ao leproso: sentimo-nos manchados pelas nossas faltas, incapazes de avançar só com as nossas próprias forças. É então o momento de nos aproximarmos do Senhor com a fé e sinceridade daquele homem. No sacramento da Reconciliação, Jesus volta a tocar a nossa ferida e regenera assim a comunhão que nos une a Ele. Os pecados que possamos ter cometido ficam limpos quanto os confessamos humildemente. «Se alguma vez caíres, filho, recorre prontamente à Confissão e à direção espiritual – escrevia S. Josemaria –: mostra a ferida!, para que te curem a fundo, para que te tirem todas as possibilidades de infeção, mesmo que te doa como numa operação cirúrgica»<sup>[4]</sup>.

---

O LEPROSO ficou curado da sua doença logo que Jesus lhe estendeu a mão. A seguir, o Senhor, pediu-lhe que fizesse uma última coisa: «Vai mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferta que Moisés preceituou, para que lhes sirva de testemunho» (Mt 8, 4). Ainda faltava que as autoridades judaicas certificassem a cura para que aquele homem se pudesse reinserir na vida social. Deste modo, Jesus não só lhe devolvia a saúde física, mas também algo muito importante: a pertença a uma comunidade. Em todos aqueles anos, o leproso não tinha experimentado apenas a dor e os desconfortos da sua doença: provavelmente teria sofrido mais a solidão e o

abandono por parte dos seus próprios familiares e amigos. E agora o Senhor põe fim a esse desgarramento da alma.

No nosso dia a dia, também podemos encontrar-nos com pessoas que, tal como o leproso, estão excluídas ou se sentem excluídas, por motivos às vezes subtis, mas que acabam por aprisionar a pessoa e sufocar o seu espaço vital. Às vezes essa exclusão é causada pela pobreza, a velhice, a falta de trabalho ou a doença. Numas e noutras situações, é frequente constatar que o que procuram em primeiro lugar é um olhar de compaixão; alguém que não só ofereça alguma ajuda material, mas sobretudo carinho, interesse, tempo. Procuram alguém que, como Cristo, se aproxime para tocar nas suas feridas e lhes recorde que fazem parte de uma comunidade onde podem partilhar a vida, onde encontram pessoas que se importam se estão bem e se sintam amadas. «Se eu fosse leproso – dizia S. Josemaria –, a minha mãe abraçar-me-ia. Sem medo nem hesitações, beijar-me-ia as chagas»[5]. Podemos pedir à Virgem Maria que tenhamos esse olhar de compaixão que nos leva a abraçar os *leprosos* que se apresentarem na nossa vida.

---

## NOTAS

[\*] A quinta-feira não consta do original.

[1] Francisco, Audiência, 22/06/2016.

[2] Bento XVI, Angelus, 12/02/2012.

[3] Francisco, Angelus, 15/02/2015.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 192.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 190.

## Sábado da XII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da XII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: uma humildade que comove; a fé do centurião; a Comunhão espiritual.*

### Sumário

- Uma humildade que comove.
- A fé do centurião.
- A Comunhão espiritual.

---

AO ENTRAR Jesus em Cafarnaum, aproximou-se d'Ele um centurião, que Lhe suplicou, dizendo: «Senhor, o meu servo jaz em casa paralítico e sofre horrivelmente» (Mt 8, 6). Provavelmente, esta súplica terá sido uma surpresa para as pessoas que presenciaram a cena. Seria inaudito que um homem importante do Império Romano se dirigisse a um judeu com esta atitude: chamando-lhe "Senhor" e apresentando-se como necessitado, débil e quase desesperado. Talvez tivesse consciência de que uma tal humilhação o faria perder autoridade entre os habitantes de Cafarnaum, mas o seu prestígio era o que menos importava: a sua prioridade era encontrar uma solução que resolvesse a situação do seu servo. Jesus fica comovido com a humildade do centurião e, antes mesmo de ele fazer um pedido concreto, responde-lhe: «Eu irei curá-lo» (Mt 8, 7).

Seguramente, as palavras de Jesus voltaram a parecer estranhas aos presentes, pois estava a manifestar a intenção de ir a casa dele. Quando um judeu entrava em casa de um gentio, contraía a impureza legal, o que supunha um afastamento da presença de Deus, segundo a Lei. De facto, o centurião conhecia este costume, por isso disse: «Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa; mas diz uma só palavra e o meu servo ficará curado» (Mt 8, 8). «Quando nos deixamos encontrar por Ele, é Ele que entra em nós, é Ele que volta a fazer tudo de novo, porque é esta a vinda, o

que significa quando Cristo vem: voltar a fazer tudo de novo, refazer o coração, a alma, a vida, a esperança e o caminho»<sup>[1]</sup>.

Jesus deseja entrar no coração daquele homem simples e necessitado para lhe manifestar o seu amor concreto. Também nós podemos sentir-nos indignos de estar com o Senhor, mas Deus vem precisamente à procura do mais fraco, também daquele que se sente meio quebrado, do que perdeu a autoestima, do que acha que o seu pedido será incómodo. Deus veio para curar. E só está à espera que nós, como o centurião, lhe peçamos com humildade e nos aproximemos d'Ele.

---

O CENTURIÃO confia tanto em Jesus que se contenta com uma palavra Sua para conseguir a cura do servo. No fundo, aplicou um raciocínio que conhece bem. Possui uma autoridade humana, pela qual os soldados obedecem imediatamente às suas ordens: «Digo a um 'Vai!' e ele vai; a outro 'Vem!' e ele vem» (Mt 8, 9). Portanto, a Jesus, que tem uma autoridade divina, devia bastar-lhe uma simples ordem para fazer desaparecer a doença do corpo do seu servo. Esta atitude deixou o Senhor e a multidão maravilhados: «Em verdade vos digo: não encontrei ninguém em Israel com tão grande fé. Por isso vos digo: do Oriente e do Ocidente virão muitos sentar-se à mesa, com Abraão, Isaac e Jacob, no reino dos Céus» (Mt 8, 10-11). E podemos considerar: não é assim que respondem, por vezes, as crianças e também as pessoas na vida espiritual que tentam explorar um caminho de infância?

Jesus elogia a fé de um homem que, aos olhos da época, poucos diriam que podia ter fé. Aparentemente, não era a pessoa mais indicada para receber tal elogio, pois Deus não se tinha revelado ao seu povo como o tinha feito a Israel. Cristo anuncia assim que o novo povo de Deus não se limita a uma nação, mas oferece a salvação a todos os povos. Isaías tinha profetizado: «Quanto aos estrangeiros que se converterem ao Senhor, para o servirem (...) hei de conduzi-los ao meu santo monte» (Is 56, 6-7). Ter uma visão esperançosa do mundo, como Jesus, leva-nos a descobrir o bem em todas as pessoas, mesmo naquelas que, à primeira vista, podem estar mais afastadas do Senhor. Em muitas delas, como no centurião, está latente o

desejo de encontrar um «Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto»<sup>[2]</sup>.

---

ANTES de receber a Comunhão na Santa Missa, a liturgia propõe-nos repetir o ato de fé do centurião: «Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa; mas diz uma só palavra e o meu servo ficará curado» (Mt 8, 8). Com esta expressão, manifestamos a necessidade que temos de ser curados por Cristo: Ele vem à nossa alma precisamente para curar as nossas feridas. «A Eucaristia não é uma recompensa para os bons, mas constitui a força para os mais frágeis»<sup>[3]</sup>.

Ao longo do dia, podemos alimentar o desejo de que Jesus venha a nossa casa através da comunhão espiritual. «Pratica-a com frequência, e terás mais presença de Deus e mais união com Ele nas obras»<sup>[4]</sup>, sugeria S. Josemaria. Talvez todos nós tenhamos feito a experiência de esperar durante algum tempo por algo que desejámos muito: uma festa, umas férias, a chegada de uma pessoa querida... Talvez os dias anteriores estivessem cheios de preparativos e, com a imaginação, começaríamos a idealizar como seria esse momento. E quando finalmente chegasse, encararíamos esse dia com um entusiasmo quase proporcional ao tempo de espera.

Com a comunhão espiritual, não só nos preparamos para receber o Senhor na Eucaristia, mas também renovamos o nosso desejo de que Ele venha para nos curar. Contam que o próprio Jesus confidenciou a Sta. Faustina Kowalska que, se rezarmos a comunhão espiritual várias vezes por dia, em apenas um mês, veremos o nosso coração completamente mudado. Por isso, podemos pedir ao Senhor a fé dos santos, para sermos transformados por esta oração. S. José também se alimentou da comunhão espiritual durante nove meses. Sonhava como seria o Menino e conversava com Maria sobre a sua vinda. E quando Ele finalmente nasceu, as suas expectativas seriam ultrapassadas: considerar-se-ia o homem mais feliz do mundo por ter nos braços o próprio Deus.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 02/12/ 2013.

[2] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 31.

[3] Francisco, Homilia, 04/06/2015.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 540.

## XIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: fortalecer os pastores; o amor aos pais; abraçar a cruz*

### Sumário

- Fortalecer os pastores.
- O amor aos pais.
- Abraçar a cruz.

---

UM DIA o profeta Eliseu estava na cidade de Sunam. Uma mulher importante convidou-o para comer em sua casa. E assim, sempre que Eliseu passava, ele ficava para comer. A mulher percebeu que ele era um homem de Deus, e conversando com o marido decidiram preparar uma área da casa para ele: «Mandemos-lhe fazer no terraço um pequeno quarto com paredes de tijolo, com uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lâmpada. Quando ele vier a nossa casa, poderá lá ficar» (2Rs 4, 10). Quando Eliseu chegou e se instalou no quarto, quis saber como poderia retribuir tamanha hospitalidade. Perante as recusas da sunamita em receber qualquer coisa, Eliseu descobriu que aquele casal não tinha podido ter filhos, então disse à mulher: «No próximo ano, por esta época, terás um filho nos braços» (2Rs 4, 16). E ela, no tempo indicado, deu à luz um filho.

Deus sabe apreciar os gestos de caridade que dirigimos aos nossos irmãos, especialmente se, como Eliseu, foram chamados por Ele para uma missão. «Quem vos recebe – disse Jesus aos apóstolos quando se preparavam para anunciar a chegada do Reino – recebe-me a mim» (Mt 10, 40). Com efeito, o Senhor assegurou que nem mesmo um copo de água fresca que alguém dê aos seus discípulos ficará sem recompensa (cf. Mt 10,42). O próprio Cristo, aliás, recebia abrigo de amigos ou conhecidos, pois não tinha onde reclinar a cabeça, e sabia reconhecer as atenções que lhe proporcionavam. Poder-se-ia dizer que Deus conta com as relações



humanas para fortalecer os pastores de seu povo. Em primeiro lugar, com a oração por eles, para que «sejam sempre ministros da alegria do Evangelho para todos os povos»<sup>[1]</sup>; mas também com proximidade e ajuda material, para recordar-lhes que não estão sozinhos e apoiá-los no seu trabalho sacerdotal.

---

NO DISCURSO aos apóstolos, o Senhor comentou também uma exigência para seguir o Evangelho: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim» (Mt 10, 37). Certamente isso não significa que os seus discípulos tenham que se desvincular de todos os laços familiares. Com efeito, numa outra ocasião Jesus repreenderá os doutores da Lei por privarem os seus pais do necessário com a desculpa de o oferecerem ao altar (cf. Mc 7, 8-13). Um carinho animado e purificado pelo amor do Senhor «torna-se plenamente fecundo e produz bons frutos na própria família e muito além dela»<sup>[2]</sup>. Por isso Jesus quer enfatizar que em primeiro lugar está o amor a Deus, porque, se for autêntico, traduzir-se-á em amor aos pais e aos filhos.

Dizia S. Josemaria que as pessoas da Obra deviam noventa por cento da sua vocação aos pais: se souberam ser generosos com a vocação divina, foi porque viram essa generosidade no lar familiar. E isso, na maioria dos casos, poderia ser estendido a todas as vocações na Igreja. Por isso, considerou que não é um sacrifício para os pais que Deus chame os seus filhos. «Pelo contrário, é um grande e santo orgulho, um sinal de predileção, um carinho muito particular»<sup>[3]</sup>, pois é como se o Senhor reconhecesse o *bom trabalho* que fizeram com eles: plantaram nas suas almas a semente do amor de Deus. E o próprio filho soube fazê-la crescer com a sua liberdade, graças à oração e ao exemplo que viu nos pais.

---

JESUS também adverte os seus apóstolos que, na missão que vão empreender, não faltarão dificuldades. «Quem não toma a sua cruz para Me seguir, não é digno de Mim. Quem encontrar a sua vida há de perdê-la; e quem perder a sua vida por minha causa, há de encontrá-la» (Mt 10, 38-39). Ao mesmo tempo, encoraja-os a não terem medo, porque quem está nas

mãos de Deus «sabe que o mal e o irracional não têm a última palavra, mas que o único Senhor do mundo e da vida é Cristo»<sup>[4]</sup>.

Todas as pessoas têm dificuldades: uma doença, problemas familiares, complicações no trabalho... Às vezes, a cruz também se manifestará em detalhes do nosso modo de ser ou de outros que não suportamos, ou em defeitos ou derrotas na luta que de que nos envergonhamos. Jesus procura uma maneira de rejeitarmos a sensação de estarmos sozinhos ou de nos sentirmos presos em dificuldades. É certo que, de forma habitual, não poderemos viver alheios a tudo isso, como se não existisse o mal que procede do diabo e do pecado original, ou desejando a qualquer preço uma existência tranquila ou sem sobressaltos. O Senhor toma-nos pelo braço e ajuda-nos a abraçar aquele problema, aquele defeito, do mesmo modo que Ele abraçou a cruz junto com Simão de Cirene.

«Na Paixão, a cruz deixou de ser símbolo de castigo para se tornar sinal de vitória. A cruz é o emblema do Redentor: *in quo est salus, vita et resurrectio nostra*: aí está a nossa saúde, a nossa vida e a nossa ressurreição»<sup>[5]</sup>. Nem mesmo a Mãe de Deus foi poupada de compartilhar o peso da cruz. Podemos recorrer a Ela para sabermos levar a nossa com o sentido de filhos de Deus e com visão sobrenatural.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Mensagem, 19/06/2020.

[2] Francisco, Angelus, 28/05/2020.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 18

[4] Bento XVI, Angelus, 22/06/2008.

[5] S. Josemaria, *Via Sacra*, II estação, n. 5.

## Segunda-feira da XIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no segunda-feira da XIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: fidelidade na procura de Jesus; a vida imprevisível do discípulo; amor total e livre.*

### Sumário

- Fidelidade na procura de Jesus.
- A vida imprevisível do discípulo.
- Amor total e livre.

---

JESUS acaba de realizar várias curas de doentes e de endemoninhados. Cumpria-se assim a profecia de Isaías: «Ele tomou as nossas dores e suportou as nossas enfermidades» (Is 53, 4). A multidão estava entusiasmada ao testemunhar estes prodígios, mas o Senhor considera que, por enquanto, a sua atividade naquela terra tinha sido suficiente. Por isso, dirige-se para a barca para ir para a outra margem. No entanto, antes de partir, um escriba aproxima-se e diz: «Mestre, seguir-Te-ei para onde quer que vás» (Mt 8, 19).

A decisão que este escriba tinha tomado era definitiva: estava pronto a deixar tudo para ficar com Jesus. No pouco tempo que tinha passado com ele, tinha descoberto uma nova felicidade. Mas o que tinha experimentado tinha sido apenas o primeiro *flash*, porque conhecer Cristo «é uma aventura que dura toda a vida, porque o amor de Jesus não tem limites»<sup>[1]</sup>. No entanto, o escriba sentiu que já não era suficiente ter partilhado algumas horas com Jesus: queria que toda a sua existência girasse à sua volta.

A vida de cada cristão é uma procura constante de Jesus. Ainda mais: a vida de cada pessoa é a busca constante de uma felicidade que só pode ser satisfeita em Deus. Por vezes experimentamos intensamente a sua proximidade e outras vezes podemos ter a impressão de que não nos ouve. Mas esta é a fidelidade que ele nos pede: a fidelidade da busca, a fidelidade

do desejo de Deus. «Esta luta do filho de Deus não pressupõe renúncias tristes, obscuras resignações, a privação da alegria – escreve S. Josemaria –; é a reação do apaixonado que, enquanto trabalha e enquanto descansa, quando se alegra e quando sofre, tem o pensamento na pessoa amada»<sup>[2]</sup>.

---

A RESPOSTA do Senhor às intenções do escriba está envolta num certo mistério: «As raposas têm as suas tocas e as aves os seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça» (Mt 8, 20). Podia parecer que esta reação tem pouco a ver com o que acabava de ouvir. No entanto, estas palavras refletem o estilo de vida de Jesus e a dos que, como o escriba, querem segui-lo. «Ele afasta-nos da tendência de nos instalarmos calmamente nas cómodas planícies da vida, de deixar correr ociosamente a vida por entre as pequenas satisfações quotidianas»<sup>[3]</sup>.

O escriba estava disposto a deixar a sua existência tranquila e previsível para seguir Jesus. O que os apóstolos tinham feito antes: deixando para trás as suas próprias seguranças, tinham-se lançado numa aventura imprevisível, confiando na proximidade do Senhor. «Se estamos nas mãos de Cristo – diz S. Josemaria – devemos impregnar-nos do seu Sangue redentor, deixar-nos lançar ao vento, aceitar a nossa vida tal como Deus a quer»<sup>[4]</sup>.

A felicidade não é algo que possamos alcançar com o nosso empenho individual, com esforço e planeamento pessoal. A felicidade de Deus espera-nos, principalmente, nas nossas relações com as pessoas mais próximas, a vida «tal como Deus a quer». A pessoa amada, o amigo ou o irmão podem dar-nos aquilo que não conseguimos sozinhos: sentirmo-nos amados, acolhidos, compreendidos na nossa busca. Na aventura «inquieta e imprevisível» dos que seguem Jesus Cristo, contamos com as pessoas que Deus pôs ao nosso lado. Elas, e sobretudo o próprio Cristo, são o melhor lugar onde podemos sempre «reclinar a cabeça».

---

A SEGUIR ao escriba, aproxima-se do Senhor um discípulo que lhe diz: «Deixa-me ir primeiro sepultar meu pai» (Mt 8, 21). Jesus responde: «Segue-Me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos» (Mt 8, 22). «Se Jesus lho proibiu, não é porque nos mande negligenciar a honra devida

àqueles que nos geraram – explica S. João Crisóstomo – mas para procurar explicar-nos que nada é mais necessário do que compreender as coisas do céu, às quais nos devemos entregar com todo o fervor»<sup>[5]</sup>.

«O Senhor – Mestre de Amor – é um amante ciumento que pede tudo o que é nosso, todo o nosso querer»<sup>[6]</sup>. O verdadeiro amor exige dar e receber totalmente. Foi o que Deus fez com cada um de nós, tornando-se homem, morrendo, ressuscitando e permanecendo na Eucaristia. Seguir esta lógica divina do amor a Deus e aos outros é o que nos dá uma felicidade que o mundo não pode dar. «O Senhor enche de alegria todos os que, dedicando-lhe a vida nesta perspectiva, respondem ao seu convite a deixar tudo para permanecer com Ele e dedicar-se com coração indiviso ao serviço dos outros. Do mesmo modo, é grande a alegria que Ele destina ao homem e à mulher que se doam totalmente um ao outro no matrimónio para construir uma família e tornar-se sinal do amor de Cristo pela sua Igreja»<sup>[7]</sup>.

Não sabemos qual foi a reação do discípulo perante as palavras do Mestre; não sabemos se realmente partiu ou se decidiu acompanhá-lo. O que sabemos é que Jesus quer que o amemos sem reservas, mas livremente. Não obriga nem o escriba nem o discípulo. Deixa-os tomar as suas próprias decisões. Cristo «não se impõe dominando: mendiga um pouco de amor»<sup>[8]</sup>. Podemos pedir a Maria que saibamos seguir o seu filho com o mesmo amor e a mesma liberdade que marcaram a sua vida.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 25/10/2018.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 219.

[3] Francisco, Homilia, 18/11/2018.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 157.

[5] S. João Crisóstomo, *In Matthaeum*, 27.

[6] S. Josemaria, *Forja*, n. 45.

[7] Bento XVI, Mensagem, 15/03/2012.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 179.

## Terça-feira da XIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da XIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o medo dos apóstolos na barca; as tempestades que nos fazem crescer; o refúgio da cruz.*

### Sumário

- O medo dos apóstolos na barca.
- As tempestades que nos fazem crescer.
- O refúgio da cruz.

---

«NAQUELE TEMPO, Jesus subiu para o barco e os discípulos acompanharam-n'O. Entretanto, levantou-se no mar tão grande tormenta que as ondas cobriam o barco» (Mt 8, 23-24) Talvez até então os apóstolos sempre se sentissem seguros na companhia de Jesus; desde que os chamou para segui-l'O, aprenderam a confiar cada vez mais na Sua palavra e no Seu poder. Tinham sido testemunhas de curas milagrosas, de expulsões de demónios e de ensinamentos que encheram os seus corações com uma paz diferente da do mundo. Talvez nalgum momento até pensassem que estar perto de Cristo os salvaria de muitos problemas na vida quotidiana.

Por isso, a situação precária da barca no meio da tempestade talvez os encontrasse desprevenidos. Provavelmente a maioria estava acostumada a suportar as tempestades do lago e o rugido das ondas: vários eram pescadores e de alguma forma se sentiriam tão à vontade no movimento da água quanto na estabilidade da terra firme. No entanto, também sabiam, havia muito tempo, que o seu trabalho não poderia estar livre do perigo de morte que espreita atrás de uma tempestade. Mas desta vez o medo tinha uma dimensão diferente. E o que eles não conseguiam entender era que, enquanto a água entrava no barco ameaçando afundá-lo, Jesus dormia. O Seu melhor amigo, aquele que já havia demonstrado o Seu poder sobre a natureza e compaixão sem limites, parecia indiferente à sua situação.

«Rever-nos nesta narrativa, é fácil; difícil é entender o comportamento de Jesus. Enquanto os discípulos naturalmente se sentem alarmados e desesperados, Ele está na popa, na parte do barco que se afunda primeiro... E que faz? Não obstante a tempestade, dorme tranquilamente, confiado no Pai»<sup>[1]</sup>. As tempestades fazem parte de todas as biografias. O barco da nossa vida passa, mais cedo ou mais tarde, por momentos de maior movimento e insegurança. Mas precisamente aquelas situações que parecem estar fora do nosso controlo podem ser um caminho que nos leva a uma fé mais profunda, a um abandono de filho de Deus, imitando o de Jesus no Seu Pai, que nunca nos é indiferente.

---

«SALVA-NOS, SENHOR, que estamos perdidos». (Mt 8, 25) A reação dos discípulos é compreensível. Temerosos e surpresos com a atitude de Jesus, aproximam-se d'Ele para O acordar e pedir-Lhe ajuda. No fundo, é uma reação cheia de fé: sabem que Ele pode mudar a situação em que se encontram, de modo que o sol volte a brilhar naquela tempestade. Compreende-se bem que, perante um problema de tal magnitude, a sua primeira medida fosse recorrer a Jesus. Os apóstolos ensinam-nos, mais uma vez, que podemos sempre contar com a ajuda do Senhor, em qualquer momento do nosso caminho.

No entanto, a resposta do Mestre tê-los-á surpreendido quase ainda mais do que o Seu sono. Em vez de consolá-los, ou parar imediatamente a tempestade, dirige-se-lhes com palavras que têm um tom de repreensão: «Porque temeis, homens de pouca fé?» (Mt 8, 26). À primeira vista, pode parecer que Jesus não Se apercebe da situação dos discípulos: o medo deles era um sentimento natural diante do perigo de morte. Mas parece que desta vez o Senhor quis ensinar-lhes uma verdade mais profunda e sobrenatural: que a confiança n'Ele é diferente do sentimento de segurança pessoal, que a segurança em Deus conduz, na verdade, a uma abertura à vontade do Pai, mesmo quando às vezes nos parece difícil de entender.

«Por trás dessas grandes questões, Deus quer abrir-nos um panorama de grandeza e de beleza que talvez esteja oculto aos nossos olhos»<sup>[2]</sup>. São os momentos de tempestade, quando ocorrem factos na nossa vida quotidiana que nos são difíceis de entender, as ocasiões em que Jesus nos convida a



continuar a confiar n'Ele. Se Ele viaja no nosso barco, mesmo que aparentemente durma, temos a certeza de que chegaremos à costa. Nesses momentos de dificuldade podemos pedir a Deus que nos conceda a graça de transformá-los em escola de fé, de nos dar a possibilidade de experimentar com mais clareza que só Deus é a nossa segurança.

---

«ENTÃO LEVANTOU-SE, falou imperiosamente ao vento e ao mar e fez-se grande bonança» (Mt 8, 26). A companhia de Jesus nas nossas vidas é a melhor garantia de que recuperaremos a tão esperada calma. Como os apóstolos, na nossa oração teremos muitas ocasiões para nos maravilharmos com o poder do Senhor nas nossas vidas: «Quem é este homem, que até o vento e o mar Lhe obedecem?» (Mt 8, 27). Mas não queremos confundir a paz e a alegria cristãs com o conforto ou o estado de apatia diante dos nossos próprios problemas ou os dos outros. A paz de Cristo é um dos frutos mais preciosos da cruz: é a manifestação de um amor que fez seu o medo da morte e da dor. Jesus também passou por uma terrível tempestade, e com ela nos mostrou que a glória do Pai dissipa todas as trevas.

«Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor»<sup>[3]</sup>. Quando sentimos que as ondas interiores ou as ondas do mundo ameaçam afundar o nosso barco, podemos pensar na cruz de Jesus e buscar o nosso refúgio nela. Ao contemplarmos que Cristo dá a Sua vida por nós, percebemos que, na realidade, Ele não dorme; ao contrário, ele é pregado num madeiro, consolando com o Seu sofrimento e com o Seu amor as tempestades de todos os homens.

«Santa Maria é (e assim a invoca a Igreja) a Rainha da paz. Por isso, quando se agitar a tua alma, ou o ambiente familiar ou profissional, a convivência na sociedade ou entre os povos, não cesses de aclamá-la com esse título: "*Regina pacis, ora pro nobis!*", Rainha da paz, rogai por nós! Experimentaste-o alguma vez, quando perdeste a tranquilidade?... Surpreender-te-ás com a sua imediata eficácia»<sup>[4]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Momento extraordinário de oração, 27/03/2020.

[2] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*, “Interrogações de juventude”.

[3] Francisco, Momento extraordinário de oração, 27/03/2020.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n. 874.

## Quarta-feira da XIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da XIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: pelos caminhos de Gadara; ouvir a palavra de Cristo; oração que transforma.*

### Sumário

- Pelos caminhos de Gadara.
- Ouvir a palavra de Cristo.
- Oração que transforma.

---

PASSADA uma tempestade, Jesus e os seus apóstolos chegam à outra margem do lago da Galileia, a região dos gadarenos. Trata-se de uma zona pagã, longe da influência judaica e sem grandes expectativas de salvação. O Senhor não se limita a pregar o Reino de Deus entre os seus compatriotas, mas quer levar a esperança da redenção a todos os homens. Mesmo aqueles que vivem em regiões afastadas são chamados a encontrar-se com o Filho de Deus.

Quando atravessavam a região, foram subitamente abordados por «dois endemoninhados que saíam dos túmulos, tão furiosos que ninguém podia andar por aquele caminho» (Mt 8, 28). É impressionante a segurança com que Jesus percorre aqueles caminhos que se tornaram tão perigosos. O Senhor não evita os problemas, nem é indiferente às situações difíceis que encontra. Pelo contrário, a sua missão é tornar transitáveis todos os caminhos deste mundo, remover os obstáculos que nos impedem de viver com a alegria e a confiança dos filhos de Deus.

Cada momento de oração é um convite a Jesus para que percorra os caminhos da nossa vida e entre, também, naquelas *cavernas* onde nós próprios nem ousamos assomar a cabeça. Pela mão de Jesus Cristo, se lhe pedimos para resolver os problemas que nos afligem, podemos «viver a própria vida como um contínuo entrar neste espaço aberto: tal é o

significado do ser batizado, do ser cristão»<sup>[1]</sup>. Em vez de cairmos no desânimo perante as misérias que nos estreitam a visão, podemos pedir com mais insistência a Jesus que nos dê a dimensão de um coração corajoso e apaixonado.

---

«QUE TEMOS nós a ver contigo, Filho de Deus, vieste aqui antes do tempo para nos atormentar?» (Mt 8, 29). Os demónios enfrentam, com estas palavras, a presença de Jesus. Embora o reconheçam como o Filho de Deus, reagem com medo e ódio. Esta atitude dá-nos uma pista sobre como lidar com as nossas próprias tentações e fraquezas quotidianas. Enquanto os endemoninhados preferem esconder-se na escuridão de uma caverna e dificultar o caminho de quem anda à sua volta, nós queremos estar diante da luz de Cristo, para que ele possa iluminar as nossas feridas e curá-las com o seu amor. «Estamos todos imersos nos problemas da vida e em muitas situações emaranhadas, chamados a enfrentar momentos e escolhas difíceis, que nos deitam abaixo. Mas se não quisermos ser esmagados, precisamos elevar tudo para o alto. E é precisamente isto o que a oração faz»<sup>[2]</sup>.

No diálogo íntimo com Cristo, revelamos-lhe o nosso rosto. Também nós podemos perguntar ao Senhor: «Que tenho eu a ver contigo? Que aspetos da minha vida posso manifestar na Tua presença?» Deste modo, ao dirigirmo-nos a Jesus com maior transparência, colocamo-nos diante do seu olhar, que não só é acolhedor, mas também transformador. Como aqueles pobres homens, todos nós trazemos no coração um desejo profundo de que a palavra de Cristo nos liberte.

É por isso que a franqueza e a sinceridade na oração são uma condição prévia, tão importante, para a sua eficácia. Jesus respeita sempre a nossa liberdade: não quer impor-se pela força. Mas, basta que lhe contemos um problema, que lhe mostremos uma fraqueza que não conseguimos eliminar, para que a sua luz entre no nosso coração e, com ela, também a paz. Assim, dá-nos a santidade de que precisamos para renovar todos os caminhos deste mundo com o seu amor. «Deus Nosso Senhor quer-te santo, para santificares os outros. E para isso é preciso que tu – com valentia e sinceridade – olhes para ti próprio, olhes para o Senhor Nosso Deus... e depois, só depois, olhes para o mundo»<sup>[3]</sup>.

---

«SE NOS expulsas, manda-nos para a vara de porcos» (Mt 8, 31), gritam a Jesus os endemoninhados. E ele, com todo o seu poder divino, pronuncia uma única palavra que muda completamente as suas vidas: «Ide» (Mt 8, 32). Na oração, não só vamos ao encontro de Jesus para lhe transmitir o que está no nosso coração, mas também esperamos a sua palavra salvadora. Sabemos que o Senhor não é amigo de raciocínios complexos, nem esconde a sua sabedoria em grandes discursos. Se tivermos a delicadeza de O escutar e se começarmos a nossa oração com uma atitude aberta, Cristo pode realizar na nossa biografia milagres tão grandes como a expulsão desses demónios.

Para que o Senhor atue na nossa vida e torne transitáveis os caminhos do nosso mundo interior, é preciso perseverança. A marca deixada pela oração não é a de uma chuva passageira, mas sim a de uma torrente que corre serena e firme. Todos os dias recorreremos à oração para confrontar os nossos desejos quotidianos com a vontade de Deus. É precisamente nesta combinação da nossa liberdade com a graça de Deus, da nossa sinceridade com a sua palavra, que acolhemos a semente que Jesus quer lançar em nós e que, pouco a pouco, se transformará numa árvore bem enraizada, forte e frondosa. «Certamente, a oração é um dom, que todavia é necessário acolher; é obra de Deus, mas exige o nosso compromisso e continuidade; sobretudo, a continuidade e a constância são importantes»<sup>[4]</sup>.

A Virgem Maria ensina-nos a filtrar todos os momentos da nossa vida através da oração, especialmente as dificuldades e as contradições. Depois de ter encontrado o menino Jesus no templo e de ter escutado a sua explicação, o evangelista conta que os seus pais não compreenderam o que ele lhes tinha dito. O sofrimento da perda estava ainda demasiado presente nas suas mentes. Mas Maria, em vez de se interrogar sobre os projetos de Deus, guardou no seu coração as palavras do seu Filho. Foi assim que ela se preparou para o duro momento da cruz.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 15/04/2006

[2] Francisco, Angelus, 09/01/2022

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 710.

[4] Bento XVI, Audiência geral, 30/11/2011

## Quinta-feira da XIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da XIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: os amigos do paralítico; a verdadeira amizade é um bem em si mesmo; preparar o terreno da amizade.*

### Sumário

- Os amigos do paralítico.
- A verdadeira amizade é um bem em si mesmo.
- Preparar o terreno da amizade.

---

«AS CIRCUNSTÂNCIAS atuais da evangelização tornam ainda mais necessário, se possível, dar prioridade ao trato pessoal, a este aspeto relacional que está no núcleo do modo de fazer apostolado que S. Josemaria encontrou nos relatos evangélicos»<sup>[1]</sup>, assinala o Prelado do Opus Dei. S. Mateus oferece-nos justamente um relato de autêntica amizade. Um grupo de amigos de um paralítico, movidos pelo amor que lhe têm e pela sua grande fé, empenham-se em levá-lo até Jesus, para que o cure. O Mestre comove-se com esse gesto, e não só vai curar o seu corpo como: «ao ver a fé daquela gente, disse ao paralítico: Filho, tem confiança; os teus pecados estão perdoados» (Mt 9, 2).

S. Marcos, no seu Evangelho, conta-nos também que havia tanta gente no lugar onde Jesus se encontrava, que não conseguiam aproximar-se d'Ele. Mas esta circunstância não os deteve. Com determinação e audácia, decidiram subir até ao cimo da casa e desceram a enxerga com o paralítico, fazendo uma abertura no teto, mesmo em frente do sítio onde estava Jesus. Podemos imaginar a surpresa da multidão. Assistiram estupefactos à queda de materiais do telhado e à descida da enxerga. Nem todos terão olhado com bons olhos esta manobra, especialmente os donos da casa ou aqueles que tinham conseguido entrar graças a uma longa espera. Mas a amizade era mais forte. Atuam com a segurança e com a liberdade de um amor que

os leva a atuar pensando no bem desse amigo, embora não do modo que todos esperavam.

O parálítico também demonstra uma grande capacidade de amizade, ao deixar-se ajudar e ao colocar-se nas mãos dos seus amigos. Tinha de confiar muito neles para se prestar a semelhante manobra. Jesus fica impressionado com a força dessa amizade e a audácia da sua fé. Por isso, ao contrário de outras vezes em que Jesus pede a fé daquele que vai ser curado, aqui põe acento na dos amigos. Esta cura revela até que ponto a verdadeira amizade é fonte de bênçãos divinas: «A amizade é um dos sentimentos humanos mais nobres e elevados que a Graça divina purifica e transfigura»<sup>[2]</sup>.

---

A GRAÇA pode potenciar muito a amizade abrindo a relação entre amigos ao âmbito da fé, da esperança e da caridade. Estas três virtudes manifestam-se na cena que estamos a considerar. «A ação de Cristo é uma resposta direta à fé daquelas pessoas, à esperança que n'Ele depositam, ao amor que manifestam uns pelos outros»<sup>[3]</sup>. Jesus curou ontem e continua a curar hoje. Mas a graça de Cristo «não cura simplesmente a paralisia, cura tudo, perdoa os pecados, renova a vida do parálítico e dos seus amigos. Faz nascer de novo (...) Imaginemos como esta amizade e a fé de todos os presentes naquela casa, cresceram graças ao gesto de Jesus»<sup>[4]</sup>.

«Para que este nosso mundo vá por um caminho cristão – o único que vale a pena –, temos de viver uma amizade leal com os homens, baseada numa prévia amizade leal com Deus»<sup>[5]</sup>, diz S. Josemaria. A amizade profunda com Cristo habitualmente manifesta-se com naturalidade, sem nos darmos conta, mediante a alegria e um desejo de servir que se exprime em mil pequenos gestos. «Este modo de transmitir o Evangelho tem uma particular eficácia, também por responder a uma realidade antropológica importante: o diálogo interpessoal no qual se procura transmitir ao outro o dom recebido. Este diálogo apostólico surge com naturalidade quando existe amizade sincera. Não se trata de uma instrumentalização da amizade, mas de tornar os amigos participantes do grande dom da fé e da amizade com Cristo»<sup>[6]</sup>.



Porque pode suceder o contrário, e quando algo tão valioso como a amizade com um filho ou uma filha de Deus é rebaixado a meio para conseguir uma meta pessoal, por mais elevada que seja, deixa sempre um travo amargo. Jesus admirava a verdadeira amizade porque Ele próprio a experimentou e continua a experimentá-la. Por isso, uma característica da amizade é a gratuidade: é-se amigo de alguém, não por poder conseguir alguma coisa, mas simplesmente por estimá-lo; cada um é feliz com a existência do outro e não quer nada mais que o seu bem.

---

A AMIZADE é sempre um presente. Não é algo que se possa programar ou calcular, mas pode ser fomentada. «Se uma pessoa manifesta nobremente os seus sentimentos e é leal, se sabe sacrificar-se pelos outros, no final sucede aquilo que escrevia S. João da Cruz: onde não há amor, põe amor e colherás amor. Também poderíamos dizer: onde não há amizade, põe os sentimentos nobres da amizade e colherás amizade»<sup>[7]</sup>. Também podemos crescer em disposições que nos tornam pessoas amáveis e fiáveis; com a nossa atitude podemos *preparar o terreno* para criar uma relação autêntica com os nossos amigos. «Ganhar em afabilidade, alegria, paciência, otimismo, delicadeza e em todas as virtudes que tornam amável o relacionamento, é importante para que as pessoas possam sentir-se acolhidas e ser felizes: "Palavras amáveis multiplicam os amigos, e a linguagem afável atrai muitas respostas agradáveis" (Sir 6, 5). A luta por melhorar o próprio carácter é condição necessária para que surjam mais facilmente relações de amizade»<sup>[8]</sup>.

Na filosofia clássica, considera-se que não se pode ser feliz sem amigos e S. Tomás comenta também que sem amigos não se pode alcançar a plenitude da felicidade. Um amigo é um dos maiores tesouros que podemos ter, mas é um tesouro que exige cuidado. Podemos pensar como teriam cuidado a amizade os que acompanhavam o paralítico do relato evangélico. De certeza que não terá sido sempre fácil e cómodo, mas afinal valeu a pena porque os levou perto de Cristo. Não basta simplesmente compartilhar momentos em comum, mas requer que um se faça ao outro: o que preocupa ou alegra um amigo é importante, porque também é meu. Podemos recorrer a Santa Maria para que nos ajude a ter um coração que, como o Seu, se faça um só com o dos nossos amigos.

---

## NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 9.

[2] Bento XVI, Audiência, 15/09/2010.

[3] Francisco, Audiência, 05/08/2020.

[4] *Ibid.*

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 943.

[6] Fernando Ocáriz, *Amar con obras: a Dios y a los demás*, “Amor a los demás y apostolado”.

[7] Beato Álvaro del Portillo, Tertúlia, 11/09/1979.

[8] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 01/09/2019, n. 9.

## Sexta-feira da XIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da XIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: seguir Jesus na sua aventura; manter o olhar em Cristo; reconhecer a nossa necessidade de Deus.*

### Sumário

- Seguir Jesus na sua aventura.
- Manter o olhar em Cristo.
- Reconhecer a nossa necessidade de Deus.

---

MATEUS DESCREVE assim a sua própria reação perante a chamada do Mestre: «Levantou-se e seguiu-O» (Mt 9, 9). A partir daquele momento, a sua vida será totalmente diferente da que levava antes. Encontra-o enquanto está sentado a cobrar impostos. Talvez o seu propósito fosse principalmente desfrutar das riquezas que ganhava. Com Jesus, no entanto, as suas prioridades de vida serão diferentes. É certo que até essa altura não gozava de grande fama entre os conterrâneos, mas o dinheiro e a estima das autoridades romanas compensavam a repulsa de muitas pessoas do seu povo. Contudo, diante do olhar e das palavras de Jesus, Mateus decide abandonar essas seguranças e lançar-se à aventura de seguir o Messias.

«Levantou-se». Não nos levantamos perante uma pessoa qualquer. É um gesto que manifesta reconhecimento por uma pessoa importante; significa interromper o que temos entre mãos para dedicar-lhe toda a atenção. Quando uma pessoa está em pé significa que está alerta, em condições de partir para aqui ou para ali. Mateus mostra-se preparado para fazer seja o que for por Jesus, porque graças a Deus e às suas disposições pessoais, a sua escala de valores modificou-se: o mais importante já não são as riquezas ou viver de modo confortável, mas dedicar todas as suas energias a Cristo.

S. Mateus provavelmente era consciente dos riscos que essa decisão comportava. Mas deixa também para trás a atitude de quem se empenha em fazer cálculos. A vida de todo o discípulo consiste em abrir-se a uma aventura divina, muitas vezes cheia de surpresas e de inseguranças. Seguir Jesus é caminhar atento às suas pegadas, sem saber exatamente onde nos vão levar, mas com a consciência de que a felicidade que Ele nos pode dar é muito maior do que as nossas previsões. «É necessário confiar n'Ele e dar um passo ao seu encontro, e arrancar de nós o medo de pensar que, se o fizermos, perderemos muitas coisas boas da vida. A capacidade que tem de nos surpreender é muito maior do que qualquer das nossas expectativas»<sup>[1]</sup>.

---

A RESPOSTA que S. Mateus deu a Jesus não é centrada em si próprio. Não se põe a pensar se está ou não preparado ou se, mais tarde, estará em melhores condições para tomar uma decisão. Talvez estivesse, de um modo misterioso, à espera de um chamamento como o que o Mestre lhe dirige. E para o descobrir em todo o seu brilho teve que olhar e escutar atentamente a Jesus, mais do que si mesmo. Pode sempre surgir a tentação de deixar de seguir Jesus e sentar-se a calcular os custos e benefícios, especialmente quando as coisas se tornam mais difíceis e pode parecer que não vale a pena o esforço.

Foi isso que aconteceu a Pedro quando caminhou sobre as águas. Enquanto manteve o olhar fixo em Jesus, foi capaz de se aguentar em pé e avançar. Mas assim que prestou atenção à sua fragilidade à força do vento, entrou no seu coração o medo e a insegurança, que quase acabam por afundá-lo. Ao seu grito – «Senhor, salva-me!» (Mt 14, 30) –, «Jesus estendeu a mão, segurou-o e disse-lhe: “Homem de pouca fé, porque duvidaste?”» (Mt 14, 31).

Seguir uma vocação tem algo de caminhar sobre as águas; de ir para lá das nossas próprias capacidades, confiados em que é o Senhor que faz as coisas e se encarrega das contas. Neste caminho, como é lógico, é indispensável o acompanhamento espiritual de quem nos pode aconselhar ou ajudar sempre no discernimento, e não só nas primeiras etapas da descoberta de uma chamada. «Serve ao teu Deus com retidão, sê-Lhe fiel... e não te preocupes com mais nada. Porque é uma grande verdade que, “se

procuras o Reino de Deus e a sua justiça, Ele te dará o resto – o material, os meios – por acréscimo”»<sup>[2]</sup>.

---

PARA FESTEJAR a resposta à chamada de Jesus, S. Mateus decide preparar uma refeição em sua casa. Estão ali presentes alguns publicanos como ele e outros que, aos olhos do povo, eram também considerados pecadores públicos. Daí que os fariseus, ao verem o Senhor a comer com os amigos de Mateus, perguntassem aos discípulos: «Porque é que o vosso Mestre come com os cobradores de impostos e os pecadores?» (Mt 9, 11). Mas Cristo, ao ouvir estas palavras, respondeu: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: *Prefiro a misericórdia ao sacrifício*. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mt 9, 12-13).

«Antes de tudo devemos reconhecer isto: nenhum de nós, entre todos nós que estamos aqui, pode dizer: “Eu não sou pecador”. Os fariseus afirmavam isto. E Jesus condena-os»<sup>[3]</sup>. Aceitarmo-nos como somos, com as nossas virtudes e defeitos, atrai-nos ao Senhor. Ele não se aproxima de nós por termos feito as coisas bem, mas porque somos pecadores que necessitamos da sua misericórdia. O primeiro passo para acolhermos o Senhor é reconhecer a necessidade que temos dele. Deste modo, enfrentarmos-nos com as nossas misérias pessoais pela mão de Cristo, sabendo que a experiência do pecado não nos fará duvidar da nossa missão. «O poder de Deus manifesta-se na nossa fraqueza – diz S. Josemaria –, e incita-nos a lutar, a combater os nossos defeitos, mesmo sabendo que nunca obteremos completamente a vitória durante este caminhar terreno. A vida cristã é um constante começar e recomeçar, uma renovação em cada dia»<sup>[4]</sup>.

Maria é mãe de misericórdia. Ela pode ajudar-nos a reconhecer os nossos pecados com um olhar maternal que não condena. E também nos alcançará do seu Filho a graça para lutar com esperança, sabendo que Jesus se nos manifesta «no esforço por sermos melhores, por realizarmos um amor que aspira a ser puro»<sup>[5]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, “*Dejarse sorprender por un Padre bueno*”, *La Estrella*, 25/01/2019.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 472.

[3] Francisco, Homilia, 07/07/2017.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 114.

[5] *Ibid.*

## Sábado da XIII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da XIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o banquete alegre entre Deus e o seu povo; um jejum que passa oculto; o vinho novo de Jesus.*

### Sumário

- O banquete alegre entre Deus e o seu povo.
- Um jejum que passa oculto.
- O vinho novo de Jesus.

---

JESUS NÃO ERA um mestre convencional. Chamava a atenção dos seus contemporâneos pela liberdade com que agia e pela autoridade com que ensinava. Os mestres de Israel da época, por sua vez, eram meticolosos com os preceitos que o povo de Israel vivia, a ponto de ensinarem uma casuística que nem sempre distinguia o essencial do acidental. Isso convertia-se, por vezes, num guia externo complexo, que devia ser aprendido e seguido. Mas os ensinamentos de Jesus têm um tom diferente: também continuador da tradição recebida pelo povo de Israel, as Suas ações não se limitavam simplesmente a seguir preceitos externos, nem o ensinava assim aos seus discípulos, mas procurava suscitar a conversão a partir do interior da pessoa.

Isto provocou, por exemplo, que vários se admirassem de que nem ele nem os seus discípulos jejuassem em certas ocasiões. Cristo responde aos seus interlocutores com uma imagem da época: «Podem os companheiros do esposo ficar de luto, enquanto o esposo estiver com eles?» (Mt 9, 15). Nos casamentos da altura, os íntimos do esposo tinham como tarefa promover o tom de alegria da festa. Até a lei dispensava os amigos do esposo de várias obrigações legais, se estas não favorecessem o ambiente alegre da festa de casamento. Com esta comparação, Jesus alude à Sua pessoa como o Esposo, e aos Seus discípulos como os "amigos do esposo". Ele trouxe a alegria da salvação ao mundo.

Deus quer a nossa felicidade, e não nos manda nada que nos desvie dessa meta. É verdade que, precisamente porque se trata de um objetivo ambicioso, muitas vezes custará esforços; outras vezes não compreenderemos os seus caminhos, que também podem contar com o sofrimento. Mas os preceitos de Deus guiam-nos para uma vida livre e feliz. «Um filósofo disse: “Não compreendo como se pode acreditar hoje, pois aqueles que dizem que acreditam têm cara de enterro. Eles não dão testemunho da alegria da ressurreição de Jesus Cristo”. Tantos cristãos com essa cara, sim, cara de enterro, cara de tristeza... Mas Cristo ressuscitou! Cristo ama-te! E não sentes alegria? Pensemos um pouco nisto e digamos: sinto alegria porque o Senhor está perto de mim, porque o Senhor me ama, porque o Senhor me redimiu?»<sup>[1]</sup>.

---

ESTA IMAGEM nupcial é também, na boca de Jesus, ocasião para um anúncio profético da Sua morte: «Dias virão em que o esposo lhes será tirado: nesses dias jejuarão» (Mt 9, 15). O Esposo arrebatado na Cruz, que encherá de luto o coração dos Seus discípulos, é a expressão mais consumada de qualquer jejum. No jejum, como na cruz, há luto e privação; mas ambos estão impregnados da alegria de cumprir a vontade de Deus e da esperança de uma vida nova. Por isso, o jejum não é somente privação, não acaba em si mesmo, mas está orientado a alimentar-se da vontade do Pai. «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra» (Jo 4, 34), disse também Jesus. Esta privação, este movimento inicial de renúncia a nós próprios, impede que o nosso coração fique agarrado às comodidades pessoais e ajudam-nos a manter a nossa sensibilidade espiritual desperta; assim poderemos descobrir e desfrutar dos bens de Deus.

Noutra altura, Jesus convida as pessoas a dar esmola, rezar e jejuar, sem mais ninguém saber, a não ser o Pai do céu. Também isto espantava alguns dos ouvintes da época, pois em muitos casos realizavam precisamente essas boas obras para conquistar a consideração dos outros. Jesus lembra-nos que o valor das ações não depende de como são vistas pelos olhares alheios. Em muitas ocasiões, Deus será o único a apreciar uma oração, um sacrifício ou um gesto de generosidade. E isso será suficiente. «O teu sorriso – escreve S. Josemaria – pode ser por vezes, para ti, a melhor mortificação e até a melhor



penitência: esse *alter alterius onera portate* (Gl 6, 2), aquele levar as cargas dos outros, procurando que a tua ajuda passe inadvertida, sem que te louvem, sem que ninguém a veja, e assim não perca o mérito diante de Deus»<sup>[2]</sup>. Deste modo, passando oculto, como o sal, o cristão condimenta todos os ambientes, conseguindo que «tudo seja sobrenaturalmente amável e saboroso»<sup>[3]</sup>.

---

«NEM SE deita vinho novo em odres velhos; aliás, os odres rebentam, derrama-se o vinho e perdem-se os odres. Mas deita-se o vinho novo em odres novos e assim ambas as coisas se conservam» (Mt 9, 17). O odre era uma bolsa de couro. Uma vez curtida bolsa, aplicava-se uma costura ao redor do couro, deixando apenas um buraco no gargalo, por onde o líquido era deitado para sua preservação. O vinho novo era derramado no odre e deixado a repousar. À medida que o vinho fermentava, a bolsa de couro esticava devido à emissão de gás. Mas se a pele era velha, ficava dura e perdia elasticidade. Se o vinho novo fosse derramado em um odre endurecido, a fermentação do vinho poderia rebentar o odre, perdendo-se tanto o odre como o vinho.

Jesus traz sempre o vinho novo. Esse vinho novo é o Espírito Santo, é a Boa Nova da redenção. E o sinal mais claro da presença do Espírito Santo na pessoa é a alegria. Não é por acaso que Jesus quis começar a Sua vida pública transformando a água num vinho de qualidade, no contexto de um banquete de casamento. Cristo veio para nos encher de uma vida que alegra o coração, como o vinho alegra um banquete. Mas esse vinho novo deve ser derramado em odres novos. Por isso, Jesus prepara os corações dos seus discípulos para que possam conter a força e a novidade da Sua vida divina.

Os ensinamentos de certos escribas e fariseus de Israel, com as suas casuísticas e a sua vigilância meramente externa, fazem as vezes de odres velhos. A vida nova do cristão tem um princípio interior que vai para lá disso. Para se encher de vinho novo, o coração deve aprender a escutar e ser dócil ao Espírito Santo, que é fonte de contínua renovação. Por isso, podemos pedir à Virgem Maria que nos dê um coração como o Seu, capaz de se abrir ao vinho novo que é a vida de Deus em nós.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 20/12/2020.

[2] S. Josemaria, *A sós com Deus*, n. 122.

[3] *Ibid.*

## XIV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XIV domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: recuperar a serenidade e a força; Jesus é o nosso descanso; ser descanso para os outros.*

### Sumário

- Recuperar a serenidade e a força.
- Jesus é o nosso descanso.
- Ser descanso para os outros.

---

EM CERTA OCASIÃO, Jesus dirigiu estas palavras aos Seus discípulos enquanto orava: «Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei.» (Mt 11, 28). É normal que muitas vezes procuremos formas de reparar o cansaço do dia a dia. Nesses momentos, o Senhor apresenta-Se como garantia para recuperar as forças e acalmar o espírito. Um momento de oração silenciosa com Ele pode ajudar-nos a apreciar de uma perspectiva diferente o que vivemos durante o dia: à luz dos olhos de Deus, que é Pai misericordioso, podemos ver cada um destes acontecimentos de modo diferente. É por isso que a oração tem algo de refúgio: junto ao Sacrário, muitas vezes as tensões diminuem, a raiva desaparece, recuperamos a calma e afastamos as nuvens que talvez obscureçam a nossa alegria.

«Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto e descansai um pouco» (Mc 6, 31), disse o Senhor noutro momento aos apóstolos, e diz-nos o mesmo a nós. Hoje, com o ritmo agitado de cada dia cheio de trabalho, com um ambiente muitas vezes cheio de ruído, essa desconexão pode ser considerada um belo ideal, mas praticamente irrealizável. Gostaríamos de nos afastar de tantos estímulos que exigem a nossa atenção para centrar-nos no essencial, mas percebemos que não é assim tão simples.

O Papa deu alguns conselhos muito específicos para facilitar este clima de recolhimento «Aprendamos a parar, a desligar o telemóvel, a contemplar a natureza, a regenerar-nos no diálogo com Deus»<sup>[1]</sup>. Assim como o descanso físico ajuda o corpo a recuperar, um fenómeno semelhante ocorre nos nossos corações e almas quando reservamos um tempo de silêncio para Deus, sem pressa. Ele nos ajudará a recuperar a alegria e a serenidade – se as tivéssemos perdido – e nos dará forças para lutar nas pequenas ou grandes batalhas de cada dia.

---

S. JOSEMARIA, numa meditação que dirigiu a alguns dos seus filhos em Roma, falou da fonte da nossa força. Com o passar dos anos, é normal que nos sintamos mais cansados depois de um dia de trabalho, ou então algum defeito recorrente, nosso ou alheio, nos pesa mais intensamente. Além disso, o aparecimento de uma doença pode tirar-nos as forças físicas e até enfraquecer-nos interiormente. Naquela época, o fundador do Opus Dei encorajava a procurar refúgio no contacto constante com Cristo. «Descobrireis como é fácil lutar, disse, vereis como tudo, tudo, tudo, até o que parecia debilidade, se transforma em fortaleza»<sup>[2]</sup>.

Essa atitude permite-nos viver esses contratempos de uma maneira diferente. Jesus, em geral, não faz os problemas desaparecerem magicamente, como se bastasse recorrer a Ele para ter uma vida sem sobressaltos. Ao procurar abrigo no Seu coração, os eventos externos não mudam necessariamente, mas aprendemos a ter uma perspectiva divina de tudo o que nos acontece. Mesmo aquilo que nos incomoda e que não compreendemos plenamente tem um significado que só podemos descobrir se confiarmos em Deus. «Só então poderemos contemplar as coisas com o Seu olhar, porque Ele vê para além da tempestade. Através desse Seu olhar sereno, podemos ver um panorama que, por nós mesmos, nem sequer é possível divisar»<sup>[3]</sup>.

---

O SENHOR conta connosco para ajudar a descansar as pessoas que nos rodeiam. Além disso, será Ele mesmo quem oferecerá conforto e encorajamento através da nossa humanidade, unida à Sua. Provavelmente também nós encontramos esse descanso na presença de um amigo que,

como Jesus, soube ouvir-nos e nos confortou com as suas palavras e gestos. É uma manifestação desse desejo de ser *ipse Christus* – o mesmo Cristo – que palpita na vida interior do cristão.

Às vezes, descansar os outros pode significar compartilhar o peso das suas preocupações e inquietações, assumir o fardo que os cansa ou oprime. Isso implica, às vezes, ir um pouco além dos nossos esquemas e ajustar os planos que tínhamos planeado fazer de maneira diferente. Uma atividade, então, fica em segundo plano para ajudar aquela pessoa que nos procura. Assim, o nosso coração torna-se mais semelhante ao de Jesus, que «tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores.» (Is 53, 4), que se dispôs a sofrer serenamente por nós até limites insuspeitados.

Quando recebemos a consolação de Cristo, sentimos o impulso de nos tornarmos repouso para os nossos irmãos. Ver que Jesus carregou com o nosso peso encoraja-nos a fazer o mesmo com os outros. A Virgem Maria nos ajudará a encontrar descanso no seu Filho e a dá-l'O aos que estão ao nosso redor. Ela, como mãe, reconhece imediatamente quando estamos cansados ou sobrecarregados e diz-nos: «Não estou aqui eu, que sou tua mãe?»<sup>[4]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Angelus*, 18/07/2021.

[2] S. Josemaria, *Mientras nos hablaba en el camino*, n. 174.

[3] Francisco, *Audiência*, 10/11/2021.

[4] Palavras que a Virgem de Guadalupe dirigiu a Juan Diego em 12/12/1531.

## Segunda-feira da XIV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da XIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a súplica de Jairo; a descrição de uma mulher; uma oração perseverante.*

### Sumário

- A súplica de Jairo.
- A descrição de uma mulher.
- Uma oração perseverante.

---

JAIRO é um homem importante na cidade. As pessoas têm por ele respeito e afeto. Hoje, porém, é talvez o dia mais triste da sua vida: acaba de ver morrer a sua filha. Ela sofria há algum tempo de uma doença que, apesar de todos os tratamentos, não fora possível curar. O desfecho, para muitos, era mais que previsível. Enquanto as pessoas chegam a sua casa para o último adeus à menina, Jairo dá-se conta de que ainda não está tudo perdido. Ouviu falar de um homem que realiza milagres: seguramente Ele pode fazer algo. Por isso, com determinação, vai procurá-lo. Quando O encontra, prostra-se diante d'Ele e, em tom suplicante, diz-Lhe: «A minha filha acaba de morrer, mas vem, põe a tua mão sobre ela e viverá» (Mt 9, 18).

Há um abismo de pesar e um abismo de esperança na frase breve e contundente daquele magistrado. À terrível notícia inicial – «a minha filha acaba de morrer» – segue-se um apelo que, na realidade, quase parece uma ordem: «Vem, põe a tua mão sobre ela». Trata-se de uma súplica imperiosa que nasce da fé, da confiança na onipotência de Jesus. Por isso encerra o seu pedido com uma certeza: «E viverá». Estes três acordes da oração de Jairo podem ser também um modelo para a nossa. Aquele homem desafiou o senso comum quando interpelou o Senhor, e fê-lo porque estava convencido de que o milagre era possível.

«Todas as coisas têm o seu tempo – comentava numa ocasião S. Josemaria –. O Senhor conhece perfeitamente as nossas necessidades, mas quer que Lhe peçamos com aquela insistência das personagens do Evangelho»<sup>[1]</sup>. Jesus deve ter-Se comovido ao ouvir essa súplica de Jairo, cheia de fé. Por isso levantou-Se e, acompanhado pelos seus discípulos, dirigiu-Se à casa daquele homem. Não sabemos até que ponto o Senhor é sensível aos nossos problemas e aos pedidos que Lhe apresentamos, mas podemos ter a certeza de que os conhece melhor do que nós próprios. No entanto, quis que participássemos nas suas obras através da nossa oração de petição; por outro lado, pedir a Deus que aumente a nossa fé, introduz-nos pouco a pouco no mistério da vontade divina.

---

ENQUANTO Jesus Se dirigia à casa de Jairo, aproximou-se discretamente d’Ele uma mulher doente. S. Mateus especifica que sofria de um fluxo de sangue havia doze anos. Durante esse tempo, ela também tinha gasto todo o seu dinheiro para encontrar uma cura, sem resultado algum. Ao contemplar esta cena, parece razoável pensar que ela se tenha dirigido muitas vezes a Deus, pedindo uma solução. Nesta ocasião, intuiu que Jesus podia conceder-lhe aquilo que ela tanto desejava e, «aproximou-se por detrás d’Ele e tocou na orla do seu manto, pois dizia para consigo: “Ainda que eu toque somente no seu manto, ficarei curada”» (Mt 9, 20-21).

O Senhor, ao notar a força que tinha saído d’Ele, «voltou-Se e, olhando para ela, disse-lhe: “Tem confiança, filha, a tua fé te salvou”» (Mt 9, 22). Aquela mulher, ao contrário de Jairo, não se tinha atrevido a apresentar o seu pedido. Talvez a doença de que sofria lhe provocasse vergonha, e não se sentia com forças para explicar diante de todos os presentes o mal de que padecia. Em vez disso, realizou um gesto que, humanamente falando, não parecia fazer muito sentido, mas que demonstrava uma fé audaz: tocar no manto de Jesus. E o que todos os tratamentos da época não tinham conseguido resolver, fê-lo um ousado e discreto ato de fé.

«Disto depreendemos que no caminho do Senhor todos são admitidos: ninguém deve sentir-se um intruso, um ilegal ou alguém sem direitos. Para ter acesso ao seu coração, ao Coração de Jesus, só existe uma condição: sentir-se necessitado de cura e confiar n’Ele»<sup>[2]</sup>. Quais são as minhas

doenças interiores, aquelas que, como a hemorroíssa, talvez não me atreva sequer a pensar ou exteriorizar? Acredito que Deus tem a força suficiente para me curar, se isso for o melhor para mim? A filha de Jairo e esta mulher são uma prova mais de que o Senhor não veio para os justos, mas para os pecadores (cf. Lc 5, 32).

---

QUANDO Jesus chegou à casa de Jairo, «viu os tocadores de flauta e uma multidão de gente que fazia muito barulho». Dirigindo-Se a todos os presentes, disse-lhes: «Retirai-vos; a menina não está morta, mas dorme». O evangelista regista a reação da multidão: «Riam-se d'Ele» (Mt 9, 23-24). Provavelmente Jairo ter-se-á sentido desanimado ao ouvir aquelas gargalhadas. No seu interior, num primeiro momento pensaria que, efetivamente, a situação não fazia muito sentido: a sua filha tinha morrido e não havia nada a fazer. Mas rapidamente voltaria a renovar a sua fé e a perseverar na sua petição. Decidiu secundar as palavras do Mestre: mandou sair todos os convidados, fez entrar Jesus no quarto da sua filha e Ele, tomando-a pela mão, fez o milagre: «A menina levantou-se» (Mt 9, 25).

Por vezes, quando fazemos um pedido ao Senhor, podemos experimentar, como Jairo, momentos de desespero. Vemos que a nossa súplica não dá frutos imediatos e que, inclusivamente, outras pessoas não levam a sério a nossa fé. Mas Deus conta muitas vezes com a confiança perseverante nas nossas preces, porque sabe melhor do que nós o quanto nos fortalece esse empenho, como se purifica o nosso coração nessa esperança. De facto, muitas vezes esse será o verdadeiro milagre, talvez menos vistoso, mas mais profundo. Daí que uma característica da oração seja a tenacidade. «Deus é mais paciente do que nós, e quem bate à porta do seu coração com fé e perseverança não fica desiludido. Deus responde sempre. Sempre. O nosso Pai sabe bem do que precisamos; a insistência não serve para O informar ou convencer, mas para alimentar em nós o desejo e a expectativa»<sup>[3]</sup>.

Tanto Jairo como a mulher doente mostram-nos o caminho para o coração do Senhor: uma insistente e humilde oração de petição. Este homem fá-lo de forma explícita e clara; a mulher de um modo discreto, mas corajoso. Ambos conquistam Jesus com o reconhecimento da sua



necessidade, com a sua audácia e a sua fé. A Virgem Maria poderá ajudar-nos a apresentar assim as nossas súplicas ao seu Filho.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, Apontamentos tomados numa reunião de família, 02/01/1971.

[2] Francisco, Angelus, 01/07/2018.

[3] Francisco, Audiência, 11/11/2020.

## Terça-feira da XIV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da XIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Um amor pessoal por entre a multidão; rezar muito unidos aos nossos irmãos; partilhar com Deus os problemas dos outros.*

### Sumário

- Um amor pessoal por entre a multidão.
- Rezar muito unidos aos nossos irmãos.
- Partilhar com Deus os problemas dos outros.

---

A MULTIDÃO é, entre outros, um protagonista na vida de Jesus. Em diversas ocasiões lemos que essas multidões o escutam junto das margens do lago de Tiberíades ou na encosta do monte próximo. Apresentam-lhe doentes, beneficiam dos seus milagres ou então aclamam-no quando se aproxima de Jerusalém. E nessas concentrações, que às vezes reúnem milhares de pessoas, o Senhor vê cada alma de um modo único. Toda aquela gente não o impede de demonstrar o seu amor por cada homem, por cada mulher. Os evangelistas dão conta inclusivamente como se compadecia ao dirigir o seu olhar a todas aquelas pessoas «maltratadas e abatidas como ovelhas sem pastor» (Mt 9, 36).

«O amor de Cristo urge-nos – escreveu S. Paulo –, ao pensar que um só morreu por todos e, portanto, todos morreram (2Cor 5, 14). Saber que Jesus ofereceu a salvação a todos os homens leva-nos a meter-nos no meio da multidão para anunciar esta boa nova». Urge-nos a caridade de Cristo para tomarmos sobre os nossos ombros uma parte dessa tarefa divina de resgatar as almas (...). Daí, o desejo veemente de nos considerarmos corredutores com Cristo, de salvar com Ele todas as almas»<sup>[1]</sup>, com a firme convicção de que o melhor apostolado é o nosso testemunho de uma vida cheia da alegria do Evangelho.

Cruzamo-nos diariamente com um grande número de pessoas, além daqueles que nos são mais próximos da nossa família, quer seja na rua, nos transportes públicos ou no nosso local de trabalho. Também através da *internet* e de outros meios de comunicação nos chegam notícias de outras pessoas. Todas elas fazem parte da nossa própria família: somos filhos do mesmo Pai, habitantes do mesmo mundo, todos chamados a alcançar a mesma Pátria. Cada encontro é ocasião para lhes dirigir esse mesmo olhar de Jesus, rezar por elas, compadecermo-nos das suas dificuldades e oferecer a nossa alegria e a nossa paz.

---

S. JOSEMARIA lembrou em certa ocasião como o Senhor tem o coração e os olhos postos nas pessoas, em todos os homens, sem excluir ninguém. E acrescentava: «Não devemos esquecer a lição de que não podemos ser intransigentes com as pessoas. Com a doutrina, sim. Com as pessoas nunca! Atuando deste modo seremos necessariamente – essa é a nossa vocação – sal e luz, mas no meio da multidão. De vezes em quando sairemos da barca ou nos afastaremos para um monte com Jesus, mas o normal será viver e trabalhar com as pessoas como qualquer outro»<sup>[2]</sup>.

O facto de que muitas orações que rezamos estejam escritas na primeira pessoa – nós próprios – está relacionado com esse vínculo que nos une a todos os homens. É significativo que as duas primeiras palavras da oração que Jesus nos ensinou, quando os apóstolos lhe perguntaram como podiam rezar, sejam «Pai» e «nosso». Dirigimo-nos a Deus, que é Pai de todos os homens, e fazemo-lo junto com o próprio Jesus, que é Filho e homem como nós, unidos a todos os homens e mulheres de toda a humanidade. E o que pedimos nessa oração não é só uma súplica isolada, mas sim algo que também apresentamos em nome dos nossos irmãos, *o pão nosso* de cada dia *nos dai* hoje, *perdoai-nos as nossas* ofensas, *não nos deixeis* cair, *livrai-nos* de todo mal...

Sermos conscientes dessa dimensão do «nós» em tantas orações pode ser um modo de reforçar os laços que nos unem aos outros, de somar a nossa prece a todos. Deste modo, desenvolveremos um amor apaixonado pelo mundo, pois esse é o âmbito do nosso encontro com Deus e é o nosso caminho para a santidade. «Todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo e

Cristo é de Deus» (1Cor 3, 22-23), escrevia S. Paulo. Perante esta realidade, «alegramo-nos com as alegrias dos outros, desfrutamos de todas as coisas que nos rodeiam e sentimo-nos interpelados pelos desafios do nosso tempo»<sup>[3]</sup>.

---

PODEMOS imaginar que Jesus, quando se retirava para um lugar afastado para rezar, falaria com o seu Pai dos rostos com que se tinha cruzado durante o dia: os doentes e necessitados que se teriam aproximado dele, os apóstolos que lhe teriam apresentado os seus sonhos e os seus medos, os fariseus que lhe teriam dirigido perguntas sinceras ou menos sinceras... Do mesmo modo, na nossa oração podemos partilhar com Deus as aspirações e inquietações das pessoas que conhecemos: familiares, amigos, colegas de trabalho... Também daqueles que nos causaram alguma contrariedade ou temos conhecimento de estão a sofrer. Porque quando oramos, embora se trate de um diálogo íntimo com Deus, não ficamos apenas com os nossos problemas pessoais; não podemos deixar de lado o mundo em que vivemos, os problemas dos outros ocupam também o nosso coração, porque ocupam o de Cristo, o da Igreja. Esta dimensão da oração faz parte da nossa alma sacerdotal.

«Cristo não passou imune ao lado das misérias do mundo: de cada vez que se dava conta de um estado de solidão, de uma dor do corpo ou do espírito, sentia uma forte compaixão, como as entranhas de uma mãe»<sup>[4]</sup>. Por exemplo, quando em Naim o rodeava uma multidão, fixou-se na dor de uma viúva que acabava de perder o seu filho único (cf. Lc 1, 11-12). Provavelmente no lar de Nazaré Jesus teria sido testemunha de olhares cheios de compaixão de Maria e José. Não terá sido em vão que a sua Mãe foi a única que no meio do alvoroço de uma boda multitudinária, se deu conta de estava a faltar o vinho. Certamente se compadeceu ao imaginar o desgosto que isto causaria aos recém-casados, por isso não duvidou em tomar a decisão de se dirigir ao seu Filho para que atuasse. Podemos pedir esse mesmo olhar, esse coração atento às dores dos outros, atento em detetar as dificuldades das pessoas que nos rodeiam para as apresentar com confiança a Jesus.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 120-121.

[2] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, p.161.

[3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022.

[4] Francisco, Audiência, 13/02/2019.

## Quarta-feira da XIV semana do Tempo Comum

- *A segurança do chamamento.*
  - *Uma estrela que marca o norte.*
  - *O impulso do Espírito Santo.*
- 

*ENTRE os Doze Apóstolos escolhidos por Jesus, encontramos pessoas com todo o tipo de histórias. Cada um tinha o seu passado, o seu ambiente particular e a sua maneira de ser. Alguns eram mais impulsivos ou entusiastas, outros mais introvertidos ou reflexivos. Alguns provinham de contextos que interpretavam a Lei de forma mais rigorosa, enquanto outros talvez não a conhecessem com muita profundidade antes de se encontrarem com Jesus. Mas todos receberam a mesma missão: anunciar a chegada do Reino de Deus. E para isso, o Senhor deu-lhes o poder de expulsarem demónios e de curarem doenças (cf. Mt 10, 1-7), e progressivamente os foi formando.*

*A maior parte dos Apóstolos não tinha uma especial preparação intelectual para levar a cabo aquela missão. Em geral, os Evangelhos mostram-nos que eram homens simples. Às vezes, não compreendiam os exemplos e as parábolas mais elementares que o Senhor lhes apresentava, outras vezes, envolviam-se em discussões superficiais. Contudo, uma coisa era clara para eles: tinham sido escolhidos por Jesus Cristo. Ser apóstolo não é questão de ter umas condições excepcionais, mas sim de acolher o chamamento de Jesus, de se abrir ao Seu dom e contribuir para o fazer frutificar na sua própria vida.*

*Os Doze tinham encontrado Jesus Cristo e tinham descoberto um tesouro pelo qual valia a pena dar toda a vida. Por isso, sentiam a necessidade de espalhar este fogo a todos os seus contemporâneos. «O bem tende sempre a ser comunicado. Toda a experiência autêntica da verdade e da beleza procura por si mesma a sua expansão»<sup>[1]</sup>. E isso acontece porque tem uma característica natural que atrai os seres humanos de todas as épocas: a santidade comunica-se por atração. Conscientes da beleza do*

dom recebido, podemos exclamar com o salmista: «Aqui estou, Senhor, para fazer a Tua vontade» (cf. Sl 40, 8-9).

---

S. JOSEMARIA, ao considerar a missão de um apóstolo, costumava sublinhar a importância de não perder de vista o sentido último, pelo qual se trabalha: «Não vos esqueçais, meus filhos, de que não somos almas que se unem a outras almas para fazer uma coisa boa. Isso é muito... mas é pouco. Somos apóstolos que cumprimos um mandato imperativo de Cristo»<sup>[2]</sup>. Esta certeza de que estamos a trabalhar por um ideal muito maior do que aquilo que à primeira vista podemos entender ilumina as possíveis dificuldades que poderemos encontrar. Deus nunca nos vai enviar uma coisa que não seja para o nosso bem, nada que, mesmo feito provavelmente de luzes e sombras ao longo do caminho, não redunde, no final, para a nossa felicidade.

Qualquer projeto humano grande é feito de pequenas tarefas que, em muitas ocasiões, envolvem sacrifícios. Perante uma dificuldade, podemos ter a impressão de que o esforço não vale a pena, e assim, perdermos o entusiasmo. Mas se elevarmos o olhar, aperceber-nos-emos de que a nossa missão é muito maior e mais esperançosa do que aquele trabalho concreto que nos custa fazer. Porque ser apóstolo não é uma questão de realizar com maior ou menor perfeição um encargo concreto, é sim uma realidade que constitui a nossa mais profunda identidade. Haverá momentos de escuridão, mas a estrela que marca o norte continuará sempre a brilhar: a vida do apóstolo tem sempre uma razão, uma luz que o guia. Onde quer que se encontre, não estará apenas a fazer «coisas boas», mas estará a difundir o Evangelho de Cristo, com o seu testemunho pessoal.

---

DURANTE os anos junto de Jesus, os Apóstolos tinham ficado entusiasmados com os milagres que faziam e com as conversões que tinham propiciado. No entanto, o entusiasmo inicial acabaria por dar lugar à dúvida, quando viram que o Senhor ia ser condenado à morte. Até mesmo depois, quando já sabiam que Cristo tinha ressuscitado, continuavam sem sair de casa com medo dos judeus. Foi só com a vinda do Espírito Santo,

no Pentecostes, que receberam um novo dom, o qual iria dar força à sua missão.

Foi o impulso do Paráclito que os levou a superar os seus medos e a pôr-se ao serviço dos outros. Esta primeira evangelização não consistiu numa estratégia humana infalível, mas na «própria força do Espírito Santo, Caridade incriada»<sup>[3]</sup>. De facto, «nenhuma motivação será suficiente se o fogo do Espírito não arder nos nossos corações». Daí que, «para mantermos viva a paixão missionária, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele "vem em auxílio da nossa fraqueza" (Rm 8, 26). Mas esta confiança generosa tem de se alimentar e, para isso, precisamos de O invocar constantemente»<sup>[4]</sup>.

Também nós, na nossa missão apostólica, podemos talvez notar que o entusiasmo sensível inicial se vai apagando pouco a pouco. Não há nada de errado nisso: é humano, e os santos são os primeiros a experimentá-lo. Passaremos por momentos em que teremos um desejo ardente de pegar o fogo de Cristo aos outros, e experimentaremos também outros em que nos sentimos um pouco mais frios. Em qualquer caso, se estivermos dispostos a deixar-nos transformar pelo Espírito Santo, pouco a pouco, Ele nos dará um coração como o de Cristo, e a missão apostólica se tornará o centro da nossa existência. Podemos pedir a Maria que, como ela, saibamos escutar as inspirações que o Paráclito nos infunde em cada dia.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 9.

[2] S. Josemaria, *Instrução 19/03/1934*, n. 27.

[3] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 14/02/2017, n. 9.

[4] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 261 e 280, respetivamente.

## Sumário



## Quinta-feira da XIV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da XIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: um dom gratuito; a lógica da amizade; sede de chegar ao mundo inteiro.*

### Sumário

- Um dom gratuito.
- A lógica da amizade.
- Sede de chegar ao mundo inteiro.

---

UMA das características que marcaram a vida dos Apóstolos foi vivenciar a entrega generosa de Jesus a cada pessoa, sem exigir nada em troca. Tinha-lhes dito: «Recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10, 8). Sentiam-se felizes por terem partilhado tanto tempo com Jesus e por terem aceitado a chamada para espalhar o seu Evangelho pelo mundo. Não era algo que merecessem, nem algo que tivessem ganho com o próprio esforço: era apenas um dom gratuito que Deus lhes tinha dado.

A vida dos primeiros cristãos caracterizou-se também por esta gratuidade. Eram «um só coração e uma só alma» (At 4, 32), o que os levava ao cuidado recíproco. Não hesitavam em pôr à disposição os seus próprios bens para atender às necessidades da Igreja e dos mais pobres. Todos estavam dispostos a ajudar os necessitados, porque agora eram todos apóstolos: com a sua própria vida de entrega, com a sua hospitalidade, com ajudas materiais, ou pondo-se ao serviço dos que organizavam essa primeira evangelização, como os companheiros de viagem de S. Paulo.

Esta mesma imagem projeta-se também na Igreja de hoje. Leigos, sacerdotes e religiosos que vivem para nos lembrar, com o seu testemunho ou com os sacramentos, que Deus vive entre os homens. Doentes e idosos que, em nome de todos, unem as suas doenças e limitações ao sofrimento do Senhor. Homens e mulheres que, com a sua generosidade, contribuem

para o cuidado dos mais necessitados. Pais e mães que fazem da sua casa uma escola de amor, como a da Sagrada Família, para o bem de toda a sociedade. Cada um, no seu lugar, procura encarnar a missão a que Deus o chamou e deseja comunicar gratuitamente o dom que recebeu sem o merecer.

---

A LÓGICA da gratuidade vivida por Cristo está presente em qualquer relação de amizade. Uma pessoa que fizesse uma contabilidade de tudo o que fez por alguém, para poder exigir algo em troca, dificilmente poderia ser considerada amiga. Criar uma boa amizade implica «muito tempo a falar, a estar juntos, a conhecer-se»<sup>[1]</sup>, sem nos preocuparmos demasiado com o que damos ou recebemos. É, portanto, o contrário do egoísmo: procura sempre em primeiro lugar o bem do outro, é sensível às suas necessidades. Assinalava S. Josemaria: «Um propósito firme na amizade: que no meu pensamento, nas minhas palavras, nas minhas obras para com o próximo – seja ele quem for –, não me comporte como até agora, quer dizer, que nunca deixe de praticar a caridade, que nunca dê entrada na minha alma à indiferença»<sup>[2]</sup>.

É próprio da amizade dar ao outro o melhor que temos. É o que um bom amigo ou amiga naturalmente deseja. Quem experimentou o autêntico contacto com Cristo sabe que o dom mais precioso que tem é precisamente esse, o dom de ter conhecido Jesus. Por isso, o apostolado não é algo forçado, mas espontâneo, manifestação do afeto que temos por uma pessoa, conscientes da sua situação concreta. É por isso que «a própria amizade é apostolado. A própria amizade é um diálogo, em que damos e recebemos luz; em que surgem projetos, numa mútua abertura de horizontes, em que nos alegramos pelo que é bom e nos apoiamos no que é difícil; em que passamos bons momentos porque Deus nos quer contentes»<sup>[3]</sup>. Podemos interrogar-nos: como cuido dos meus amigos? As minhas amizades são realidades onde dou e recebo o amor de Cristo através dos outros? A minha experiência de Deus é a coisa mais valiosa que posso partilhar com as pessoas de quem mais gosto?

---

OS APÓSTOLOS não se contentaram em anunciar o Evangelho apenas aos que lhes eram mais próximos. Tinham recebido de Jesus o mandato de o difundir por todo o mundo, mas podemos pensar que, mesmo antes, já sentiam essa necessidade. Uma mensagem tão crucial para a própria vida, um acontecimento que muda o sentido da existência, não podia limitar-se aos territórios próximos de Israel.

Durante as suas viagens, S. Paulo sentia como o seu coração se inflamava ao sentir a sede de Deus à sua volta. S. Lucas conta que em Atenas, enquanto esperava os seus companheiros, «o seu espírito afligia-se no seu interior ao ver a cidade cheia de ídolos» (At 17, 16). Em primeiro lugar foi – como era seu hábito – à sinagoga. Mas não era suficiente e, logo que pôde, foi também à *ágora*, até que os próprios atenienses lhe pediram que se dirigisse a todos para expor «que nova doutrina é essa que pregas» (At 17, 19).

À nossa volta, há também muitas pessoas que têm sede de um Deus que não conhecem. Todos nós, de uma forma mais ou menos velada, andamos à procura de Deus, todos nós trazemos dentro de nós esta saudade do nosso Pai do Céu. Com o testemunho de uma vida cheia da alegria do Evangelho, podemos anunciar Cristo através do exercício das nossas próprias tarefas<sup>[4]</sup>. Neste sentido, S. Josemaria descrevia o apostolado das suas filhas e filhos como «uma injeção intravenosa na corrente sanguínea da sociedade»<sup>[5]</sup>: na fábrica, no laboratório, na oficina, na própria casa, nas pequenas e grandes cidades... Em todos esses lugares podemos mostrar o rosto de Nosso Senhor através da amizade sincera. A Virgem Maria ajudar-nos-á a ter o mesmo desejo dos apóstolos de levar o Evangelho a todos os que nos rodeiam.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Entrevista, 13/09/2015.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 748.

[3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 14.

[4] cf. Concilio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 31.

[5] S. Josemaria, *Instrucción*, 19/03/1934, n. 42.

## Sexta-feira da XIV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da XIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus age com simplicidade; o refúgio do olhar divino; amar aqui e agora.*

### Sumário

- Deus age com simplicidade.
- O refúgio do olhar divino.
- Amar aqui e agora.

---

JESUS CONHECIA profundamente os Apóstolos. Passara longas horas a falar com eles, a caminhar e a rezar. Conhecia os sonhos e os medos que ocupavam os seus corações. Embora algum deles quisesse aparentar uma forma de ser que não correspondia à sua personalidade, Jesus conhecia as virtudes e os defeitos de cada um. Talvez por isso, quando os envia a pregar, encoraja-os a cumprir a sua missão, evitando estratégias complexas e o desejo de aparecer. Para levar Jesus ao coração dos outros, deviam ser «simples como as pombas» (Mt 10, 16).

No entanto, às vezes, pode acontecer que a nossa relação com Deus seja um pouco complexa. Sentimos que não descobrimos bem o que Ele quer de nós ou sentimo-nos um pouco apagados quando tentamos falar com Ele. Mesmo que procuremos refletir sobre os acontecimentos do dia ou discernir os sentimentos que invadem o coração, parece que não conseguimos sintonizar com o Senhor. Desejaríamos então que a oração fosse mais simples e os nossos raciocínios mais diretos. Ansiamos por possuir essa simplicidade que é capaz de iluminar a mente e aligeirar a alma.

De qualquer modo, convém lembrar que a complicação não vem de Deus. Desde que o diabo tentou Adão e Eva, ele continua a tentar dar-nos uma leitura distorcida da realidade: joga com os nossos medos para nos angustiar em relação ao futuro, ou para imaginarmos intenções rebuscadas

nas palavras e nas ações dos outros. É esta a sua armadilha, que torna mais difícil perceber onde está o bem. Mas Jesus mostrou-nos que a vida cristã é muito mais simples do que por vezes imaginamos. Pensamos que é preciso fazer raciocínios complicados para descobrir a sua vontade, quando, na verdade, ela se apresenta nas coisas comuns da vida. «Ele age sempre na simplicidade: na simplicidade, na casa de Nazaré, na simplicidade do trabalho de todos os dias, na simplicidade da oração»<sup>[1]</sup>.

---

TENTAR entrar no olhar de Deus através da oração ajudar-nos-á a ver o mundo e a nós próprios, com olhos cada vez mais simples. O facto de nos sabermos olhados por Ele dá-nos segurança: compreendemos que Deus nos ama na nossa verdade, no bem de que somos capazes aqui e agora, e que tudo o resto tem uma importância relativa. Por outro lado, longe desse olhar, sentimos a necessidade de esconder a nossa fragilidade ou de parecer algo que não somos. Quem se refugia neste olhar de amor, quem encontra o seu fundamento em Deus, goza da serenidade dos simples, porque não depende das muitas circunstâncias que, em última análise, escapam ao controlo, ou que já não podemos mudar. «Somos da verdade – diz S. João – e, na sua presença, sentir-se-á tranquilo o nosso coração» (1Jo 3, 19).

S. Josemaria resumia em duas palavras as razões que levam um cristão a fazer oração: «conhecê-l'O e conhecer-te»<sup>[2]</sup>. Com efeito, os nossos momentos de conversa com Deus são o momento oportuno para obter essa visão serena dos problemas e de nós próprios, para que o emaranhado dos nossos pensamentos se possa desfazer pela graça divina. Neste caminho, também nos ajudarão as orientações que podemos receber no acompanhamento espiritual ou nos meios de formação. Confiar em alguém que nos conhece pode ajudar-nos a descomplicar a realidade e a minimizar essa voz interior que muitas vezes se empenha em retorcer os nossos pensamentos.

S. Josemaria dizia que uma das características da formação cristã que se oferece no Opus Dei é precisamente a simplicidade: «A nossa ascese tem a simplicidade do Evangelho. Complicá-la-íamos se fôssemos complicados, se deixássemos o nosso coração às escuras»<sup>[3]</sup>. Toda a ajuda externa que recebemos leva-nos geralmente a aceitarmo-nos tal como Deus nos fez.

Assim, compreendemos o bem concreto que podemos fazer hoje e agora, sem pensar que precisamos de uma realidade diferente para sermos santos.

---

A DIFICULDADE de sermos simples e de nos abandonarmos nas mãos de Deus pode ter várias causas relacionadas com o nosso modo de ser: o perfeccionismo, que leva à frustração por não atingirmos os objetivos propostos e à paralisia por medo de errar; o sentimentalismo, que se orienta sobretudo pela primeira e superficial ressonância que algo gera dentro de nós; o voluntarismo, que reflete pouco e encontra satisfação no simples ato de cumprir... Além disso, o ritmo de trabalho nem sempre facilita a situação: ao podermos fazer mais coisas cada dia, as decisões que temos de tomar aumentam; as prioridades nem sempre se apresentam com clareza; a competitividade social introduz por vezes ambições que acabam por pesar na alma... Gostaríamos de viver uma vida simples, mas parece que a realidade é demasiado complicada para nos podermos permitir fazê-lo.

Perante este panorama, S. Josemaria convida-nos a ocupar-nos do presente, que é o momento oportuno para a nossa santidade. Afinal, é o único momento em que podemos receber a graça de Deus: «Porta-te bem “agora”, sem te lembrares do “ontem”, que já passou, e sem te preocupares com o “amanhã”, que não sabes se chegará para ti»<sup>[4]</sup>. De facto, o passado ou o futuro podem acabar por se tornar pesos que nos impedem de discernir claramente a vontade do Senhor. Ele próprio nos diz: «Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema» (Mt 6, 33).

Concentrarmo-nos numa tarefa, sem nos preocuparmos demasiado com o que os outros vão pensar ou com o efeito que ela terá na nossa vida, ajudar-nos-á a focar a vontade e a tirar melhor partido dos nossos talentos. É claro que também é necessário ponderar os acontecimentos passados e planear o futuro, mas isso não nos deve impedir de, de mãos dadas com Deus, nos concentrarmos em amar aqui e agora, porque o amor só pode ser dado e recebido no momento presente. A Virgem Maria, que se abandonou com simplicidade nos planos de Deus, pode ajudar-nos a viver cada instante como o momento exato para amar a Deus e aos outros.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Meditações matutinas*, 16/03/2020.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 91.

[3] cf. *Cuadernos* 3, p. 149 (AGP, biblioteca P07).

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 253.



## Sábado da XIV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da XIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus conhece as nossas lutas; chamar as coisas pelo seu nome; sinceridade na direção espiritual.*

### Sumário

- Deus conhece as nossas lutas.
- Chamar as coisas pelo seu nome.
- Sinceridade na direção espiritual.

---

DURANTE a sua passagem pela terra, Jesus conheceu muita gente simples que lhe contava com sinceridade o que trazia no coração. Contudo, também se encontrou com outros que não manifestavam o mesmo amor pela verdade; talvez realizassem boas obras, mas as suas intenções nem sempre eram as mais retas. Por isso, o Senhor em certa ocasião exclamou: «Nada há encoberto que não se venha a descobrir, nem oculto que não venha a saber-se» (Mt 10, 26).

Cristo sabe perfeitamente como somos. Para Ele, não há maquilhagem que disfarce os nossos defeitos nem que exalte as nossas virtudes: quer que a nossa relação com Ele esteja marcada pela sinceridade. É assim que o salmista, modelo de oração para nós, cristãos, se dirige a Deus: «Senhor, tu me examinas e me conheces, sabes quando me sento e quando me levanto. Penetras de longe os meus pensamentos, distingues o meu caminho e o meu descanso, sabes todas as minhas trilhas» (Sl 139, 1-4).

Todas as nossas lutas e os nossos esforços são familiares para o Senhor. Mesmo quando tropeçamos podemos conservar a paz, porque o Senhor conhece as intenções mais profundas do nosso coração. Por isso, S. Josemaria procurava que estivéssemos atentos à possibilidade de termos medo de nos olhar tal como somos diante de Deus: «Um meio para ser franco e simples?... Escuta e medita nestas palavras de Pedro: “*Domine, Tu*

*omnia nosti...*” – Senhor, Tu sabes tudo!»<sup>[1]</sup>. Nada nos dá mais paz do que esta proximidade de Deus, a quem não escapa nem o nosso mais pequeno propósito de amor.

---

A SINCERIDADE na relação com Deus leva a conhecer-nos em profundidade, a saber como é a nossa personalidade e a nossa maneira de ser, com as suas possibilidades para servir os outros e as suas limitações. «Compreendeste em que consiste a sinceridade – dizia S. Josemaria – quando me escreveste: “Estou procurando habituar-me a chamar às coisas pelo seu nome e sobretudo a não acrescentar adjetivos ao que não precisa de nenhum”»<sup>[2]</sup>.

O Apóstolo S. João escreve que «se dissermos que não temos pecado, nos estamos enganando a nós mesmos, e a verdade não está em nós» (1Jo 1, 8). Com efeito, é difícil encontrar alguém que afirme não ter defeitos e que assegure que nunca se engana. «E aqui há algo que nos pode enganar: dizendo “somos todos pecadores”, como quem diz “bom dia”, “boa tarde”, uma expressão habitual, um costume social, não temos verdadeira consciência de pecado»<sup>[3]</sup>. Quando se nos mete esta rotina encoberta, pode resultar mais complicado admitir as falhas pontuais e mostrarmo-nos necessitados. Mas S. João acrescenta que é precisamente nesse reconhecimento sincero que encontramos o perdão e a ajuda de Deus para nos purificarmos (cf. 1Jo 1, 9).

A sinceridade leva à concretização. O pecado não é algo abstrato, mas uma realidade que tem manifestações específicas no dia a dia. No nosso diálogo com Deus podemos *dar nome* às atitudes que nos afastam d’Ele e dos outros, e muitas vezes isso poderá traduzir-se em propósitos que alimentem a nossa luta pela santidade. Podemos pedir ao Senhor a sabedoria do concreto, para sabermos ser sinceros connosco próprios e assim amar Deus e os que nos rodeiam cada dia melhor.

---

NA ALTURA de nos conhecermos a nós próprios, podemos encontrar uma certa dificuldade por falta de perspetiva. A sabedoria popular expressa esta realidade com um refrão: «Médico, cura-te a ti mesmo!». Pelo pecado,

ou simplesmente por falta de suficiente distância, às vezes os juízos sobre nós próprios não são totalmente certos: falta-nos espaço para apreciar com calma e serenidade como percorrer determinadas etapas da vida. Por isso, Deus põe ao nosso lado pessoas que podem iluminar certas partes do caminho. Quando falamos da nossa vida com alguém que ganhou a nossa confiança, estabelece-se «uma das formas de comunicação mais belas e íntimas. (...) Permite-nos descobrir coisas até então desconhecidas até esse momento, pequenas e simples, mas, como diz o Evangelho, é precisamente das pequenas coisas que nascem as grandes»<sup>[4]</sup>.

Na direção espiritual encontramos o acompanhamento de uma pessoa que, às vezes só com a sua presença e outras com a sabedoria da sua experiência, nos pode ajudar a conhecer melhor Deus e nós próprios. S. Josemaria dava um pequeno conselho para estas conversas: «Ao abrires a tua alma, conta em primeiro lugar o que terias preferido que não se soubesse. Assim o diabo sai sempre vencido. Abre a tua alma com clareza e simplicidade, de par em par, para que entre, até ao último recanto, o sol do Amor de Deus!»<sup>[5]</sup>.

A ajuda da direção espiritual nem sempre se traduzirá em sugestões concretas para abordar um problema. Em algumas ocasiões, encontraremos luz com o simples facto de ser sincero, de pôr por palavras uma preocupação e de reconhecer com humildade que precisamos de ajuda. S. Josemaria, depois da experiência de vários anos a acompanhar e a ser acompanhado espiritualmente, anotava também: «Abriste sinceramente o coração ao teu Diretor, falando na presença de Deus... E foi maravilhoso verificar como tu sozinho ias encontrando resposta adequada às tuas próprias tentativas de evasão»<sup>[6]</sup>. Podemos pedir a Nossa Senhora que nos obtenha de Deus essa sinceridade com Deus, conosco próprios e com os outros, que nos faça almas cada vez mais simples.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 326.

[2] *Ibid.*, n. 332.

[3] Francisco, Meditação matutina, 29/04/2020.

[4] Francisco, Audiência, 19/10/2022.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 126.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 152.